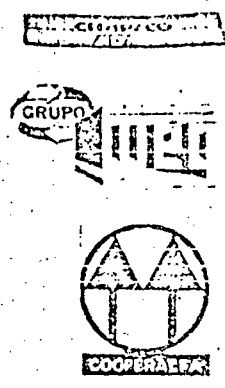


# Grupos Empresariais Catarinenses



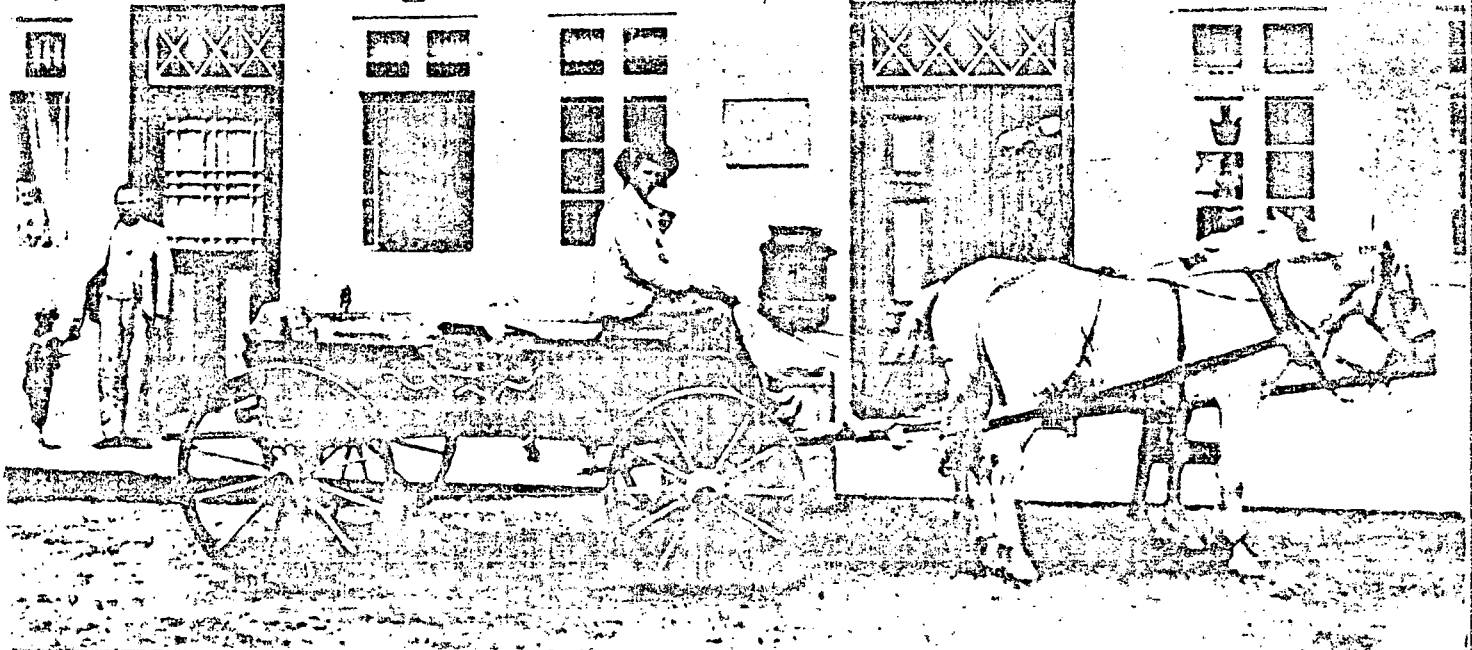
eliane

Origem,  
Evolução e

Perspectivas Para 1990

ADY VIEIRA FILHO

WAREN-LAGER VON WEIDFURCH HERING



Na casa da Rua 15 de Novembro, os Hering deram início à indústria têxtil de Blumenau.  
Na foto, junto à porta, Ernst Steinbach com o filho Erich e, à janela, a mãe Elise com Felix.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Universidade Federal de Santa Catarina  
Curso de Pós-Graduação em Administração

GRUPOS EMPRESARIAIS CATARINENSES:  
ORIGEM, EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS PARA 1990

ADY VIEIRA FILHO

Dissertação submetida à Universidade  
Federal de Santa Catarina para obten-  
ção do Grau de Mestre em Administra-  
ção Pública.

Florianópolis

1985

GRUPOS EMPRESARIAIS CATARINENSES:  
ORIGEM, EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS PARA 1990

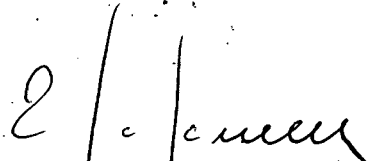
ADY VIEIRA FILHO

Esta Dissertação foi julgada adequada  
para obtenção do Título de

MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

e aprovada em sua forma final pelo  
Programa de Pós-Graduação.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Ubiratan Resende  
Orientador



Prof. Dr. Alcides Abreu



Prof. Dr. João Benjamin da Cruz Jr.



03943899

A Amazile por tudo o que somos -  
lutamos e vivemos compartilhando -  
hoje e sempre com Aruza e Paulo.



# INDICE

Pág.

ABSTRACT .....

INTRODUÇÃO ..... 1

## CAPÍTULO I

### 1. Fundamentação Introdutória

1.1. Antecedentes Históricos das Formas de Or  
ganizações ..... 4

1.2. O Conceito de Empresa Familiar ..... 5

1.3. A Cultura Empresarial e os Tipos Caracter  
rísticos ..... 5

1.4. Os Grupos Empresariais no Brasil ..... 7

1.5. O Conceito de Grupo ..... 9

1.6. Os Aspectos Legais Pertinentes ..... 10

. Bibliografia do Capítulo I ..... 12

## CAPÍTULO II

### 2. O Contexto Brasileiro - Antevisão Geral

2.1. Antecedentes Históricos ..... 13

. O Modelo Primário Exportador 1500-1930 .. 13

. O Modelo de Desenvolvimento Autônomo -  
1930-1964 ..... 20

. O Modelo de Desenvolvimento Associado e  
Dependente 1964-1984 ..... 25

. A Transição na Transição 1984-1985 .....	27
. O Desempenho da Economia Brasileira em 1984 .....	29
. A Política Econômica Brasileira Interna em 1985 .....	35
2.2. As Empresas Brasileiras	

### CAPÍTULO III

3. O Contexto Catarinense - Antevisão Geral	
3.1. A Região Sul .....	51
. O Desempenho da Economia Catarinense em 84 .....	59
3.2. As Microrregiões .....	67
. Evolução Demográfica .....	64
. As Microrregiões Seleccionadas .....	68
. 1.300 - Sul Catarinense - CARBONÍFERA ...	68
. 2.297 - Litoral de Florianópolis .....	69
. 3.294 - Colonial de BLUMENAU .....	71
. 4.292 - Leste Catarinense - Colonial JOIN VILLE .....	73
. 5.305 - Oeste Catarinense - Colonial do RIO DO PEIXE .....	75
. 6.306 - Oeste Catarinense - Colonial OES TE CATARINENSE .....	77
3.3. Os Gêneros e os Setores .....	79
. Os Critérios de Classificação e os fins .	

. Bibliografia do Capítulo III .....	84
--------------------------------------	----

#### CAPÍTULO IV

#### 4. As Empresas Catarinenses

4.1. Os Grupos Empresariais Catarinenses .....	86
4.2. O Assentamento Geográfico dos Grupos Empresariais Catarinenses em 1985 .....	95
. Microrregião CARBONÍFERA .....	96
. Microrregião JOINVILLE .....	96
. Microrregião FLORIANÓPOLIS .....	97
. Microrregião do VALE DO ITAJAI .....	97
. Microrregião VALE DO RIO DO PEIXE .....	98
. Microrregião OESTE CATARINENSE .....	98
4.3. Os Grupos Empresariais Selecionados .....	104
. Bibliografia do Capítulo IV .....	109

#### CAPÍTULO V

#### 5. Origem e Evolução dos Grupos Empresariais

. 1.300 - Sul Catarinense - Carbonífera .....	110
- O carvão e os Azulejos do Seo Diomício .....	110
- Os Pisos e Azulejos do Seo Nilo ...	111
. 2.297 - Litoral de Florianópolis .....	115
- Os canaviais dos Gomes .....	115
. 3.294 - Colonial de Blumenau .....	117
- As malhas brancas de Hermann e Bruno .....	118

- Os Acolchoados e Camisas de Paul Kuehnrich .....	121
- As Toalhas de Teófilo Zadrosny ....	123
- As Camisas de Paul Frische .....	124
. 4.292 - Colonial de Joinville .....	134
- As conexões hidráulicas de A. Schmidt .....	134
- Os Pentes de Chifre e os Cachimbos de João HANSEN Junior .....	135
- Os motores elétricos de Werner, Egon e Geraldo .....	136
. 5.305 - Colonial do Rio do Peixe .....	144
- Das vendas de bolachas da Festa de São Pedro aos produtos SADIA .....	144
- Do gosto pelo Balcão aos Produtos PERDIGÃO .....	145
. 6.306 - Colonial Oeste Catarinense .....	164
- Os produtos CHAPECÓ do Seo Plínio .	165
- A Cooperativa do Seo Aury .....	166
- Bibliografia do Capítulo V .....	177

## CAPÍTULO VI

6. Perspectivas para 1990 - As Condicionantes Externas .....	180
6.1. Perceptivação Conceitual .....	180
6.2. A Nova República A Reordenação do País e as Metas para 1990 .....	186

6.3. A Região Sul e as Oportunidades de Santa Catarina .....	205
6.4. Os Grupos Empresariais e Perspectivas para 1990 .....	215
. 1.300 - Sul Catarinense - Carbonífera ...	216
- O Grupo Diomício FREITAS .....	217
- O Grupo MAGASA - M. GAIDZINSKI ..	217
. 2.297 - Litoral de FLORIANÓPOLIS .....	219
- As Empresas USATI. PORTOBELLO ...	220
. 3.294 - Colonial de BLUMENAU .....	223
- O Grupo Cia HERING e Associadas .	224
- O Grupo TEKA S.A. ....	227
- O Grupo ARTEX S.A. ....	229
- O Grupo SULFABRIL S.A. ....	228
. 4.292 - Colonial de Joinville .....	231
- O Grupo Ind. Fundação TUPY S.A..	232
- O Grupo HANSEN .....	233
- O Grupo WEG .....	235
. 5.305 - Colonial do RIO DO PEIXE .....	239
- O Grupo SADIA S.A. - Cias Abertas .....	239
- O Grupo PERDIGÃO - Ind.e Comércio .....	242
. 6.306 - Colonial OESTE CATARINENSE .....	243
- O Grupo CHAPECÓ .....	244
- O Grupo Alfa Central .....	245

- Bibliografia do Capítulo VI .....	247
CAPÍTULO VII	
7. Conclusões .....	248
7.1. Comprovação das Hipóteses .....	248
. O HOMEM .....	248
. O MEIO .....	251
. O ESTADO COMO AGENTE REGULADOR DA ECONOMIA .....	253
. O MERCADO .....	260
7.2. Análise, Perfil e Importância dos Grupos Empresariais no Contexto Catarinense ....	264
7.3. Correlação dos Grupos Empresários Catarinense com as Empresas Brasileiras .....	269
. Bibliografia do Capítulo VII .....	273
8. Bibliografia Geral .....	274

## INTRODUÇÃO

A elaboração de uma dissertação de Tese de -  
marca a linha que envolve a conclusão de um curso de  
Pós-Graduação em Administração Pública - a nível de  
mestrado - e, o início da carreira de pesquisador.

A pesquisa, exige, paciência, energia, meta,  
tempo, dinheiro e muito trabalho. Deste modo, foi ne-  
cessário a ordenação das idéias à realidade das organi-  
zações. Circunstancialmente são variáveis que inte-  
gram a própria essência da pesquisa científica no Bra-  
sil.

A instrumentalização desse projeto teve como  
objetivo dirigir o autor na elaboração da dissertação  
sobre "OS GRUPOS EMPRESARIAIS CATARINENSES - Origem,  
Evolução, e, Importância no Contexto Econômico e So-  
cial de Santa Catarina".

As hipóteses levantadas sobre a origem, evo-  
lução e perspectiva baseiam-se: 1) nas condições climá-  
ticas e na riqueza do solo existente em Santa Catari-  
na, 2) nas setas favoráveis da política econômica do  
governo federal, 3) na expansão dos mercados; regio-  
nal, estadual, nacional, e, internacional, e, 4) con-

têm um certo grau de audácia, pioneirismo e iniciativa dos titulares desses mesmos grupos.

O estudo do tema tem dupla importância. De um lado serve para identificar a origem, evolução e importância no contexto estadual, que possibilite a análise do fenômeno na empresa catarinense (Tipificação, e, comparação) com os sistemas empresariais existentes (coerentes e compreensivos). Do outro permitir determinar afinidades e diferenças entre as diversas políticas de expansão em ramos e épocas distintas. Limitado a seis micro-regiões e aos 15 maiores grupos existentes, que na realidade são 14, pois considerou-se a CEVAL controlada da CIA HERING S.A. e Associados.

Todo o desenvolvimento do Trabalho está voltado a sistematização de uma literatura que coloque em evidência um referencial bibliográfico sobre a história o surgimento dos grupos, seus fundadores, perfil empresarial, plano de expansão e perspectiva desses conglomerados no futuro próximo (1990). Visto a partir do contexto Mundial, Nacional, Regional e Estadual.

Aqui reside o aspecto monográfico mais importante da dissertação; resgatar o passado, interpretar o presente, e sobre eles desenhar o futuro, mas do que catalogar, analisar, e, interpretar está a percepção e vivência dos titulares que interfaceia-se com a sensibilidade do autor, sem fechar ou esgotar o tema.



A metodologia adotada buscou estudar cronológica e historicamente as mudanças quantitativas e qualitativas dos sistemas empresariais catarinenses, desde 1880 até 90, e, os modelos econômicos brasileiros de 1500 a 90.

A bibliografia extensa e variada são de autores brasileiros, e, principalmente catarinenses.

Neste estudo utilizou-se, ainda, a técnica de entrevista oral. Os informantes foram os titulares dos grupos, secundados algumas das vezes, por executivos e assessores imediatos. Todas as seções dos grupos foram visitadas, e, as entrevistas gravadas ou taquigrafadas.

As ilustrações deste estudo (fótos e documentos) foram fornecidas pelos próprios empresários.

## ABSTRACT

The elaboration of a dissertation is the stepping stone which includes the conclusion of a program in Public Administration - Master's degree - as well as the beginning of a career as researcher.

To do research involves patience, energy, objectives, time, money and a lot of work. As such, we need a complete reevaluation of the ideas to match the organization's reality. By circumstance these are variables that integrate the essence of scientific research in Brazil.

The instrumentalization used in the project aimed at directing the author on the production of a dissertation on Enterprise-Groups in Santa Catarina - their origin, evolution, and importance in a social-economical context in Santa Catarina.

The hypotheses took under consideration the origin, evolution and perspective and were based upon :

1. climatic conditions as well as the wealth existing in the soil;
2. the favorable arrows coming from the Federal Government economical policy;
3. the variation of the market on its regional, state, national and international power to expand; and, with a certain degree of audacity pionerism and initiative of the top

managers.

The theme can be seen from two important points. First one, the objective is to identify the origin, evolution as well as the importance in a state context, so that we can analyse the phenomenon as a Catarinense Enterprise (typification, and comparison) to existing systems (coherence, understanding). From the other, to enable us to determine affinities and differences among several expansionistic policies in different branches as well as epochs. The groups studied were limited to 6 (six) micro-regions and to 15 major existing groups - that in reality are 14 since we considered CEVAL - controlled by Hering & Co. and Associates.

The body of our Research Paper deals with the systematization of a literature that puts in evidence a bibliographical reference on the history, how the groups appeared; their founders; enterprenewship, plan to expand and perspectives for the near future - up to (1990); considered from a world, national, region and national point of view. This is the main point, to bring back the past, reinterpret the present and from them - past and present - design the future. This is more than merely a catalogue, analysis and interpretation of facts. Here comes the perception and living experiences of the creators, intermingled with the

author's sensitivity which does not close up or extinguish the theme.

As the methodology, we tried to study chronologically and historically the qualitative and quantitative changes of those groups from 1880 to 1990 as well as the economical models adopted in Brazil from 1500 to 1990.

The bibliography was vast and varied including Brazilian and Catarinense authors.

We also used oral interviews. The informers were the owners of these enterprises, who, at times, were surrounded by their senior or junior advisors. We visited the whole conglomerate including the sections where we recorded or sped-wrote the interviews.

The pictures as well illustrations were furnished by the enterprise owners.

## RESUMO

O presente trabalho buscou resgatar a história do surgimento dos 15 maiores Grupos Empresariais Catarinenses, da evolução e perspectivas para 1990. Vista a partir de depoimentos dos titulares desses mesmos grupos e instrumentada com análise global sobre o Contexto Econômico e Social Mundial, Nacional, Regional, Estadual e Microrregional.

O exercício acadêmico reconstitui o passado, interpreta o presente e sobre ele desenha o FUTURO sem fechar questões ou esgotar o tema.

Metodologicamente o conteúdo desdobra-se em sete partes interdependentes, são elas:

1. A Fundamentação Introdutória - que pinça de autor brasileiro os conceitos básicos sobre: a) o desenvolvimento do sistema de fábrica, b) empresa familiar, c) cultura empresarial, d) o surgimento dos grupos empresariais no Brasil e o moderno conceito de grupo.

2. O Contexto Brasileiro - subdividido em dois subitens: 2.1. - descreve a partir de 1500 os antecedentes históricos e os três modelos econômicos brasileiros até 1985. (a) 1500-1930 - Primário-Exportador, (b) 1930-1964 - de Desenvolvimento Autônomo e (c) 1964-

1984 - Associado Dependente. 2.2 - As Empresas Brasileiras com o propósito de estabelecer parâmetro para análise e perfil da importância dos grupos catarinenses no cenário nacional.

3. O Contexto Catarinense subdividido em três itens: 3.1 - A Região Sul (O Desempenho da Economia Catarinense), 3.2 - As Microrregiões e 3.3 - Os Gêneros e Setores.

4. As Empresas Catarinenses subdivididas em três itens: 4.1 - Os Grupos Catarinenses, 4.2 - O Assentamento Geográfico dos Grupos Empresariais em 1985 e 4.3 - Os grupos empresariais selecionados. (Razões).

5. A Origem e a Evolução dos Grupos Empresariais Catarinenses de 1880 - com as malhas brancas de Hermann e Bruno Hering até a Cooperativa do Seo Auty e seus 26 associados em 1967.

6. As Perspectivas e Condicionantes Externas para 1990 subdivididos em quatro itens: 6.1 - O Mundo em 1990, 6.2 - A Nova República - A reordenação do País e as Metas para 1990, 6.3 - A Região Sul e as Oportunidades de Santa Catarina, 6.4 - Os Grupos Empresariais e as Perspectivas para 1990. Do Conglomerado Cia Hering Associadas ao Conglomerado Alfa/Central Ltda.

7. As Conclusões subdivididas em três itens: 7.1 - Comprovação das Hipóteses, 7.2 - Análise, Perfil

e Importância dos Grupos Empresariais no contexto Catarinense, 7.3 - Correlação dos Grupos Catarinenses com as Empresas Nacionais.

Finalmente a bibliografia extensa e variada é de autores brasileiros e, principalmente, catarinenses. As ilustrações deste estudo (fotos e documentos) foram fornecidas pelos próprios empresários.

CAPÍTULO 1



## 1. FUNDAMENTAÇÃO INTRODUTÓRIA

### 1.1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

As formas de organizações empresariais evoluíram a partir de Adam Smith, o criador da empresa moderna. No entanto, foi com Arkwright, anos mais tarde que a implantação do sistema de fábricas cristalizou-se. O seu aprimoramento veio com o grande surto de desenvolvimento econômico do século XIX.

As evoluções surgiram com a expansão das empresas comerciais internacionais. O passo seguinte foi o surgimento das grandes organizações.

O avanço tecnológico aprimorado nas duas grandes guerras mundiais inovou a antiga estrutura de projeto enriquecida pela introdução da estrutura matricial. A base funcional foi substituída pelo modelo multidirecional e esta pelo conglomerado. Hoje não se pode fraccionar as organizações entre pequenas, médias e grandes, mas entre: micros, pequenas, integradas e diversificadas.

## 1.2. O CONCEITO DE EMPRESA FAMILIAR.

A empresa familiar é aquela que se interliga à família. Por tanto, interação e influência recíproca, há pelo menos duas gerações. O aspecto mais característico na empresa familiar diz respeito aos fatores hereditários que predominam na estrutura de sucessão da Diretoria, cujos valores institucionais da empresa se interfaceiam com um sobrenome de família ou com a figura do fundador.

## 1.3. A CULTURA EMPRESARIAL E OS TIPOS CARACTERÍSTICOS

Ao longo dos anos muitos cientistas procuraram formas que facilitassem indagações e respostas sobre a maneira de agir desses empresários: Audácia? Interesse Científico, Segurança, Cobiça, e/ou Fascinação Tecnológica?

Um dos cientistas, para poder estabelecer tipos característicos, expurgou os puros exemplos de empresas que desmascaravam e denunciavam o sistema, e, entendeu desenvolver sua pesquisa em cima das empresas

exemplares e executivos beneficiários do sistema. - Assim pôde caracterizar e tipificar os empresários, que entre outros, apresenta-se três:

- a) O ARTESÃO - Mantenedor dos valores tradicionais e do caráter reprimido. O valor do trabalho, o respeito pelos indivíduos, e o desejo pela qualidade e economia.

Seu perfil revela tranquilidade, espírito modesto e praticidade. Porém, o fato de querer as coisas no lugar não lhe possibilita dirigir uma organização complexa em constante mutuação.

- b) O LUTADOR DAS SELVAS - Busca sempre o poder. Ele se divide em dois tipos: Os LEÕES e as RAPOSAS. Os primeiros são animais que se alimentam de outros organismos, ou constroem impérios administrativos. As segundas (raposas) tecem seus caminhos nas hierarquias e sobem sigilosamente por meios não muito lícitos.

- c) O JOGADOR - É o mais novo dos tipos. Os objetivos evidentes são: a) desafio, e, b) o sentido da missão. Sua característica é o risco que o estimula. Embriaga-se pelas novas idéias, as novas técnicas, e, sobretudo, os atalhos mais recentes.

Em verdade, o jogador moderno gosta de mudan

ças, e tenta influir no curso delas. Ele extrapola as avaliações segundo as categorias morais tradicionais. Antes de tentar ser compassivo é imparcial. Sem suspeitar, a empresa moderna atual beneficia a divisão "esquizoide" entre o coração e a mente, premiando os "grandes lances" de inteligência e frieza do coração. (LODI, J.B., 1981. p. 5, 62, 63, 65, e, 82).

#### 1.4. OS GRUPOS EMPRESARIAIS NO BRASIL

##### ORIGEM

O surgimento dos grupos empresariais no Brasil, está relacionado, entre outras, às seguintes razões:

- a) Ao modelo institucional brasileiro dos últimos 30 anos voltado à condição de potência emergente que exigiu a implantação de estruturas fortes para fazer face às multinacionais;
- b) Algumas empresas contempladas pela política econômica do governo (em alguns momentos) teriam conseguido vencer os problemas de expansão, e sobreviver à diversifi

cação dos seus negócios; e,

- c) Após os anos 60, o frágil capitalismo nacional pode atingir o estágio de concentração relativa do poder econômico.

### OS FATORES RESULTANTES

O Brasil é hoje a 8<sup>a</sup> economia do mundo ocidental. Num estágio mais avançado estaria facilitando, com sua estrutura, a constituição jurídica dos grupos para um novo posicionamento no cenário mundial. E os grupos seriam os instrumentos.

Esses grupos nasceram como frutos dos seguintes fatores:

1. A limitação da economia brasileira tolheu o crescimento linear, somente permitindo a diversificação para algumas empresas grandes numa economia pequena;

2. a necessidade de diversificação dos riscos possibilitou os negócios independentes com menores riscos e permitiu vencer as crises setoriais crônicas;

3. o artifício dos "espaços vazios" nacionais e regionais que o governo usou para orientar os recursos privados respaldados pelos decantados "incentivos fiscais".

## A DIVERSIFICAÇÃO HORIZONTAL E INTEGRAÇÃO VERTICAL - o caminho para a formação do grupo

A interface das duas variáveis permitiu a geração de diversos "centros de lucros" ou negócios independentes que se transformaram em empresas. A administração fragmentada dessas empresas, controladas pelo mesmo acionista, deu lugar à tarefa integrativa para uma administração central. A isso passou-se a chamar "GRUPO".

### 1.5. O CONCEITO DE GRUPO

É uma associação de empresas, com fins comuns, com personalidade jurídica própria, para:

- a) dar consistência (parte e tamanho) que facilite as relações onde está inserido(a);
- b) ajustar-se à lei mais conveniente, e manejo de recursos financeiros, físicos, humanos e de informações entre as empresas para certas duplicações de meios para um mesmo fim;
- c) relocar recursos e facilitar a transferência de uma para outra empresa;

- d) racionalizar as operações e poder das afiliadas, passando as tarefas globais à administração central, e,
- e) separar o Planejamento do Controle. O primeiro é função do Grupo, e o segundo é função de cada afiliada de "per si".

## 1.6. OS ASPECTOS LEGAIS PERTINENTES

A lei nº 6404 de 15 de Dezembro de 1976 estabelece de forma clara o procedimento para constituição de grupos de sociedades. O critério é o da convenção, em que as sociedades controladoras e suas controladas se obrigam a combinar recursos ou esforços para realização dos objetivos, ou a participação de atividades de empreendimentos comuns. É obrigatório que o comando do grupo deva ser brasileiro, como também a natureza das relações devam ser estabelecidas por e/nas convenções do grupo, mantendo cada sociedade integrante personalidade própria inclusive patrimônio (LODI, J.B; 1981, p. 137 a 142).

Na verdade, o que se pretende na fundamentação introdutória dessa pesquisa é:

Como se desenhou a Origem, a Evolução, e, sobretudo, como será o futuro dentro do qual esta perspectiva dos grupos se vai dar?

Porque 1990 está ali. Mas entre 85 e 90 há um momento provável no qual esta trajetória será descrita para que os grupos cheguem lá. Portanto, é preciso responder primeiro em qual contexto econômico se deu. É o que vai-se apresentar no capítulo 2.



## BIBLIOGRAFIA

### CAPÍTULO I

#### 1. FUNDAMENTAÇÃO INTRODUTÓRIA

LODI, João Bosco. A Empresa Familiar, Livraria Pioneira Editora Ltda, São Paulo, 1978. p. 49 a 142.

\_\_\_\_\_. O Fortalecimento da Empresa Familiar. Livraria Pioneira Editora Ltda. São Paulo, 1984.

VASCONCELOS, Augusto, e NOGUEIRA, Roberto Goulart de Oliveira. R.J. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1 a 6.

CAPÍTULO 2

2. O CONTEXTO BRASILEIRO  
ANTEVISÃO GERAL

## 2. O CONTEXTO BRASILEIRO

### 2.1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

#### 1500 - 1930 - O MODELO PRIMÁRIO-EXPORTADOR

A história econômica brasileira remonta do século XV. As circunstâncias do Mundo Europeu, impuseram, fora das regiões ligadas à grande empresa (militar-mineira) espanhola, e Portugal, a missão de encontrar meios de utilização econômica das terras brasileiras. A princípio, a exploração das terras foi para Portugal uma empreitada inviável. A partir da segunda metade do século XVI, quando a Holanda dominava a grande expansão do mercado de açúcar na Europa é que Portugal teve condições de êxito na colonização do Brasil. Os holandeses alocaram seus excedentes de capital para financiar as instalações produtivas no Brasil, bem como importação de técnicas e Mão de Obra escrava. Coube a Portugal entrar com a experiência do cultivo da cana de açúcar nas ilhas Atlânticas. O sucesso da grande empresa agrícola do século XVI, no Brasil, (única na

época) foi a razão de ser da presença portuguesa no continente.

No século XVII, com a alteração das relações de forças na Europa, e predominância dos países excluídos do Tratado de Tordesilhas, Portugal já tinha o domínio efetivo da parte que lhe cabia.

Com a incorporação de Portugal pela Espanha, o contexto político onde floresceu a empresa agrícola (base da colonização) foi alterado profundamente. A guerra que a Espanha promoveu contra a Holanda, durante este tempo, tem repercussões enormes na colônia brasileira. E os motivos foram evidentes. A Holanda detinha todo o comércio dos países europeus pelo mar, além de distribuir açúcar pela Europa. Portanto, sem apoio holandês era impraticável escoar a produção da colônia. Isso coincide com a decadência da economia espanhola, devido à descoberta precoce de metais preciosos que invadiram a Europa. Os holandeses aproveitaram para invadir a colônia e com o conhecimento de todos os aspectos técnicos e organizacionais da indústria açucareira criam condições (implantam e desenvolvem) uma indústria concorrente no Caribe.

Decorrentemente, perde Portugal o monopólio do Açúcar, e, antes da metade do século XVII subtrai o máximo de rentabilidade com a empresa agrícola colonial. Libertos dos Holandeses, os acordos com a Inglaterra

terra em 1642, 54 e 61 vão propiciar mudanças profundas nas economias de Portugal e Brasil, durante os dois séculos seguintes. O problema fundamental para consecução do acordo de 1642 era a sobrevivência da Colônia. E para garantir os investimentos ingleses foram concedidos privilégios e influências aos comerciantes pelo governo de Portugal. No entanto, devido à desorganização do mercado do Açúcar, somente no início do século XVIII é que se alteraria os termos do problema. O acordo de 1703 com a Inglaterra constitui peça fundamental no curso dos acontecimentos. Inicialmente, Portugal pôde conservar sua posição política e consolidar, em definitivo, a ocupação do território brasileiro. Depois, o Ciclo do ouro propiciou um sistema mais integrativo, mesmo cabendo a Portugal papel secundário de simples entreposto inglês na Europa. Na verdade, a economia do ouro trouxe a Portugal apenas uma riqueza aparente. Pois, como afirmou POMBAL: "Os próprios negros que trabalhavam nas minas tinham que ser vestidos pelos ingleses". Ao final do século XVIII ver-se-á a decadência da mineração no Brasil. Nessa época a Inglaterra estava em plena Revolução Industrial. E para isso necessitam eliminar as amarras da era mercantilista. O problema básico inglês passou a ser a abertura de grandes mercados europeus para suas manufaturas. Circunstancialmente, as Guerras Napoleônicas na Europa, trouxeram o Governo Português para o

Brasil, sob a tutela inglesa, operando-se a independên-  
cia sobre a descontinuidade na chefia do governo lo-  
cal. Os privilégios econômicos que se beneficiava a  
Inglaterra em Portugal, transferem-se sintomaticamente  
para o Brasil. Os acordos de 1810 foram firmados com  
a garantia da Inglaterra de que nenhum governo impos-  
to por Napoleão em Portugal seria reconhecido. A con-  
trapartida vem após a independência do Brasil, em 1827,  
onde, por tratado, o Governo Imperial Brasileiro reco-  
nhece a Inglaterra a sua situação de potência, autodes-  
truindo sua própria soberania no campo econômico. Os  
primeiros cinquenta anos do século XIX, consolidam: a)  
A Transição; b) A Integridade Territorial e c) Firma-  
se a independência política. Sem embargo, o sentido de  
seu desenvolvimento econômico veio paralelamente na me-  
dida que a cultura do café tornou-se importante na Eco-  
nomia Brasileira, e, se efetua as extensões das rela-  
ções comerciais com os Estados Unidos.

Na verdade, o Brasil na metade do século XIX  
não difere, em nada, do que tivera sido nos três sécu-  
los anteriores. A expansão cafeeira da 2ª metade do  
século XIX modifica as bases do sistema econômico. O  
café ao se transformar em produto de exportação traz  
o desenvolvimento de sua produção para as regiões mon-  
tanhasas próximas à capital do país. Em consequência  
da desagregação da economia mineira, absorve a abun-  
dante mão-de-obra existente. A proximidade do porto

soluciona as dificuldades com transporte. Esta fase propiciou o surgimento de uma nova classe empresarial que desempenhou um papel significativo no desenvolvimento subsequente do país.

Desde o começo, sua elite compunha-se de homens com experiência comercial. Isto permitiu a interação produção e comércio entrelaçados no país, e não como acontecera com os setores açucareiros onde o comércio era definido pelos portugueses e holandeses que orientavam a produção do exterior.

Um outro fator importante advém do fato de que a classe dirigente cafeeira formou-se na tentativa de luta que se estendeu por todo o processo industrial: aquisição de terras, recrutamento de mão-de-obra, organização e direção da produção, transporte interno, comercialização, contatos oficiais e intervenção na política econômica.

Ressalta-se que a aproximação com a capital do país foi estrategicamente um Trunfo valioso dos dirigentes da economia cafeeira. Aliou-se a isso a descentralização do poder, que permitiu uma integração ainda mais completa dos grupos integrantes das empresas cafeeiras com a máquina política administrativa.

Vista no seu conjunto a Economia Brasileira atingiu uma taxa alta de crescimento em 1890. Todas as condições foram favoráveis à expansão da cultura do



café no Brasil. Nessa época, os empresários brasileiros controlavam três quartas partes da oferta mundial desse produto. Este mecanismo de proteção à economia cafeeira funcionou até 1930.

Historicamente, os dez primeiros anos deste século foram de excepcional prosperidade para os países industrializados. Opostamente, o consumo do café mantivera-se estável. Em valores de 1950, entre 27 a 29 os estoques de café somavam 29 bilhões de cruzeiros.

A política de defesa do setor cafeeiro contribuiu para manter a procura efetiva e o nível de emprego nos outros setores da economia. O financiamento externo dos estoques de café evitava, em contrapartida, o desequilíbrio da Balança de Pagamentos. A crise reduziu em cerca de 50% a capacidade produtiva dos cafezais, em apenas 15 anos. Ao mesmo tempo que se contraíam as rendas monetárias externas, subiam os preços relativos das mercadorias importadas. Este fator dinâmico permitiu o aumento da procura interna nessa fase de depressão. Ao manter a procura interna em maior escala que a externa, o setor que produzia para o mercado interno passa a propiciar melhores condições de inversões que o setor exportador. A partir de 1933, as atividades relacionadas ao mercado interno cresciam e estimuladas por seus maiores lucros, recebiam aportes de capitais que se formavam ou desinvertiam no setor de exportação. O setor ligado ao mercado interno pas-

sa a ter dificuldade para aumentar sua capacidade, sem que importassem equipamentos. A causa evidente era a depreciação do valor externo da moeda. Talvez, por isso, a expansão da produção, no início, deveu-se ao aproveitamento da capacidade instalada. O exemplo mais evidente desta afirmação vem da indústria têxtil de então, cuja produção aumentou nos anos subsequentes a crise, sem que a capacidade de produção tivesse sido aumentada.

Muitas fábricas, principalmente, as de maior vulto instaladas no Brasil durante a depressão, foram com equipamentos de outras fábricas que haviam fechado suas portas em países mais diretamente afetados pela crise industrial.

O aumento da demanda de bens de capital e a forte elevação dos preços de importação desses bens propiciaram condições de instalação de uma indústria embrionária de bens de capital.

Em 1932, ano mais baixo da depressão no Brasil, a produção de bens já havia aumentado em 60% com referência a 1929. A produção industrial cresceu 50% entre 1929 e 1937, e a produção primária para o mercado interno em 40%, no mesmo período. Deste modo, mercê da depressão de fora, a Renda Nacional aumentará 20% entre aqueles dois anos.

O processo de industrialização começou no Bra

sil em quase todas as regiões. Foi no Nordeste que se implantaram, após, a reforma tributária de 1844, as primeiras manufaturas têxteis modernas. Entretanto, superada a 1ª fase de ensaios, o processo de industrialização tendeu à concentração.

A etapa de concentração ocorreu durante a 1ª Guerra Mundial, época em que teve lugar a primeira fase da aceleração do crescimento industrial (Furtado, Celso. 1963. p. 14-255).

#### 1930 - 1964 - O MODELO DE DESENVOLVIMENTO AUTÔNOMO

Se de um lado, a 1ª Guerra Mundial permitiu a exaltação da consciência nacional e a percepção de que éramos um país periférico e dependente, do outro, ficou claro que o país tinha esgotado todas as condições de crescimento da economia fundada na expansão da produção de café. Este fato teve muita relação com o contexto global e com as modificações que aconteceram no mundo a partir do conflito mundial.

Inicialmente, o eixo do poder desloca-se da Europa para a América do Norte, devido, principalmente, ao desgaste das grandes potências européias (Inglaterra, França, Alemanha e Itália).

O Brasil passa da constelação inglesa à Ame-

ricana, novo centro do poder mundial.

A Europa Ocidental emerge em crise, social e política, provocando ampla confusão. O espectro da guerra, acelera a inflação, impõe precárias condições de vida e emprego pelas fraquezas das autoridades e governos. Surge a segunda (2ª) fase da Revolução Industrial fundada no Petróleo, Automóvel e Avião. Em 1917 ocorre a Revolução Socialista na Rússia.

Em verdade, o bloqueio econômico internacional, provocado pela guerra, coloca a economia brasileira diante da alternativa evidente: O Mercado Interno.

Com o deslançar do processo de industrialização, o empresário adquire crescente presença na sociedade brasileira e passa a participar do processo político. Com a indústria crescem o comércio e os serviços em geral. O poder político assume outra postura e perspectiva. Prestigia a população urbana em detrimento do latifúndio exportador. Decorrentemente o crescimento industrial aumenta o número de trabalhadores. Surgem as organizações sindicais. O ponto convergente desse novo quadro é a contestação ao regime político vigente, nas mãos da aristocracia rural.

A revolução de 1930, impregnada de sentimentos "nacionalistas", rompe o ciclo com o sulista VARGAS guindado ao poder. No melhor "jeitinho brasileiro" (sem traumatismo grave) administra durante quinze

anos a transição da sociedade brasileira agroexportadora para sociedade urbana-industrial.

Na nova dimensão econômica cresce a posição em defesa da expansão da indústria nacional e da necessidade de proteção à indústria contra a concorrência das estrangeiras. Em 1928, já estava funcionando o Centro das Indústrias de São Paulo. A industrialização está afeta à liderança da empresa nacional. A Revolução de 1930 traz, apesar das contradições, nova fase à vida nacional. Com 150 anos de atraso, em relação ao centro, o Brasil opta pela diversificação na Era Industrial. Fundamentalmente a indústria se desenvolveu com base no processo de substituição de importações. (produzir no país o que vinha do exterior). As etapas desse processo teriam três fases: a) produção de bens de consumo não duráveis (imediatos); b) produção de bens de consumo duráveis, e, c) produção de bens de capitais e de insumos básicos.

Os bens de consumo duráveis firmaram-se na década de 50, na segunda fase do processo de industrialização.

Basicamente esta fase exigiu ampliação e aperfeiçoamento da infra-estrutura, principalmente: Energia e Transportes. (Abastecimento do mercado consumidor e suprimento de matérias-primas às indústrias produtoras).

A substituição de importação é feita com capital externo, vinculado à nova potência, e a contrapartida dá-se através da implantação no país de subsidiárias dos grupos que antes forneciam seus produtos industrializados. Cresce, por decorrência, a influência externa. O capital externo passa a ser orientado para o setor industrial. (Dos 23.0 milhões de dólares em 1931, sobe para 557.0 milhões de dólares em 1950). Mercê do jogo de poder e de interesses, Vargas consegue êxito no setor de Segurança (Petróleo e Siderurgia).

As inversões externas de capitais possibilitam a ocupação de vários ramos importantes (dinâmicos e rentáveis). O governo não consegue com objetividade formular uma política econômica, senão em curtos períodos. O empresariado brasileiro, com escassez de capital, tecnologia e capacidade gerencial, fica sem condições de competitividade e conseqüentemente perde terreno. A queda de Vargas, em 1954, representa a interrupção do projeto orientado para a implantação e expansão da indústria de base (Produção de Bens de Capitais).

Logicamente o panorama mundial na década de 50, exerce grande influência nas mudanças que se processam a nível interno. São exemplos: a) Reconstrução econômica dos países da Europa com auxílio americano ; b) Crescente transnacionalização das grandes corpora-

ções econômicas, principalmente americanas; c) Início do processo de projeção industrial do Japão, que se consolida nos anos 50, e, d) Minimização da "Guerra-Fria" e o início do processo de "distensão" e "aproximação" entre USA e URSS.

A criação da Comissão BILDERBERG para tratar de assuntos de harmonização e interesses de grandes banqueiros, permite aos grandes conglomerados assumir (fora dos governos e poder político dos Estados) e exercer influência nos rumos da sociedade em âmbito mundial.

Em 1955, Juscelino encontra meios oficiais para promover o desenvolvimento a partir de um centro dinâmico (São Paulo) crente que o dinamismo desse centro (em círculos concêntricos cada vez mais amplos) levaria a contagiar outras áreas e regiões do país. Um dos efeitos desta política foi a estagnação e atraso (e mesmo a perda de terreno) das demais regiões.

Historicamente, nos dois primeiros séculos de colonização, o centro econômico da colônia foi o Nordeste. No século XVIII desloca-se para Minas Gerais e Rio de Janeiro com a mineração. Depois da Independência, com o café, o Rio de Janeiro e São Paulo. No Século XX, quando a economia se expande, a concentração ocorre na Região Sudeste de São Paulo e Rio de Janeiro, especialmente.

O evento marcante do processo de industrialização ocorre em 50, com a superação sob a agricultura no contexto total das riquezas produzidas. De 1961 a 1964 o país entra numa fase crítica (estagnação e recessão). O mercado interno, pela má distribuição da Renda, é comprimido. A inflação dispara. O mercado externo sem espaço, dominado pelas economias mais evoluídas, constrange a indústria nacional. O ambiente torna-se propício à ação anti-governo, que se intensifica em 63 e derruba-o em 1964. Um movimento que na verdade teve início em 1954, com a morte de Getúlio.

#### 1964 - 1984 - O MODELO DE DESENVOLVIMENTO ASOCIADO E DEPENDENTE

A centralização do poder constitui o mecanismo político fundamental para o processo de concentração econômica. Logo em 1966, ela se efetivava com a centralização dos tributos nos cofres federais, permitida pela Reforma Tributária.

São eliminadas as barreiras fiscais para o ingresso de capitais externos e facilitação de remessa de lucros.

O modelo econômico adotado tem características das sociedades com alto grau de desenvolvimento



e padrão de vida elevada. Ele beneficia o consumo de bens duráveis sofisticados, favorecendo as empresas que atuam neste setor.

Abrem-se as portas para as empresas estrangeiras. Apela-se para o endividamento externo e a dependência tecnológica. A estagnação de 1962 estendeu-se até 1967. O contexto mundial favorece a expansão da economia brasileira. De 1967 a 1973 o crescimento econômico apresenta índices elevados.

A partir de outubro de 1973, a crise do petróleo e as altas de preços de matérias-primas essenciais, e, de produtos industriais que o país importa agravam a situação.

O mercado interno se retrai e satura. A inflação foge ao controle do governo. Os novos padrões de industrialização voltam-se ao setor de bens de produção, favorecendo: a) indústria básica; b) grande mineração, e, c) a expansão do setor energético. As empresas brasileiras são concitadas a ocupar os "espaços vazios" com estímulos do governo. Objetivamente o Governo instrumentaliza a criação do grande capital baseado em grandes complexos. O complexo financeiro industrial.

No período 1974 a 1978 a inflação se manteve com taxa de cerca de 40% ao ano.

O novo Governo, em 1979, torna o combate à inflação a meta nº 1. "A meta das metas". Nesse ano atinge 77,2% e, em 1980-110,2%. O modelo dependente de desenvolvimento baseado na expansão da grande empresa, no capital externo e na tecnologia importada aprofunda a interdependência da economia brasileira, em razão dos países industrializados. O endividamento externo, em onze anos (70/81 de 5.3 bilhões de dólares para 60 bilhões). A tônica da política econômica refreia a economia e a atividade industrial (79/81). Em 1982, ela foi revertida para conciliar e harmonizar "dentro de limites adequados" a manutenção do crescimento da economia com a política gradual de combate à inflação. As alterações que se sucedem ao longo de 81 e 82, na política econômica, enquadram o país às regras impostas pelo FMI. (Brum, Argemiro J. 1982. p. 20 a 205).

#### 1984 - 1985 - A TRANSIÇÃO NA TRANSIÇÃO

#### O FMI, A TRANSIÇÃO, E A REORGANIZAÇÃO DO MODELO ASSOCIADO DEPENDENTE

A crise de energia que pegou o país com grau elevado de dependência do Petróleo importado, o estímulo dado como alternativa para ocupação de capacidade produtiva das empresas, e os mecanismos de incentivos

para fomentar o crescimento econômico, constituíram os ditames da política externa governamental. O comércio exterior desde a implantação do modelo dependente em 1964, foi o traço comum de política econômica pragmática no Brasil.

Quando em 1980, torna-se evidente o estrangulamento externo, o Governo pela Balança Comercial, impõe, pressionado pelos credores, os "superávits comerciais" obtidos através da compreensão de importações, à custa de desemprego caracterizadas nas recessões de 81 a 83. Isto, graças ao FMI, que em 1983, aporta no país, após dois anos de negociações secretas.

As prescrições econômicas ao desinteressado governo brasileiro, dadas em doses cavalares, são insuamadas homeopaticamente com o auxílio de perdões sucessivos pelo não cumprimento das normas arbitrariamente estabelecidas. Os superávits comerciais de U\$ 5 bilhões, em 83 e U\$ 12 bilhões em 1984 provocaram efeitos danosos nos campos social e econômico pauperizando o país em todos os sentidos.

Em verdade, o modelo associativo dependente implantado a partir de 1964, de um lado promoveu a incorporação acelerada de tecnologias finais nos diversos campos da atividade econômica, do outro, legou uma dívida externa beirando a U\$ 102.0 bilhões, e, internamente um buraco de 105 trilhões de cruzeiros, que imobi

liza a nova república de a curto prazo resgatar a gran-  
de dívida social para com todos os brasileiros do  
Yapoc ao Chuí.

## O DESEMPENHO DA ECONOMIA BRASILEIRA EM 84

### O SETOR PRIMÁRIO

Os dados mais recentes publicados pela Fundação Getúlio Vargas indicam um incremento positivo no setor de 3,9%. Já a FIBGE, afirma que o desempenho do setor primário como um todo girou em torno de 5%. Sendo 4 a 5% na agricultura e 8 a 9% na pecuária.

A divergência dos números reside na produção de grãos, uma vez que as safras 84/85 para arroz, soja e milho (dadas as eventuais quebras de safra) situar-se-ão em torno de 50 a 52 milhões de toneladas, elevando o índice para o intervalo entre 4.1 a 5.2% superior a colheita 83/84.

A par dos números divergentes a variação do setor apresentou-se positiva e próxima aos dados da Fundação Getúlio Vargas

A reprodução das mesmas tonelagens está relacionada: a) ausência de maior volume de créditos, incentivos, subsídios e preços mínimos reclamados pelos agricultores, silvicultores e pecuaristas, e, b) os

anacrônicos problemas do déficit público e juros bancários.

Implícita fica a urgência com que o Governo da Nova República deverá prioritar e compatibilizar esses fatores para cumprir a nova meta estabelecida para o setor.

Além de encontrar e gerar recursos compatíveis constitui prioridade emergente um projeto agroecológico com duração de longo curso. A Reforma Agrária foco de controvérsias e conflitos fecha o painel que entrava o deslanche na produção de alimentos em quantidades suficientes para pelo menos atender a demanda interna e os compromissos externos.

O indicador geral mais ilustrativo do setor foi:

TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO PRIMÁRIA -  
1984

SETOR PRIMÁRIO	(Índice geral)	8.19%
----------------	----------------	-------

O SETOR SECUNDÁRIO

Difundidos os dados preliminares da produção

industrial de 1984 se pode afirmar que superou modestamente a de 1983. Denota-se como fator positivo a capacidade do setor industrial de se adaptar aos sinais de preços relativos ao manancial e dinâmica do mercado. Dois fatores influenciaram no reaquecimento do setor:

- a) a maxidesvalorização de fevereiro de 1983;
- b) o reaquecimento "político" da economia internacional, capitaneada pelo crescimento econômico Norte Americano que redefiniram as exportações brasileiras como condicionante de saída para a crise da economia brasileira.

Os dados apresentados pela Confederação Nacional das Indústrias (C.N.I.) confirmam uma maior oportunidade externa, permitindo que o setor secundário recebesse condições e oportunidades do setor primário principalmente à Agricultura. Deles se favoreceram os gêneros e indústrias Química, Mecânica que com o Metalúrgico e indústria extrativa mineral foram os principais responsáveis pelo desempenho verificado em 1984.

No contexto geral dos dados do crescimento industrial em 1984, estes setores apresentaram taxas de expansão positiva de 5.93% na formação da taxa de crescimento que alcançou 6.67%.

Ocorreu também significativa alteração nos

gêneros produtores de bens de consumo destinados principalmente ao mercado interno. Os indicadores apontados para justificar tal fenômeno depois de três anos de retração foram:

- a) os bônus do Sistema de Habitação BNH;
- b) os reajustes salariais superiores aos previstos em lei que repercutiram no acréscimo de renda disponível para o consumo da sociedade.

O indicador geral mais ilustrativo do setor foi:

TAXAS DO CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL  
1984

CÓDIGO	SETORES/GÊNEROS E GRUPOS	%
	SECUNDÁRIO (GERAL)	6.67
	GRUPO TRADICIONAL	-
52.000	Produtos Alimentícios	-0.86
50.008	Vestuários e Arts. Têxteis	3.08
48.003	Têxtil	-3.24
20.001	Extração Mineral	27.27
	GRUPO DINÂMICO	-
35.009	Material Elétrico, Elt. Comunicação	3.31
47.007	Produtos Material Plástico	1.28
34.002	Indústrias Mecânicas	14.50
32.006	Indústrias Metalúrgicas	13.28
30.007	Produtos Minerais Não Metálicos	0.55
43.001	Indústria Química	8.70

## O SETOR TERCIÁRIO (Comércio)

O Setor Comércio, em 1984, apresentou uma pequena melhora do nível de consumo em relação a 1983. Graças ao bom desempenho no segundo semestre, principalmente outubro até dezembro.

O Seguimento de bens de consumo duráveis mostrou queda de 3,4% em seu faturamento. O Ramo de Autopeças mostrou o melhor resultado mais 11,9% enquanto que as concessionárias de veículos registravam queda de menos 13,9%.

Os resultados estão perfeitamente em acordo com os verificados no setor industrial.

O seguimento dos supermercados reverteu o quadro negativo em novembro e apresentou índice positivo de 1,8%.

As vendas do seguimento semiduráveis apresentaram crescimento de 2,0%. Destaque para Vestuário que obteve acréscimo de mais 8,1%.

Outro seguimento importante o de materiais de construção, retraiu-se em 14,6% no período em análise, face à crise anacrônica da construção civil.

Referentemente aos níveis de emprego, um indicador relevante, manteve ao mesmo nível de 1983, ressaltando pequena variação negativa em 1984.



As perspectivas para 1985 são as mais favoráveis possíveis. As vendas do primeiro trimestre de 1985 foram as maiores dos últimos três anos (6.1%) em idêntico período de 1983.

O indicador geral mais indicativo do setor foi:

TAXA DE CRESCIMENTO DAS VENDAS (Comércio)  
1984

SETOR TERCIÁRIO (Comércio)	(Geral)	7.5
----------------------------	---------	-----

Finalmente, o quadro de arrecadação do ICM oferece o panorama real da atividade econômica brasileira em 1984.

ICM - Arrecadação por Regiões - Valores Reais

UNIDADES (REGIÕES)	JAN/DEZ 84	JAN/DEZ 83	%
A) REGIÃO NORTE	373.513	346.209	-7.9
B) REGIÃO NORDESTE	2.296.321	2.334.135	-1.6
C) REGIÃO SUDOESTE	10.162.994	10.529.417	-3.5
D) REGIÃO CENTROESTE	1.186.800	1.079.842	9.9
E) REGIÃO SUL	3.256.971	3.312.899	-1.7
Paraná	1.160.019	1.119.190	-3.6
Santa Catarina	574.947	577.799	-0.5
Rio Grande do Sul	1.522.005	1.615.930	-1.9
BRASIL	17.276.600	17.602.502	-0.3

Fonte: Ministério da Fazenda: 84.

A POLÍTICA ECONÔMICA BRASILEIRA INTERNA EM  
1985

A Nova República procura desenvolver esforços no sentido de conhecer e reverter as previsões orçamentárias cuja seta gira em torno da taxa de inflação, juros, déficit público e dívidas (Interna e Externa).

A sua principal tarefa será encarar a realidade herdada do regime militar contida na idéia de desinstrumentalizar a prática monetarista imposta pelo FMI que impede o crescimento econômico e agravam as tensões sociais.

Há no conjunto desses fatores o déficit de caixa de 12.5 trilhões de cruzeiros (até maio de 1985). Os problemas dos mecanismos de financiamento do setor público e o exercício real de controle da inflação que depende de reformas profundas de âmbito institucional capazes de oferecer na prática mecanismos confiáveis e claros de política econômica e social para os próximos quatro anos.

Existe indícios que essas mudanças definirão, a curto prazo, a retomada do desenvolvimento.

A transição, atropelada pelo assentamento das forças que ascenderam o poder, sem o símbolo da No

va República, vive em constante dissonância entre o Homem que "Controla" o cofre e o "alocador" de recursos que imobiliza o governo a uniformizar uma estratégia de mudança e de ação política que norteia e resgata instrumentos efetivos dos cortes e gastos públicos e deslança linhas de ações claras ao setor privado considerando a atividade econômica brasileira como um todo. Para não ser injusto, resumimos as principais tendências catalogadas de DEMANDA AGREGADA para 1985, 2º SEMESTRE:

CONSUMO PRIVADO - Tendência de reposição gradual de salário. Expectativa de aumento salarial ao nível do INPC e expansão da massa salarial através do aumento do nível de emprego.

GASTOS DO GOVERNO - O Orçamento Fiscal sofrerá corte (Orçamento Fiscal) de 25% e será inevitável o aumento gradual da carga tributária para suprir o déficit público.

INVESTIMENTO PRIVADO - Expectativas mais otimistas. A pequena redução da taxa de inflação estimulará novas decisões dos investidores principalmente no mercado de capitais. A progressiva ocupação da capacidade

ociosa sugere que a inflexão deverá ocorrer após 1985.

INVESTIMENTO PÚBLICO (Sest) - Voltado para a área social. Prevê a aplicação de 13.5 trilhões de cruzeiros em programas sociais. As reavaliações nos orçamentos não implicarão em mudanças importantes senão nas restrições de dispêndios.

COMÉRCIO EXTERIOR - Estima-se um crescimento de 2 a 3% para as exportações. As expectativas de taxas de crescimento menores para as exportações dado o menor crescimento da economia americana levará o governo a expandir o consumo doméstico.

AS PREVISÕES BRASILEIRAS PARA 1986  
O ORÇAMENTO CONSOLIDADO

A SEPLAN (Secretaria do Planejamento da Presidência da República) apresentou em Agosto de 1985 o Orçamento Consolidado da União para 1986 fixando os dispêndios em Cr\$ 656 trilhões de cruzeiros e a receita em Cr\$ 461 trilhões de cruzeiros. Prevê um déficit de 195 trilhões. O Orçamento para 1986 é constituído de uma parte propriamente fiscal, que prevê equilíbrio entre receita e despesa, e de outra formada por contas que eram alocadas anteriormente no orçamento monetário, mais financiadas com recursos tipicamente fiscais.

A parte fiscal do orçamento foi fixada em Cr\$ 421 trilhões enquanto a que lhe foi transferida do orçamento monetário é de Cr\$ 235 trilhões. Da parte monetária, apenas Cr\$ 40 trilhões serão cobertos com recursos da venda de produtos agrícolas, restando para ser financiado um déficit de Cr\$ 195 trilhões de cruzeiros. O Déficit refere-se ao financiamento das contas TRIGO, AÇÚCAR, PREVIDÊNCIA SOCIAL e encargos das DÍVIDAS, (Externas e Internas), anteriormente cobertas pelas autoridades monetárias. No aspecto propriamente fiscal, que estipula a receita e despesa equilibrada em Cr\$ 421 trilhões, o orçamento está orientado para

as prioridades sociais da "Nova República". Nesse sentido, privilegia as de EDUCAÇÃO, SAÚDE e PREVIDÊNCIA.

#### O NOVO CENÁRIO PARA A ECONOMIA EM 1986

##### a) Externa

1. Previsão de um crescimento moderado das economias desenvolvidas;
2. Taxas de Juros Internacionais Inferiores as praticadas em 1985; e
3. Redução nos preços do petróleo importado.

##### b) Interna

1. O Governo Federal espera que o crescimento econômico em 1986 seja de 6% ao ano. Previu-se no trabalho 7%.
2. A Inflação chegará em Dezembro de 1986 em 140% contra a previsão de 200% para 1985.
3. As Exportações deverão gerar no próximo ano superavit comercial de US \$ 12.5 bilhões de dólares. Prevê-se no trabalho US \$ 12.3 bilhões de dólares.
4. Espera o Governo gerar 1.800.000 novos em pregos.

## 2.2. AS EMPRESAS BRASILEIRAS

## AS EMPRESAS BRASILEIRAS

### PARÂMETROS PARA ANÁLISE E PERFIL

Tendo por base a instrumentalização da tese, introduziu-se o item Empresas Brasileiras com o propósito de estabelecer parâmetros para análise e perfil da importância dos grupos catarinenses no cenário nacional e no Estado. Essa pesquisa foi baseada em livros e revistas especializadas. Para ajustá-los mais aos critérios adotados para os grupos selecionados, complementou-se as informações com entrevistas e pesquisas de campo.

Os parâmetros adotados, portanto, comuns aos nacionais e dos catarinenses são: número de empresas, faturamento, número de empregados. Posteriormente, ajustamos e refundimos as informações por setores e gêneros, para melhor visualização da análise global.

O quadro 1, apresenta o número total de empresas brasileiras - não financeiras - excluídas as de serviços públicos (exceto a Petrobrás) e somam 8473 empresas dispostas por gêneros e setores.

O faturamento total encontrado foi de



340.439.5 trilhões de cruzeiros e o total de empregos diretos gerados foi 4.635.4 milhões de pessoas.

O item 1. Setor Primário - somou 1104 empresas. Faturamento de 12.600. trilhões de cruzeiros e o número total de empregos diretos gerados foi de 222.100 mil pessoas.

O item 2. Setor Secundário - somou 4487 empresas. 2478 no item 2.1. grupo tradicional e 2009 item 2.2. grupo dinâmico - empresas. O faturamento total encontrado foi de 247.094.2 trilhões, sendo 88.631.2 no item 2.1. grupo tradicional, e, 158.463.0 no item 2.2. dinâmico. Gerou 4.635.400 empregos diretos, sendo 1.535.000 no item 2.1. grupo tradicional e 1.359.300 no item 2.2. grupo dinâmico.

O item 2. Setor Terciário - somou 2.882 empresas (comércio): a) atacadista, b) varejista, e, c) serviços. O faturamento somou 80.745.3 trilhões de cruzeiros. Gerou 1.186.700 empregos diretos.

QUADRO Nº 1

## QUADRO Nº 1

1984 - PARTICIPAÇÃO DOS GÊNEROS: AGRÍCOLA, INDUSTRIAL, E, COMÉRCIO  
 NOS SETORES: PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO E, TERCIÁRIO - BRASIL -  
 PRELIMINAR

SETORES/GÊNEROS	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO LÍQUIDO 1 ROL (1.000.000)	Nº DE EMPREGADOS	OBS.
1. SETOR PRIMÁRIO	1.104	12.600.000	222.100	
1.1. Agricultura	967	4.725.000	133.400	
1.2. Mineração	137	7.875.000	88.700	
2. SETOR SECUNDÁRIO	4.487	247.094.220	3.226.600	
2.1. Grupo Tradicional	2.478	88.631.200	1.535.000	
52.200 - Prod. Alimentares	822	40.950.000	411.600	
50.008 - Vest. Artes Têxteis	173	4.374.475	126.600	
48.003 - Têxtil	296	7.087.500	176.300	
38.008 - Madeira	146	1.801.800	53.200	
38.004 - Mobiliário	57	653.625	19.000	
54.003 - Bebidas	103	2.981.475	61.700	
42.005 - Couros	67	1.083.600	22.200	
46.000 - Perfumarias e Velas	31	1.174.075	14.300	
20.001 - Ext. Minerais	-	-	-	
57.002 - Editorial Gráfico	112	2.328.200	56.700	
20.003 - Ind. Construção	508	18.365.200	480.000	
56.006 - Fumo	10	1.530.025	20.700	
58.009 - Inds. Diversas	153	6.300.000	91.800	
2.2. Grupo Dinâmico	2.009	158.463.020	1.359.300	
35.009 - Mat. El. El. Com.	163	6.686.925	120.200	
40.002 - Ind. Papel, Papelão	130	5.118.750	72.600	
47.007 - Ind. Mat. Plásticos	112	2.668.050	38.800	
54.002 - Ind. Mecânicas	309	8.575.000	157.900	
32.000 - Ind. Metalúrgicas	440	20.341.475	301.400	
30.007 - Min. não Metálicos	217	6.180.650	116.400	
43.001 - Ind. Químicas	291	84.691.950	211.900	
41.009 - Borrachas e Calçados	95	3.176.775	55.800	
45.004 - Prod. Vet. e Farm.	50	1.684.375	24.200	
36.005 - Ind. Mat. Transp.	202	19.337.500	260.000	
3. SETOR TERCIÁRIO	2.882	80.745.350	1.186.700	
70.009 - ATC	255	10.426.500	70.500	
80.004 - VAR.	886	36.429.750	478.300	
90.000 - Out. Servs.	1.135	18.517.975	199.000	
100.000 - Transp. Arm/SP	596	15.371.125	438.300	
TOTAL 1 + 2 + 3	8.473	340.439.570	4.635.400	

Seqüencialmente para análise comparativa gerou-se o quadro nº 2, que permite a correlação de números e valores encontrados na análise global. Os dados foram levantados, setor por setor, empresa por empresa e os gêneros relacionados no quadro 1.

Necessariamente, procedeu-se às exclusões dos gêneros que não há atuação dos grupos catarinenses, incluídos no quadro nº 1, assim como, os números de empresas, faturamento e empregos diretos, inclusive.

A razão mais evidente, buscou rearranjar o quadro 1 aos grupos empresários e, vice-versa, para a elaboração do perfil analítico e correlativo em termos percentuais (%).

#### BRASIL

O item 1 - Setor Primário passou a somar 1104 empresas. Faturamento total de 12.600 trilhões e gerou 221.100 empregos diretos.

O item 2 - Setor Secundário passou a somar 3002 empresas. 1470 no item 2.1. grupo tradicional e 1532 no item 2.2. grupo dinâmico. O Faturamento total encontrado foi de 185.589.1 trilhões de cruzeiros.

56.427.5 no item 2.1. grupo tradicional, e, 129.162 no item 2.2. grupo dinâmico. Gerou 1.697.6 empregos dire

tos. Sendo 751.000 no item 2.1. grupo tradicional, e, 946.600 no item 2.2. Dinâmico.

O item 3 - Setor Terciário - passou a somar 2882 empresas. Faturamento de 86.745 trilhões de cruzeiros, e gerou 1.186.700 empregos diretos.

A diferença entre o quadro 1 e 2, vide somatória quadro nº 2, está assim distribuída: empresas: 1485; Faturamento: 61.505.1, e Empregos diretos: 1.529.000.

#### QUADRO Nº 2

## 1984 - BRASIL - CORRELAÇÃO (AJUSTADOS AOS SETORES E GÊNEROS DOS G.E.C.)

CÓDIGO	SETORES/GÊNEROS	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO LÍQUIDO (ROL) (1.000.000)	Nº DE EMPREGADOS
1.	SETOR PRIMÁRIO	1.104	12.600.000	222.100
1.1.	Agricultura	967	4.725.000	134.400
1.2.	Mineração	137	7.875.000	88.400
2.	SETOR INDUSTRIAL	3.002	185.589.100	1.697.600
2.1.	Grupo Tradicional	1.470	56.427.050	751.000
52.200	Prod. Alimentares	822	40.950.000	411.600
50.008	Vest.Artes Têxteis	173	4.374.475	126.600
48.003	Têxtil	296	7.087.500	176.300
42.005	Couros	67	1.083.600	22.200
20.001	Ext.Mineral	-	-	-
57.002	Editorial Gráfico	112	2.981.475	14.300
2.2.	Grupo Dinâmico	1.532	129.162.050	946.600
35.009	Mat.Elétrico El.Com.	463	6.686.925	120.200
47.007	Material Plástico	112	2.686.050	38.800
34.002	Ind.Mecânicas	309	8.575.000	157.900
32.006	Ind.Metalúrgicas	440	20.341.475	301.400
30.007	Prod.Minerais não Metálico	217	6.180.650	116.400
43.001	Ind.Químicas	291	84.691.990	211.900
3.	SETOR TERCIÁRIO	2.882	80.745.350	1.186.700
70.009	ATC	255	10.426.500	70.500
80.004	VAR	886	36.429.750	478.300
90.000	Out.Ser.	1.135	18.517.975	199.000
100.000	Transp.Armazenagens	596	15.371.125	438.300
E	1 + 2 + 3	6.988	278.934.450	3.106.400

O quadro nº 3, contém por setores e gêneros os índices médios extraídos do mapa matriz da Educação Especial "Quem é quem na Economia". Tem por objetivo a análise correlativa com os apresentados no capítulo 4.

Os índices selecionados, em número de três constam do projeto de tese a saber:

- a) Liquidez corrente;
- b) Grau de Endividamento;
- c) Rentabilidade.

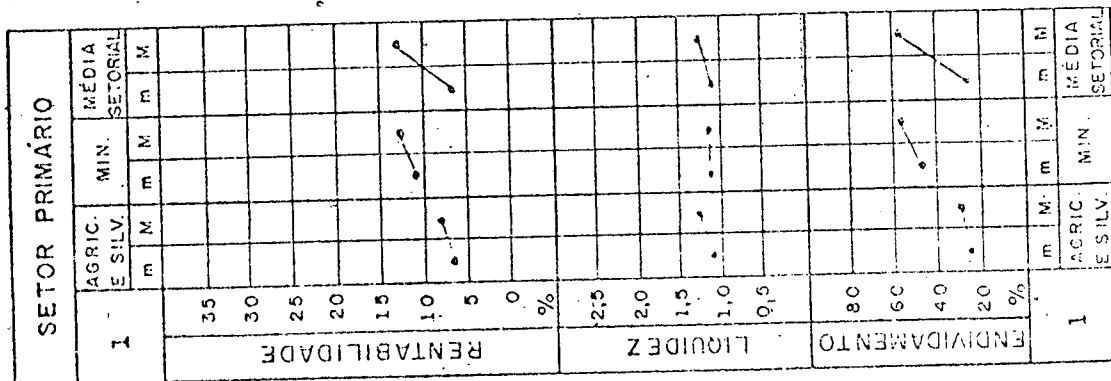
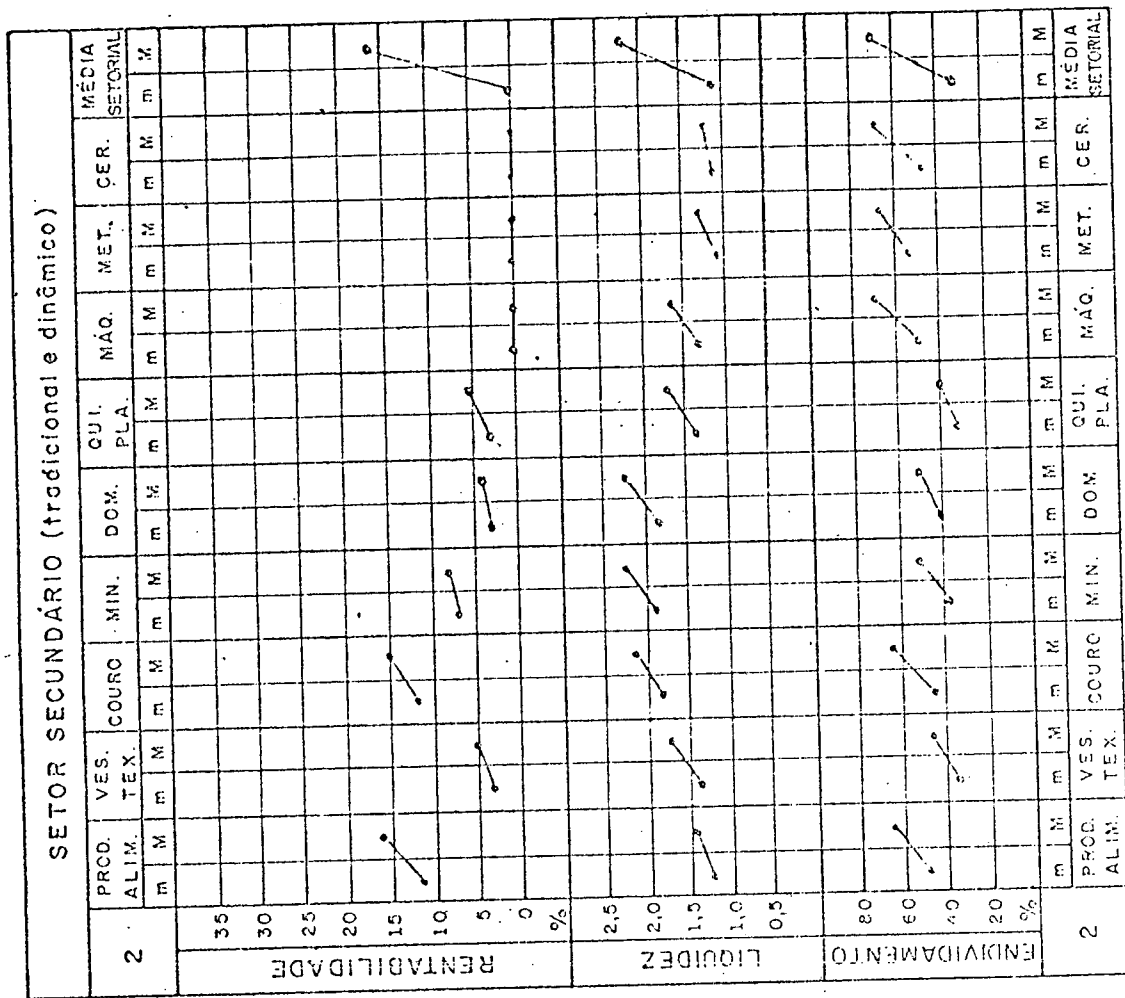
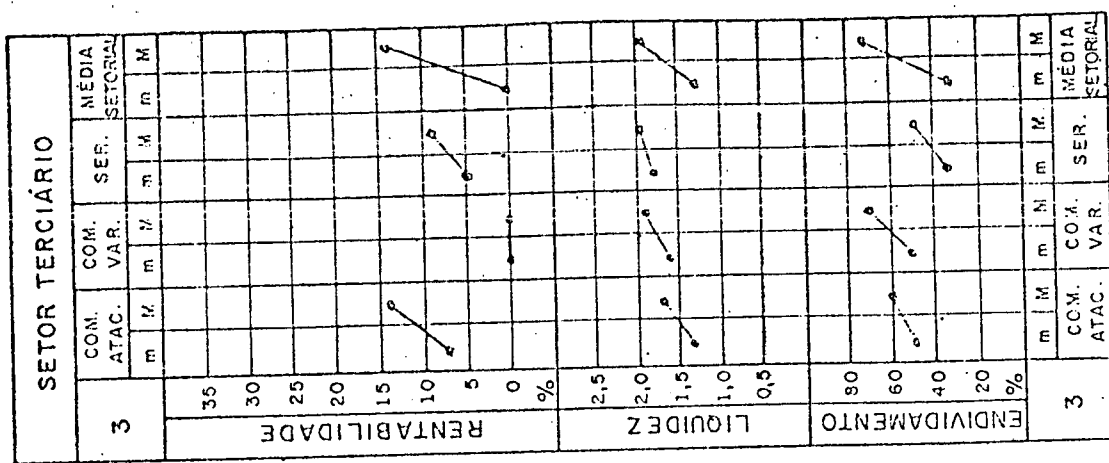
QUADRO Nº 3

CÓDIGO	SETORES/GÊNEROS	SUB SETORES	ÍNDICES		
			Liq. corrente	Endividamento	Rentabilidade
	1. SETOR PRIMÁRIO				
	1.1. Agri. Pecuária, Silvicult.		1.33	25.0	0.7
	1.2. Mineração		1.14	53.0	11.6
	2. SETOR SECUNDÁRIO				
	2.1. GRUPO TRADICIONAL				
52.200	Produtos Alimentares	ALM	1.26	45.5	12.1
60.008	Vestuário, Art, Têxteis	VES	1.47	34.6	4.0
48.003	Têxtil	TEX	1.55	39.0	2.4
42.005	Couros e Semilares	COU	1.57	43.1	11.9
20.001	Extração de Minérios	NIN	-	-	-
	2.2. GRUPO DINÂMICO				
35.009	Prod. Mat. El, El e Com.	COM	1.82	39.0	3.7
47.007	Prod. Mat. Plástico	PLA	1.47	37.7	1.3
34.002	Ind. Mecânico	MAQ	1.41	50.2	-
32.000	Ind. Metalúrgico	MET	1.06	54.0	-
30.007	Prod. Minerais N Met.	CER	1.12	42.0	-
43.001	Prod. Químicos	QUI	1.00	53.0	5.3*
-	Transportes Armazenagem	ARM	0.95	52.1	-
	3. SETOR TERCIÁRIO				
70.009	Comércio Atacadista	ATC	1.42	48.1	8.2
80.004	Comércio Varejista	VAR	1.53	50.2	5.3
90.000	Serviço em geral	SER	1.69	32.6	5.0
100.000	Serviço Público	SP	1.06	63.0	-

\* distorcidos por incluir a Petrobrás.

PERFIL BRASILEIRO

QUADRO Nº 4  
OS PERFIS SETORIAIS DAS EMPRESAS BRASILEIRAS  
(mínimos e máximos)





Colocada a antevisão geral sobre o contexto brasileiro, e as fases dele decorrentes, as empresas e o perfil econômico e financeiro de 1984, passa-se à visão geral da Região Sul e nela Santa Catarina, as microrregiões selecionadas (Os gêneros e setores no capítulo nº 3).

## BIBLIOGRAFIA

### CAPÍTULO II

#### 2. O CONTEXTO BRASILEIRO

##### Antecedentes Históricos

1500 a 1930 - Modelo Primário Exportador

SIMONSEN, Roberto Cochrne. História Econômica do Brasil. Cia. Editora Nacional, 1978. São Paulo.

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. Fundo de Cultura, 1963. São Paulo.

MARTINS, Carlos Estevam. Capitalismo e Modelo Político no Brasil. Edições de Graal, 1977. Rio de Janeiro.

1931 a 1964 - Modelo de Desenvolvimento Autônomo

BRUM, Argemiro J. O Desenvolvimento Econômico Brasileiro. Editora Vozes, 1982. Petrópolis, Rio de Janeiro.

SERRA, José. Revista Economia Política. Ciclos e Mudanças Estruturais. Editora Brasiliense. 1982. vol. 212, nº 6 (Abril/Junho/82).

VISÃO, Revista. Quem é quem na economia. 1984. Agosto. São Paulo.

1964 a 1984 - O Modelo de Desenvolvimento Associado Dependente

ASSIS, José Carlos. A Chave do Tesouro. 1983. Editora Paz e Terra S.A. Rio de Janeiro. 5.ed.

\_\_\_\_\_. Os Mandarins da República. Editora Paz e Terra S.A. Rio de Janeiro. 5.ed.

Secretaria de Indústria e Comércio de Santa Catarina. Dados Econômicos. 1984. Diversos.

C.N.I. O Desempenho da Economia Brasileira em 1984 e Perspectiva para 1985. Março 1984. Rio de Janeiro.

### CAPÍTULO 3

3. SANTA CATARINA  
ANTEVISÃO GERAL

### 3. O CONTEXTO CATARINENSE

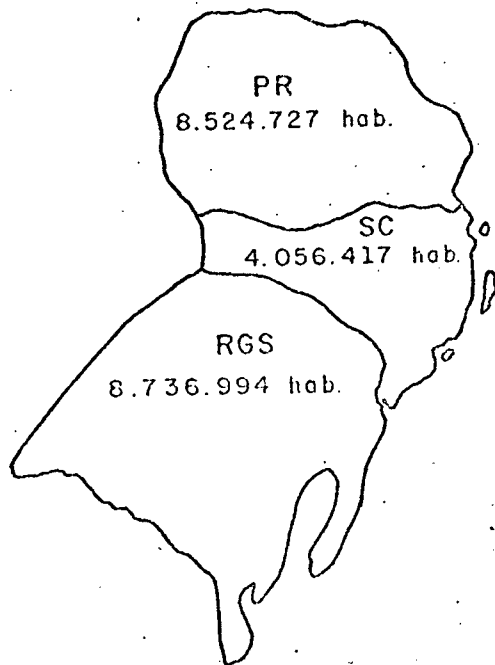
#### 3.1. A REGIAO SUL

Antes de desenhar a origem, evolução e perspectiva dos grupos empresariais selecionados, vê-se assimilar didaticamente as realidades da Região Sul Brasileira, de Santa Catarina, e, das suas principais microrregiões. Realçar os aspectos da quantificação e internacionalização da economia catarinense inserida no contexto brasileiro (âmbitos: geográfico, sociológico, e, histórico). Diga-se quantificação e internacionalização entendida aqui como uma proposta de assimilação de tecnologias finais absorvidas nos mais diversos setores e gêneros existentes em Santa Catarina.

#### O MACRO-MERCADO SULINO

A Região Sul, integrada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, corresponde a 6.79% da área total do país. São 577.723 km<sup>2</sup> de área

terrestre. Possui uma população de 21.318.138<sup>(1)</sup> habitantes, cabendo, respectivamente:



1. Estimativa para dezembro de 1984.

A população da Região Sul representa 16,28% da população brasileira. A região como um todo faz fronteira com os países do Rio da Prata.

## SANTA CATARINA

### ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Os anos, entre 1915 a 20, são fundamentais

para a evolução econômica de Santa Catarina, no que se refere à substituição de importações que permitiu a expansão do crescimento industrial catarinense. Este fato possibilitou a inclusão do Estado no mercado Nacional. Em Santa Catarina dois fatores são relevantes: (1911 a 1916). A Guerra do Contestado cujo desfecho repercute na expansão da atividade econômica do Estado, e a Reforma Tributária promovida pelo Governador Hercílio Luz. Destaca-se, sobretudo, a criação do Instituto Politécnico, primeiro estabelecimento de ensino superior criado no Estado, cujo papel relevante na formação de mão de obra técnica permitiu a ocupação racional do território catarinense<sup>(2)</sup>.

A deflagração da 2ª Guerra Mundial, possibilitou a entrada definitiva das riquezas catarinenses no mercado nacional. Sua posição periférica sofreu alterações nos setores primários e terciários. (Ceag-SC. Evolução Histórica. Econômica de SC, 1980. p. 103).

A partir da década de 50, com Juscelino (55 a 61) são intensificadas as implantações de rodovias e

---

(2) Vieira, Amazile Hollanda. O Instituto Polythecnico no contexto de Santa Catarina. UFSC.



da indústria automobilística nacional. Em Santa Catarina as rodovias federais (BR 116 e BR 101) contam o estado em sentido longitudinal. Ficava o Estado integrado de forma concreta ao resto do país. (ITEP/SC. Volume I. p. 19).

Somente nos anos 60 é que se dá a ascensão do ramo dinâmico, em especial o Metal-Mecânico na região de Joinville, superando a hegemonia do "tradicional" liderados pelos Têxteis do Vale do Itajaí. Foi o esboço da mudança estrutural em Santa Catarina (CEAG/SC. 1982. p. 103).

Na década de 1970, deu-se a completa integração do Estado. Reforçaram-se as Comunicações entre o litoral e o planalto. Os diversos segmentos integrantes do Espaço Estadual puderam incrementar o intercâmbio econômico e tiveram facilitado o escoamento da produção (ITEP/SC. Vol. I. p. 20). Paralelamente ocorreu a expansão e diversificação das empresas familiares catarinense. No sul, o ramo cerâmico, Extremo-Oeste, no Vale do Rio do Peixe, e, a Oeste, a suinocultura e aves, e, a agroindústria.

Nos anos 80 completam-se as bases expansionistas das empresas para competição nos grandes centros consumidores nacionais, e, principalmente, no exterior. Em 84, Santa Catarina atinge 1 (um) bilhão de dólares em produtos exportáveis. Cristalizando quanti

tativamente a internacionalização da economia catarinense.

### ASPECTOS SOCIOLÓGICOS

Santa Catarina apresenta um quadro étnico e cultural riquíssimo. A população tem múltiplas origens, onde coexistem os mais diversos costumes e atividades econômicas. Possui um grande número de empresas de pequeno porte, ao lado de empresa de porte nacional. Daí seu equilíbrio econômico (Santos, Silvio C. Nova História de Santa Catarina. p. 7 a 17).

Estrategicamente a localização de Santa Catarina é privilegiada. É o centro de um mercado de vinte e um milhões de brasileiros e uma economia próxima aos mercados (ARG, URU, e PAR) e são alcançáveis por terra, mar e ar (Abreu, A. Vol. I, p. 14-17).

A desconcentração e a diversificação são marcos importantes do Sistema Catarinense, e juntas transformam a variável regional num componente de maior relevância na equação do seu desenvolvimento. Quanto à desconcentração, ao contrário, do modelo aglutinador das forças econômicas em apenas um pólo (modelo brasileiro) permitiu a formação em Santa Catarina de uma situação, sui generis, onde o assentamento das forças produtivas praticamente se estendeu ao longo de todo o

território. A diversificação permitiu que cada região buscasse sua especialização diferentemente das outras, com reflexos bastante positivos.

A diversificação, em grande parte, surgiu a partir de 1971, com o modelo de unidades territoriais implantado no Brasil, em 1968, com base em estudos realizados pelo Conselho Nacional de Geografia, em 1966.

O Decreto 844 de 29 de Setembro de 1971, emanado do Governo do Estado de Santa Catarina determinou a aplicação do modelo de unidades territoriais polarizadas possibilitando a regionalização de suas ações.

Os motivos contidos no bojo do supra-citado decreto, em parte, contribuíram para o equilíbrio do modelo econômico atual. Entre outras as três razões mais importantes foram:

- a) Promover a racionalização das relações entre os órgãos dos diferentes setores da Administração Pública, uma exigência do governo central contida nos PNDs que previa a aplicação e alocação racionais dos recursos públicos;
- b) Adoção de divisão geográfica para fins de planejamento em observância aos ditames constitucionais e decreto lei nº 200 do

governo central de forma a oferecer tratamento mais coerente aos problemas sócio-econômicos de cada comunidade;

- c) Organização do território catarinense, especialmente a sua infraestrutura com base no conjunto estadual, atendendo as peculiaridades e exigências do desenvolvimento associado e dependente do Brasil e de cada região econômica do Estado, sobretudo, no que diz respeito à Organização e Industrialização.

#### OS INDICADORES DE DESEMPENHO DA REGIÃO SUL EM 1984

##### a) O COMÉRCIO EXTERIOR

O Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em 1984, exportaram respectivamente, 43,53%, 10,54% e 45,92% do total regional. Por outro lado as importações representaram: Paraná 10,17%, Santa Catarina 23,15% e o Rio Grande do Sul com o maior percentual 66,68% do total das importações (C.N.I., 1984, p. 144 a 150).

## REGIÃO SUL - Comércio Exterior - 1984

(dados preliminares em milhões)

ESTADOS	EXPORTAÇÕES	IMPORTAÇÕES	SALDO
Paraná	4.359.753	192.261	4.167.492
Santa Catarina	1.055.563	437.503	598.060
Rio Grande do Sul	4.598.714	1.260.448	3.338.266
Total Região	10.014.030	1.910.212	8.103.818
Total Brasil	27.988.401	14.000.580	13.987.821

Fonte: C.N.I., 1984.

## b) O DESEMPENHO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL

REGIÃO SUL - Variações nos indicadores da Produção Industrial 1984 comparados aos mesmo período de 1983.

CÓDIGO	SETORES/GÊNEROS-INDS	REGIÃO
	GRUPO TRADICIONAL	
52.200	Produtos Alimentícios	-3.3
50.008	Vestuário e Artigos Têxteis	9.3
48.003	Têxteis	2.5
20.001	Extração de Minérios	-1.6
	GRUPO DINÂMICO	
35.009	Mat.Elétrico, Elet, Comunicações	43.9
47.007	Material Plástico	6.1
34.002	Inds Mecânicas	28.2
32.000	Inds Metalúrgicas	22.7
30.007	Minerais não Metálicos	-5.8
43.001	Inds Químicas	9.2
Total Indústria de Transformação		8.7
Total da Indústria		8.5

## O DESEMPENHO DA ECONOMIA CATARINENSE EM 1984

A performance econômica do Estado de Santa Catarina em 1984 foi a melhor dos últimos três anos. Quer na mensuração dos dados físicos quer no valor da produção de bens transformados pela atividade econômica, cujo crescimento real do PIB atingiu 3,97%.

Reordenados os dados preliminares do Gaplan o quadro de crescimento setorial assim se apresentou.

DESEMPENHO	SETORES	%
Produto Interno Bruto		3.97
Setor Primário		7.22
Setor Secundário		3.71
Setor Terciário		3.12

Fonte: Gaplan, 1985.

## O P.I.B. "PER CAPITA" CATARINENSE

O coeficiente 3.97% para o PIB catarinense significou em termos reais 2.1% do PIB "per capita" superando o Nacional em 1.6% segundo dados preliminares da F.G.V. para 1984.

Se se levar em conta que o PIB "per capita" de 83 foi de menos 5.74% confirmam-se as afirmações da

recuperação da economia catarinense no período.

### O SETOR PRIMÁRIO

O seguimento agrícola - Lavouras Temporárias teve um incremento de 13,60% onde destacam as boas safras de: a) milho, b) soja, c) feijão, d) cana-de-açúcar, e) mandioca, que equilibram os decréscimos de preços das lavouras como: a) arroz, b) cebola, c) alho, d) batata, e e) fumo.

O seguimento agrícola - Lavouras Permanentes apresentou um incremento de 18,78% na produção de: a) maçã, b) uva e c) banana.

O seguimento Pecuária - apresentou decréscimo físico na produção de suínos e bovinos de corte, representando um percentual de 1% em média no ABATE.

CÓDIGO	SETOR	%
	PRIMÁRIO (Geral)	7.22

Fonte. Gaplan, 85.

### O SETOR SECUNDÁRIO

Difundidos os dados preliminares da produção industrial catarinense, constata-se a boa reação do setor em 1984. Os seguimentos que mais contribuíram para a expansão foram: a) Energia Elétrica, b) Indústria Extrativa Mineral, e, c) Indústria de Transformação. O Seguimento Construção Civil apresentou taxa negativa que não chegou a interferir no PIB do setor.

O seguimento Energia Elétrica apresentou um acréscimo significativo dado ao crescimento da demanda de produção do seguimento industrial (transformação), basicamente.

O seguimento indústria extrativa mineral aumentou substancialmente a produção do carvão mineral para atender ao acréscimo da demanda energética e metalúrgica Catarinense e Nacional. Já o seguimento indústria de transformação que suplantou a média nacional, teve como principais fatores:

- a) aumento da capacidade de produção em 8% a 83;
- b) incremento de 4.1% (janeiro a outubro de 1984) no nível de emprego industrial;
- c) maior produção de bens de consumo, e, sobretudo, a indústria e agroindústria voltada à exportação.

O Indicador Geral mais Ilustrativo do Setor

foi:



TAXA DO CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL  
1984

SETOR	%
Secundário (Geral)	3.71
Energia Elétrica	12.67
Extrativa Mineral	9.62
Indústria de Transformação (Tradicional/Dinâmico)	4.37
Indústria da Construção Civil	-6.22

Fonte: Gaplan, 1985.

O SETOR TERCIÁRIO

O setor terciário, em 1984, apresentou uma pequena melhora do nível de consumo, em relação a 1983, graças à evolução dos seguimentos: a) Comércio, b) Transportes e Comunicações.

O indicador geral mais ilustrativo do setor foi:

TAXA DE CRESCIMENTO DO SETOR TERCIÁRIO  
1984

CÓDIGO	SETOR	%
	Terciário	1.48
	Comércio em Geral	4.37
	Serviços-Transportes e Comunicações	6.16

Fonte: Gaplan, 1985.

#### A ARRECADAÇÃO DO ICM EM 1984

O incremento na receita do ICM em Santa Catarina foi menor do que o coeficiente de inflação atingindo 201.88% em 1984.

O Governador em sua mensagem à Assembléia Legislativa, referentemente à autonomia dos Estados para administrar a riqueza gerada pela comunidade, propõe para 1985 as correções das distorções institucionais das finanças públicas para eliminar o centralismo federal que caracteriza-o como: a) absurdo, b) injusto e c) ineficiente (Amin, Esperidião. 1985. p. 10 a 13).

## ASPECTOS GEOGRÁFICOS

O Estado de Santa Catarina possui duas unidades geográficas, Oriental e Ocidental.

A Oriental, de colonização alemã é área cuja ordenação em pequenas regiões agrícolas se organizou em volta de antigos núcleos coloniais que transcederam para cidades médias industrializadas. Esses núcleos têm a produção industrial voltada para os mercados do Sudoeste. Sua pujança está centrada num empresariado local forjado na colonização européia (Alemanha e Itália) como é o caso das cidades de Blumenau, Jaraguá do Sul e Joinville.

A Ocidental, de ocupação recente é área onde se encontram cidades cujas indústrias estão relacionadas ao beneficiamento da produção rural, como, fabricação de produtos agrícolas, beneficiamentos de cereais e pecuária. Além da indústria extrativa madeireira (IBGE, 1982 p. XX).

## EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA

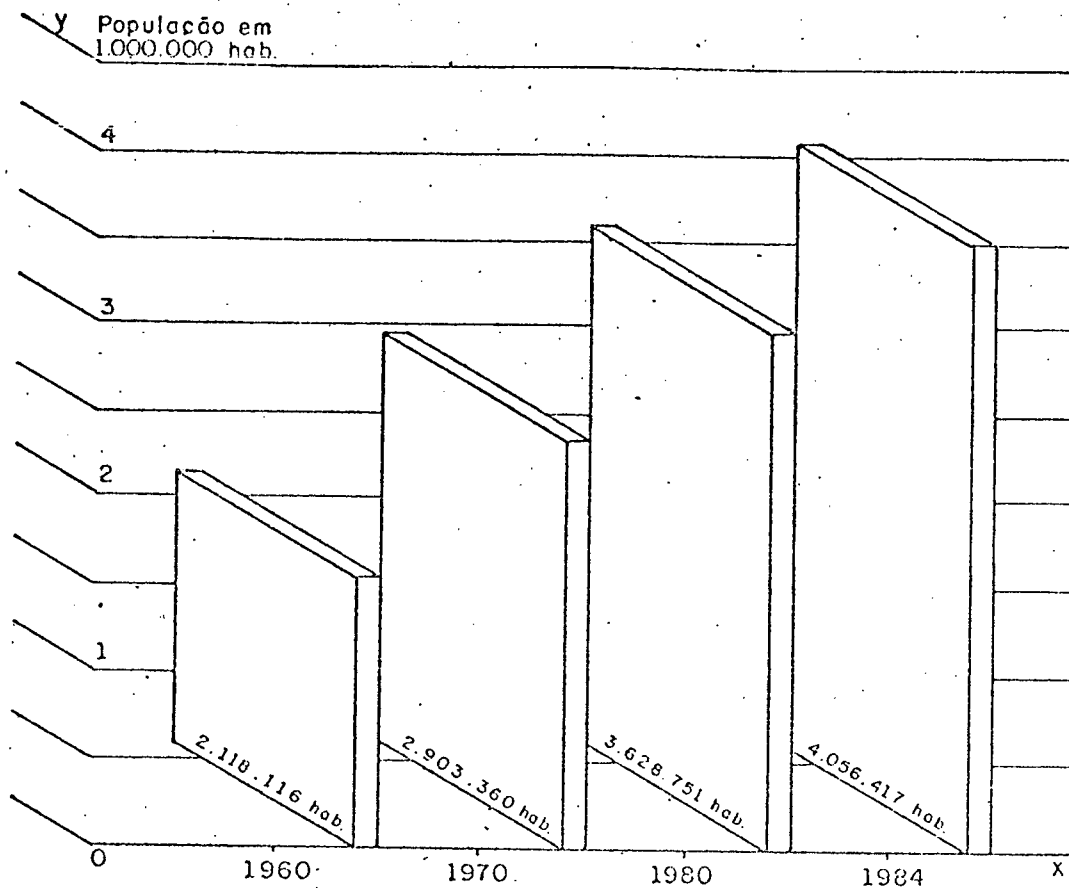
Os recenseamentos gerais registraram para a população do Estado de Santa Catarina os seguintes totais:

RECENSEAMENTOS	POPULAÇÃO RESIDENTE
1872	159.802
1890	283.769
1900	320.289
1920	668.743
1940	1.177.149
1950	1.562.862
1960	2.118.116
1970	2.903.360
1980	3.628.751
1984	4.056.417

Fonte: IBGE, 1984. (Estimativa)

QUADRO Nº 5

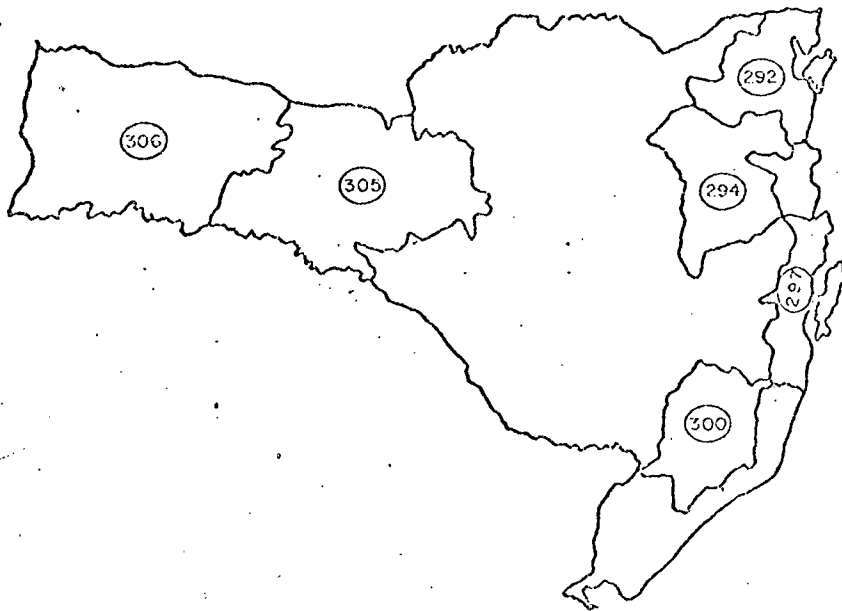
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE SANTA CATARINA  
1.960 A 1.984



FONTE : IBGE/AUTOR

O incremento populacional de 1960 a 1984 foi de 85,97%, segundo dados do censo de 1980 e a extrapolação feita com índices do IBGE para 1984. Assim sendo, passa-se a analisar o contexto catarinense, em que os grupos empresariais selecionados se desenvolveram, qual sejam, as microrregiões que os abrigam:

- 300 - Sul Catarinense - CARBONÍFERA
- 297 - Litoral de Fpolis - FLORIANÓPOLIS
- 294 - Leste Catarinense - COLONIAL DE BLUMENAU
- 292 - Leste Catarinense - COLONIAL DE JOINVILLE
- 305 - Oeste Catarinense - COLONIAL DO RIO DO PEIXE
- 306 - Oeste Catarinense - OESTE CATARINENSE

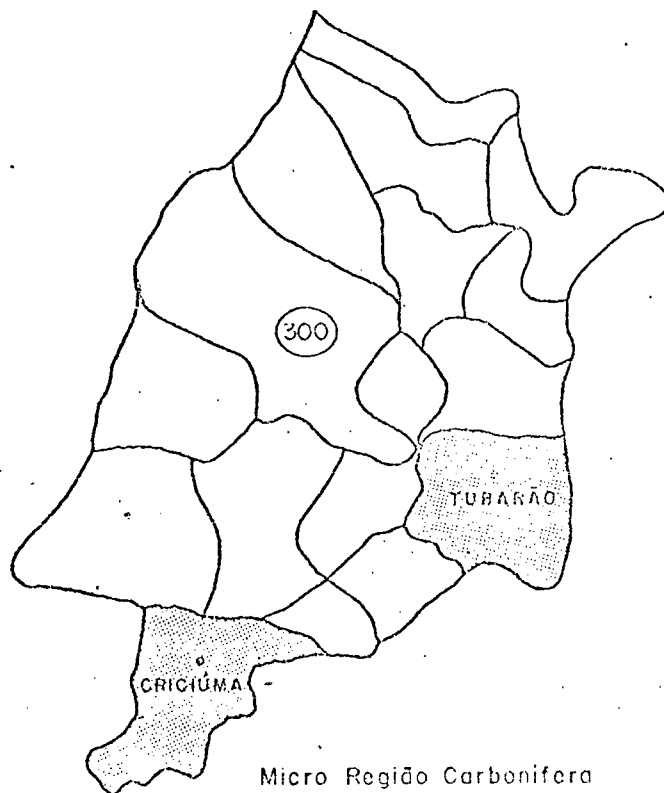


## AS MICRORREGIÕES SELECIONADAS

As microrregiões selecionadas abrangem a área de atuação dos catorze grupos empresariais.

Segundo estimativa de 1984, corresponde a 65.0% (2.617.522 hab) da população catarinense. 1.621.157 habitantes ocupam as zonas urbanas, e, 997.735 habitantes as zonas rurais. Englobam 112 municípios, assim distribuídos: a) Carbonífera 17, Florianópolis 10, Colonial Joinville 9, Blumenau 16, Rio do Peixe 25, e, Oeste Catarinense 31 municípios.

## 1. 300 SUL CATARINENSE - CARBONÍFERA



## CARACTERÍSTICAS

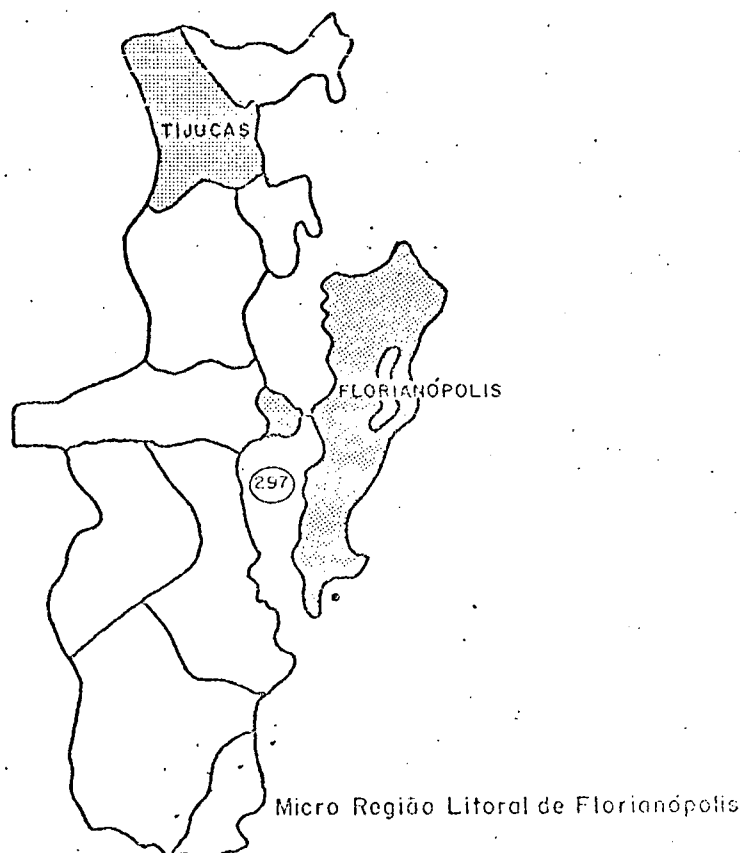
Área formada por uma superfície cristalina a Nordeste, que mergulha em seguida, ao sul, sob rochas permocarboníferas que dão origem à formação do CARVÃO MINERAL. A extração do carvão é, indiscutivelmente, o traço característico da área. Conta ainda com reservas de CAOLIN e FELDSPATO, e ARGILA, que possibilitaram a implantação de indústrias de "Pisos", "Azulejos" e "Revestimentos". Na Agricultura assumem destaque as culturas de milho, mandioca, fumo, arroz e feijão. A pecuária tem relativa importância, não só pelo gado leiteiro como pelos Suínos e Aves. A microrregião Carbonífera concentrava em 1984: 8.72% da população estadual, ou seja, 353.903 habitantes. Sendo que 241.128 hab. estão em áreas urbanas, e, 112.775, nas rurais (IBGE, 1982, p.5).

Os grupos selecionados são dois (2). D. Freitas e, GAIDZINSKI e envolvem na área 30 empresas. Representam a inovação e o processo de desenvolvimento alternativo da região pólo com os municípios periféricos.

### 2. 297 LITORAL DE FLORIANÓPOLIS



## 2. 297 - LITORAL DE FLORIANÓPOLIS



## CARACTERÍSTICAS

Abrange a Ilha de Santa Catarina, onde está localizada a capital, e os municípios circunvizinhos. É o centro de serviços administrativos, pólo turístico e de lazer. Até 1960 esteve ilhada em relação ao resto do Estado pela precariedade das ligações terrestres. Mas a pavimentação da rodovia litorânea e planaltina alterou esta situação, passando Florianópolis a se impor no comando do sistema urbano catarinense. A indústria não tem maior expressão na economia da microrregião. A

agricultura, também, não apresenta maior destaque. Concentrava em dezembro de 1984, 10.9% da população do Estado, ou seja 442.817 habitantes. Sendo 367.961 em áreas urbanas e 74.856 em áreas rurais (IBGE, 1982. p. 5).

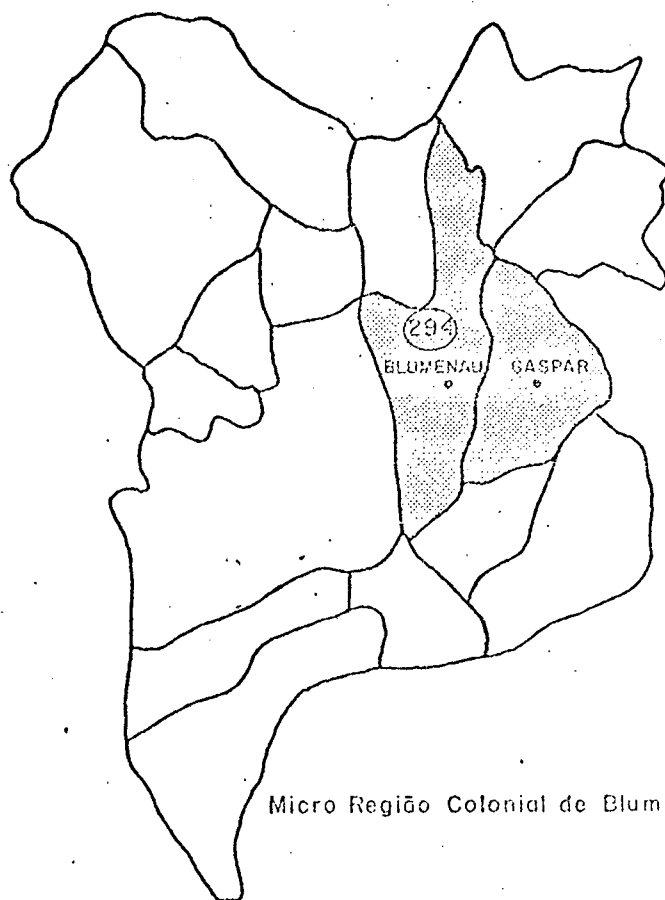
Entre os principais produtos aí cultivados encontram-se a cana-de-açúcar, a mandioca e o arroz.

O grupo selecionado Empresas USATI-PORTOBELLO tem como titular o Sr. Dr. Valério Gomes e compõe-se de 12 empresas cuja líder é a REFINADORA CATARINENSE S. A. com sede em Florianópolis.

Representa a vocação pela microrregião de Florianópolis e pela qual tem sempre encaminhado sua expansão e diversificação ao encontro das riquezas e potencialidades de Santa Catarina.

### 3. 294 COLONIAL DE BLUMENAU

## 3. 294 - COLONIAL DE BLUMENAU



## CARACTERÍSTICAS

Compreende parte do planalto cristalino cortado pelos rios Itajaí-Mirim e Itajaí-Açú e seus afluentes, que pelas erosões e desmatas intensas, desde

1982 têm-se constituído num pesadelo para a população da região. A agricultura é área de policultura, tendo como principais produtos: Banana, Arroz, Alho, Fumo e Mandioca. O pólo têxtil reconhecido internacionalmente caracteriza-se pela produção de artigos têxteis e de vestuário.

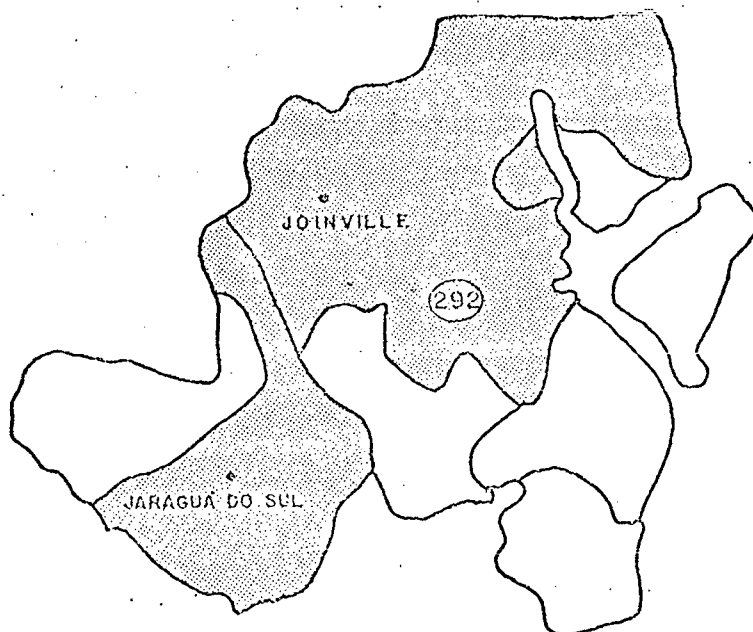
Hoje de tradicional só o setor para efeito de classificação, pois em dinamicidade e diversificação apresenta alto índice de modernização e tecnologia (Mattos, F. M., 1978. p. 83).

A microrregião colonial de Blumenau concentra 9.8% da população estadual, ou seja 398.899 hab. Sendo 293.580 na zona urbana, e, 105.319 habitantes na rural (IBGE, 1982, p. 5).

Os grupo selecionados são 4. Hering, o mais antigo com 105 anos, Artex, Sulfabril e, Teka, e envolvem na área 27 empresas. Pelo que representam para Santa Catarina em geração de emprego, renda e constituírem o eixo do pólo Têxtil.

#### 4. 292 LESTE CATARINENSE - COLONIAL DE JOINVILLE

## 4. 292 - LESTE CATARINENSE - COLONIAL DE JOINVILLE



Micro Região Colonial de Joinville

## CARACTERÍSTICAS

Localizada no norte do Estado, abrange as baixadas dos rios Itapoai e Cubatão; os contrafortes da Serra do mar marcadas por fortes declives, e, no litoral, cordões de restinga e a baía de São Francisco do Sul. Os principais produtos agrícolas cultivados são: Arroz, Milho, Cana de Açúcar, Mandioca, e Banana. A atividade industrial é marcante, principalmente, Joinville e Jaraguá do Sul.

Destacam-se os gêneros industriais de produtos de Matéria-Plástica, Mecânica, Metalúrgica, Mate--

rial Elétrico, Comunicação, Têxtil, Vestuário e de Produtos Alimentares.

A microrregião colonial de Joinville concentrava em 1984, 9.80% da população estadual, ou seja, 397.774 habitantes. Sendo 338.749 hab. localizados em áreas urbanas, e 59.025 na área rural (IBGE, 1982, p. 5).

Os grupos selecionados são três: HANSEN, TUPI e WEG. Envolvem na área 38 empresas. São os mais significativos da microrregião.

#### 5. 305 OESTE CATARINENSE - COLONIAL DO RIO DO PEIXE



## CARACTERÍSTICAS

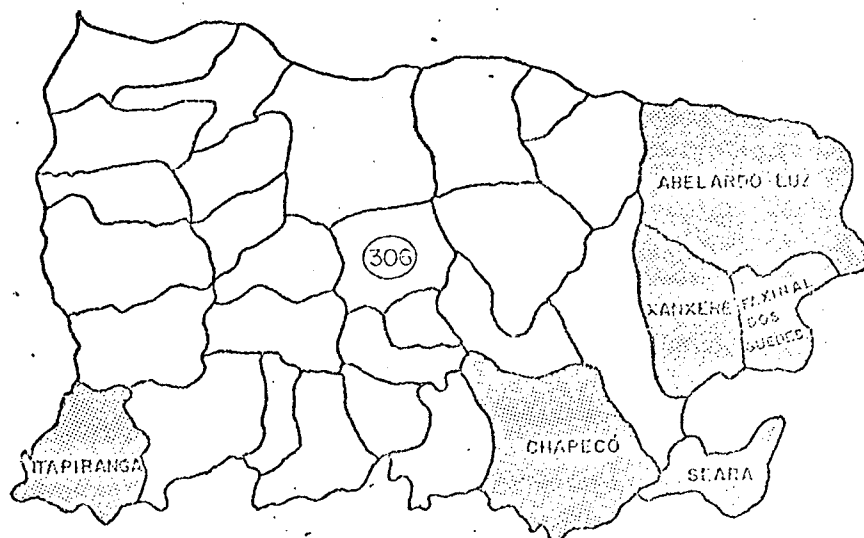
Corresponde à área do vale do Rio do Peixe, que forma, com seus afluentes, vales encaixados de solo férteis aproveitados para agricultura que é a base econômica da microrregião. Entre as várias culturas temporais destacam-se: milho, soja, arroz, feijão, fumo, mandioca, e batata inglesa. Das culturas permanentes as principais são: uva, maçã, laranja, pêssego e, nectarina.

Destacam-se, nesta área, a Suinocultura, e, também, frigoríficos que colocam a microrregião como uma das mais importantes do Estado. Tanto a pecuária bovina leiteira e avicultura exercem papel fundamental.

A microrregião colonial do Rio do Peixe concentrava em 1984, 9.1 % da população estadual 369.247 habitantes. Sendo 157.237 habitantes localizados em áreas urbanas, e 212.010 nas áreas rurais (IBGE, 1982. p. 5).

Os grupos selecionados são dois (2) SADIA, e PERDIGÃO S.A. Envolvem na área 20 empresas. São, na verdade, os dois maiores grupos no gênero em Santa Catarina.

6. 306 OESTE CATARINENSE - COLONIAL OESTE CA  
TARINENSE



CARACTERÍSTICAS

Área de relevo acidentado com vales e formação tabular. O extrativismo (Mate e Madeira) ainda é praticado na área, embora tenha perdido a expressão. A agricultura assume papel de destaque. Os principais produtos são: Milho, Soja, Feijão, Arroz, Fumo, Mandioca, Trigo e Batata inglesa. Nas culturas permanentes destacam-se: Laranja, Tangerina e Uva. A pecuária e a agroindústria são significativas para a região. O



Oeste possui o maior número de habitantes do Estado. Foi a única área que apresentou de 1970 a 1980, ganho de população rural, 8.58%.

A microrregião colonial Oeste Catarinense concentrava em 1984, 16.13% da população estadual. 654.613 hab. Sendo 221.577 hab. localizados nas zonas urbanas, e, 433.036 nas rurais (IBGE, 1982. p. 5). Os grupos selecionados são dois (2) Chapecó e Alfa. Envolvem na área 14 empresas. Ambos pioneiros no OESTE. O primeiro na suinocultura e aves, o segundo, a maior cooperativa de Consumo e Produção de Santa Catarina.

### 3.3. Os GÊNEROS E SETORES

## OS GÊNEROS E SETORES

Na descrição que se faz sobre os gêneros e setores dos diversos ramos industriais existentes em Santa Catarina e os que abrangem, principalmente, os grupos empresariais selecionados classificam-se em dois grupos a saber: 1. Tradicional e Dinâmico. Segundo fontes da Secretaria da Indústria e Comércio, reorganizados pelo autor, estariam incluídos por ordem decrescente, na matriz.

### 1. SETOR PRIMÁRIO.

Agricultura

Silvicultura

Pecuária

### 2. SETOR SECUNDÁRIO

#### 2.1. GRUPO TRADICIONAL

52.200 - Produtos Alimentares

50.008 - Vestuários, Artigos Têxteis

48.003 - Têxtil

38.008 - Madeira

- 39.004 - Mobiliário
- 54.003 - Bebidas
- 42.005 - Couros
- 46.000 - Perfumaria ... e Velas
- 20.001 - Extração... de Minérios
- 57.002 - Editorial Gráfico
- 60.003 - Indústria da Construção
- 56.006 - Fumo
- 58.009 - Indústrias Diversas

## 2.2. GRUPO DINÂMICO

- 35.009 - Material Elétrico, Eletrônico e Comunicação
- 40.002 - Papel e Papelão
- 47.007 - Produtos Mat. Plásticos
- 34.002 - Indústria Mecânica
- 32.000 - Indústria Metalúrgica
- 43.001 - Química
- 41.009 - Borracha
- 45.004 - Produtos Farmacêuticos e Veterinário
- 36.005 - Material de Transporte

## 3. SETOR TERCIÁRIO

- 70.009 - Comércio Atacadista

80.004 - Comércio Varejista

90.000 - Outros Serviços

Esta classificação visa, de forma explícita, eliminar detalhes e especificidades desnecessárias. Na verdade, atrás de categoria como "tradicional" e "dinâmico" encontram-se universos heterogêneos, que são ou podem ser agrupados para caracterizar determinados critérios conceituais. Por exemplo, ramos dinâmicos como minerais não metálicos, químicos, mecânicos, possuem razoável participação de extratos artesanais e semi artesanal que têm como característica a baixa produtividade e incipiente tecnologia. Enquanto um ramo tradicional como a Madeira, obriga extratos e empresas altamente eficientes e com tecnologia avançada. Não se quer dizer que os ramos tradicionais sejam aqueles que apresentam os mais baixos padrões de eficiência. Apenas são os que necessitam de menor produtividade. Todos esses conceitos são usados com reservas, principalmente porque está analisando uma economia industrial que frequentemente irá se comportar diferentemente dos modelos históricos de outras economias. As empresas produtoras de bens de consumo imediato, constituem a maior parcela do grupo tradicional. É determinante deste grupo um perfil tecnológico e organizacional relativamente simples. Seu crescimento é vegetativo, em termos, e muito dependente das alterações de preços rela-

tivos e do incremento de "RENDA". Por outro lado, as indústrias dinâmicas apresentam taxas de crescimento do produto e da produtividade superiores às do crescimento do produto industrial, caracteristicamente e, também, nos períodos de expansão industrial normal.

Destingue-se das indústrias tradicionais por apresentarem uma estrutura tecnológica e organizacional bastante complexa, compreendendo este grupo as indústrias que inicial e geralmente se expandem via processo de substituições de importações. Essa característica da indústria dinâmica resulta: a) No aumento da taxa de crescimento do produto e produtividade, e b) Na maior participação no agregado industrial (Mattos, F.M. 1968. p. 87 a 89).

Tais afirmações servem para balizar a formulação teórica sobre os gêneros, setores, e embasar os parâmetros de valor referentes à estrutura industrial em Santa Catarina como característica do processo evolutivo e permitir a extrapolação para os anos 1985 a 1990.

As colocações do professor Marcondes de Mattos, feitas há dezessete anos passados se confirmam, pois, o ritmo de desenvolvimento das indústrias dinâmicas acelerou e modificou o processo de transformação industrial e a homogeneização da atividade econômica como um todo.

## QUADRO Nº 6

1984 - Participação dos Gêneros Industriais, Agrícolas e Comerciais (Serviços) nos Setores Secundário, Primário e Terciário - SANTA CATARINA

SETORES/GÊNEROS	Nº DE EMPS.	FATURAMENTO 1.000.000 \$	Nº DE EMPREGOS	VALOR DO I C M
1. Setor Primário	-	-	-	-
2. Setor Secundário	7.468	12.666.131.0	241.793	199.909.0
2.1. Tradicional	5.368	8.848.093.0	163.711	117.758.8
2.2. Dinâmico	2.100	3.818.038.0	78.082	82.150.2
3. Setor Terciário	29.153	9.371.552.0	154.606	145.432.8
S 1, 2, e 3	36.621	22.037.683.0	480.357	431.722.4

Vistas as variáveis que compõem os parâmetros essenciais para a antevisão geral de Santa Catarina no contexto da Região Sul (suas microrregiões e características, os grupos selecionados, gêneros e setores) passa-se às empresas catarinenses, perfil catarinense e as razões da seleção dos 15 maiores grupos empresariais no Capítulo 4.

## BIBLIOGRAFIA

### CAPÍTULO III

#### 3. SANTA CATARINA - ANTEVISÃO GERAL

ABREU, Alcides. O Caminho do Homem. Imprensa Universitária, UFSC. 1983. Santa Catarina - Volume II p. 14-17 a 14-21.

IBGE. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. Santa Catarina. Fundação IBGE, 1981. p. XIV a XIX.

ITEP/SC. Diagnóstico da Economia Catarinense. IOE/SC. 1983. Volume I. p.19 e 20.

MATTOS, Fernando Marcondes de. Tempo de Angústia e Esperança. SC. Subsídios para um programa de governo. Edição do Autor. 1978. p. 135, 136 e 83.

FIESC. Cadastro Industrial 83/84. Santa Catarina. Federação das Indústrias, 1984. p. 128 a 129.



ITEP/SC. Diagnóstico da Economia Catarinense. IOESC.  
1983. Volume III p. 29 a 165.

\_\_\_\_\_. Diagnóstico da Economia Catarinense. IOESC.  
1983. Volume III p. 10 a 170.

MATTOS, Fernando Marcondes. A Industrialização Catari-  
nense. UFSC. 1968. p. 87 a 89. Santa Catarina.

Análise da Indústria de Transformação de Santa Catari-  
na. SDE/CEAG/SC, 1974. p. 102 a 107.

CEAG/SC. Evolução Histórica: Econômica de Santa Cata-  
rina. Estudos das Alterações Estruturais - Século XVII  
a 1960. p.

GAPLAN/SC. Dados Sobre Empresas e Principais Municí-  
pios. 1984.

C.N.I. O Desempenho da Economia Brasileira em 1984,  
e, Perspectivas para 1985. DE - R.J. 1984.

SANTOS, Silvio Coelho dos. Nova História de Santa Cata-  
rina. Edição do autor. 1974.

## CAPÍTULO 4

#### 4. AS EMPRESAS CATARINENSES

Observados os gêneros e setores, montou-se a seguir os:

#### 4.1. OS GRUPOS EMPRESARIAIS CATARINENSES

##### PARÂMETROS PARA ANÁLISE E PERFIL

Para destacar a importância dos grupos empresariais catarinenses no contexto sócio-econômico do Estado elaborou-se três quadros com informações coletadas junto ao Gaplan e SIC-Secretaria de Indústria e Comércio de Santa Catarina. Os parâmetros utilizados para análise e perfil são os mesmos adotados para as empresas brasileiras no capítulo 2. Posteriormente reuniu-se as informações com base nos resultados encontrados pela pesquisa de campo. Reagrupou-se por setores e gêneros para melhor visualização da análise global.

O quadro nº 7, apresenta o número total de empresas existentes no Estado, nos três setores, englobando todos os gêneros (excluídas as financeiras e de serviço público) e somam; 36.621 empresas. O Faturamento total encontrado foi de 22.037 trilhões de cruzeiros, e o número total de empregos diretos foi de

480.357. O ICM arrecadado foi de 431 bilhões.

O item 1 - Setor Primário - somou: empre -  
sas O Faturamento total de ——— trilhões de cruzei-  
ros, e, gerou ——— empregos diretos. O item 2 - Se-  
tor Secundário somou: 7.468 empresas, sendo 5.368 no  
item 2.1. grupo tradicional, e, 2.100 no item 2.2 gru-  
po dinâmico. O Faturamento total encontrado foi de  
12.666. trilhões de cruzeiros 8.848. no item 2.1.  
grupo tradicional, e item 2.2. - Dinâmico 3.818. tri-  
lhões de cruzeiros. Gerou 241.793 empregos diretos.  
163.711 no item 2.1. grupo tradicional; e, 78.082 no  
item 2.2 - grupo dinâmico. O item 3 Setor Terciário so-  
mou: 29.153 empresas (comércio atacadista, varejista e  
serviços). O Faturamento total encontrado foi de  
9.371 trilhões de cruzeiros e gerou 154.606 empregos di-  
retos.

## QUADRO Nº 7

- PARTICIPAÇÃO DOS GÊNEROS AGRÍCOLAS, INDUSTRIAIS E COMERCIAIS NOS SETORES: PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO E TERCIÁRIO - SANTA CATARINA - PRELIMINAR

SETORES/GÊNEROS	Nº DE EMPRESAS	FATURAMENTO (1.000.000) (1)	Nº DE EMPREGADOS (2)	VALOR ICM (100.000) (3)
SETOR PRIMÁRIO	-	-	-	-
Agricultura	-	-	-	-
Silvicultura	-	-	-	-
SETOR SECUNDÁRIO	7.468	12.666.131	241.793	199.909.0
Grupo Tradicional	5.368	8.848.093	163.711	117.758.8
52.200 - Produtos Alimentares	821	4.269.824	30.731	24.814.1
50.008 - Vest. Art. Têxteis	742	1.447.663	40.047	23.107.3
48.003 - Têxtil	149	1.421.679	24.891	24.043.7
38.008 - Madeira	2.166	539.565	33.232	19.326.5
39.004 - Mobiliário	791	710.115	12.501	6.158.9
54.003 - Bebidas	117	100.444	4.580	3.007.2
42.005 - Couros	37	45.364	999	176.6
46.000 - Perfumarias e Velas	27	42.600	394	1.039.3
20.001 - Extração Mineral (is)	119	37.045	10.419	420.4
57.002 - Ed, Gráfico	135	22.718	1.260	433.6
60.003 - Ind. Construção	91	12.944	2.715	37.1
56.006 - Fumo	29	487.946	1.890	12.588.4
58.009 - Ind. Diversas	144	83.047	2.690	2.525.3
Grupo Dinâmico	2.100	3.818.038	78.082	82.150.2
35.009 - Mat.El. El. Comunicações	79	929.768	13.644	15.793.8
40.002 - Ind. Pap. Papelão	76	623.212	9.345	15.033.2
47.007 - Prod. Plásticos	65	535.372	6.653	13.443.4
34.002 - Ind. Mecânicos	287	507.943	14.864	6.414.9
32.000 - Ind. Metalúrgicas	569	353.648	11.128	8.928.7
30.007 - Minerais não Metálicos	924	508.778	19.160	17.620.6
43.001 - Ind. Químicas	61	318.797	2.196	3.600.5
41.009 - Ind. Borracha	30	9.734	459	308.6
45.004 - Ind. Prod. Fam. Vet.	9	30.778	573	1.001.1
SETOR TERCIÁRIO	29.153	9.371.552	154.606	145.432.8
70.009 - ATC	1.387	2.754.189	15.856	28.843.8
80.004 - VAR	20.556	5.988.190	76.817	105.944.8
90.000 - Outros Serv.	7.048	421.144	21.280	6.375.5
100.000 - Transp. Armazéns	162	208.028	5.875	4.270.7
TOTAL (1) + (2) + (3) S.C.	36.621	22.037.683	480.357	431.722.4
TOTAL BRASIL	8.473	340.439.570	4.635.400	-
(1) Fat. 300% p/84. (2) Empregos 4,1% p/84, e, (3) ICM 201.83% p/84.				

Na análise comparativa, gerou-se o quadro 8, para rearranjar a correlação de números e valores encontrados na análise global. Os dados foram levantados, setor por setor, empresa por empresa, grupo por grupo, e, estes por setor e gêneros.

Necessariamente teve-se que proceder, exclusões, por exemplo, no item 2. Setor Industrial 2.1. Grupo Tradicional os gêneros: 38.008 - Madeira, 39.004 - Mobiliário, 54.003 - Bebidas, 46.000 - Perfumarias e Velas, 56.006 - Fumo e 58.009 - Indústrias Diversas. No item 2.2. - Grupo Dinâmico - 40.002 - Indústria Papel e Papelão, 41.089 - Indústria Borracha, e, 45.004 - Prod. Farm: e Veterinários.

As razões técnicas para tal procedimento buscam ajustar os gêneros em que atuam os Grupos Empresariais selecionados e as empresas catarinenses, para análise e correlação em termos de %.

## SANTA CATARINA

O item 1. Setor Primário, pelo fato das empresas serem Ltda. não pudemos extrair informações. Desse modo o setor aparece em branco no quadro nº B.

O item 2. Setor Secundário, passou a somar 4127 empresas. No item 2.1. Grupo Tradicional 2142 e item 2.2. Dinâmico 1985 empresas. O Faturamento total

encontrado foi de 10.398. trilhões de cruzeiros 7.244. trilhões no item 2.1. Grupo Tradicional 3.154. bilhões de cruzeiros no item 2.2. Dinâmico. Gerou 178.141 mil empregos diretos, sendo 108.347 no item 2.1. Tradicional, e, 69.794 no item Dinâmico. O item 3 - Setor Terciário - passou a somar 29.153 empresas. Faturamento de 9.371. trilhões gerou 154.606 empregos diretos. A diferença entre os quadros 7 e 8 vide somatória no quadro 15, está assim distribuída: 3.000 empresas Faturamento 2.267. trilhões e Empregos Diretos 143.610 mil pessoas.



1984 - SANTA CATARINA E GRUPOS EMPRESARIAIS CATARINENSES - CORRELAÇÃO

CÓDIGO	SETORES/GÊNEROS	Nº DE EMPRESAS		FATURAMENTO (1)		Nº DE EMPRESAS (2)		ICM SC
		SC	GEC	SC	GEC	SC	GEC	
	1. SETOR PRIMÁRIO	-	-	-	-	-	-	-
52.000	2. SETOR SECUNDÁRIO	4.127	113	10.398.599	-	178.141	94.156	138.797.8
50.003	2.1. Grupo Tradicional	2.142	57	7.244.293	-	108.347	69.260	72.995.9
48.003	Produtos Alimentícios	821	36	4.269.824	-	30.731	35.846	24.814.1
42.005	Vestuário, Art. Têxteis	742	4	1.447.663	-	40.047	9.628	23.107.3
20.001	Têxtil	149	8	1.421.679	-	24.891	21.761	23.043.7
57.002	Couros	37	1	45.364	-	999	-	176.6
	Extração Minerais	119	5	37.045	-	10.419	1.940	420.4
	Editora/Gráfica	135	2	22.718	-	1.260	-	433.6
35.009	2.2. Grupo Dinâmico	1.935	56	3.154.306	-	69.794	24.896	65.801.9
47.007	Mat. El. t. e Com.	79	1	929.768	-	15.793	2.116	15.793.8
34.002	Prod. Material Plást.	65	18	535.372	-	6.653	6.992	13.443.4
32.005	Ind. Mecânicas	287	8	507.943	-	14.864	3.912	6.414.9
30.007	Inds. Metalúrgicas	569	4	353.648	-	11.128	4.346	8.928.7
43.001	Prod. Minerais Metál.	924	20	508.778	-	19.160	7.030	17.620.6
	Ind. Químicas	61	5	318.797	-	2.196	500	3.600.5
	Transp. Armazenagem	-	-	-	-	-	-	-
70.009	3. SETOR TERCIÁRIO	29.153	47	9.371.552	-	154.606	8.040	145.432.8
80.004	Comércio Atacadista	1.387	11	2.754.189	-	15.856	03	28.843.8
90.000	Comércio Varejista	20.556	5	5.988.190	-	76.817	-	105.944.8
100.000	Serviço em Geral	7.048	26	421.144	-	21.380	7.149	6.373.5
	Serviço Público	162	5	208.028	-	5.876	888	4.270.7
	(1) + (2) + (3)	33.621	181	19.770.151	-	336.747	104.034	284.230.6
	SANTA CATARINA	33.621	141	22.037.683	-	480.357	-	431.722.4

ESTAB. GAVIÃO-SC, SECRETARIA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO, E, RECORREÇÃO DO AUTOR.  
 C. 0.0.1. ANEXO DO PÍCULO 84-3008; 2.º SEME 4.1.13 E 3.ª TAVA 201.88 EM RELAÇÃO A 83.

O quadro nº 9, contém por setores e gêneros os índices mínimos e máximos extraídos do Mapa matriz. Tem por objetivo a análise correlativa com os apresentados pelas demais empresas brasileiras, capítulo 2.

Os índices selecionados em número de três, constam do projeto de tese a saber:

- a) Liquidez corrente
- b) Grau de endividamento
- c) Rentabilidade.

QUADRO Nº 9

## QUADRO Nº 9

CÓDIGO	SETORES/GÊNEROS	SUB- SETORES	ÍNDICE		
			LIQUIDEZ CORRENTE	ENDIVIDA- MENTO	RENTABI- LIDADE
1. SETOR PRIMÁRIO					
1.1. Agr. Pec. e Silv.					
1.2. Mineração					
2. SETOR SECUNDÁRIO					
2.1. Grupo Tradic.					
52.200	. Prod. Aliment.	FRI-OLV	0.94	22.8	2.8
		MOI-PES	2.56	88.3	38.3
60.008	. Vest., Art. Têxt.	VES	0.54	30.9	3.1
			1.76	77.5	10.7
48.003	. Têxtil	TEX	0.98	8.9	5.9
			1.56	53.0	-
42.005	. Cour. e Similares	COU	1.22	62.7	8.6
20.001	. Extração de Min.	MIN	2.17	12.5	0.1
			2.67	34.0	15.8
2.2. Grupo Dinâmico					
35.009	. Prod. Mat. El., El. e Com.	DOM	1.51	30.1	-
			1.55	43.1	-
47.007	. Prod. Mat., Plástico	PLA	1.22	4.9	4.9
			9.10	45.7	8.3
34.002	. Ind. Mecânica	MAQ	1.71	15.5	0.1
			3.93	62.6	4.5
32.000	. Ind. Metalúrgica	MET	1.69	26.9	4.5
			1.89	35.5	5.9
30.007	. Prod. Min. não Met.	CER	0.64	15.3	0.1
			1.36	62.6	4.5
43.001	. Produtos Químicos	QUI	1.01	13.3	0.0
			1.39	60.0	4.0
	. Transporte Amaz.	ARM	0.24	64.1	1.8
			5.44	23.3	12.3
3. SETOR TERCIÁRIO					
70.009	. Com. Atacadista	ATC			
	. Com. Varejista	VAR	0.15	0.2	13.0
			4.01	25.9	23.0
90.000	. Serviço em Geral	SCE			
100.000	. Serviço Público	-			

PERFIL CATARINENSE



4.2. O ASSENTAMENTO GEOGRÁFICO  
DOS GRUPOS EMPRESARIAIS CATARINENSES  
EM 1985.

Montados os padrões para análise dos perfis, caracteriza-se:

### O ASSENTAMENTO GEOGRÁFICO DOS GRUPOS EMPRESARIAIS SELECIONADOS.

Os grupos empresariais possuem juntos, no Estado e no Brasil, 181 empresas, assim distribuídas:

#### SANTA CATARINA

Na microrregião Carbonífera 30 empresas ou 21,27% - das empresas existentes. Seguem: microrregião Florianópolis com 12 empresas ou 8,51% das empresas existentes. A microrregião de Joinville com 38 ou 26,95% das empresas existentes. A microrregião do Vale do Itajaí (BLUMENAU) com 27 empresas ou 19,14% das empresas existentes. A microrregião do Vale do Rio do Peixe com 20 empresas ou 14,18% das empresas existentes, e, A microrregião do Oeste Catarinense com 14 empresas ou 2% das empresas existentes.

Das 140 empresas sediadas em Santa Catarina, segundo dados levantados, na região Carbonífera por Setores e Gêneros a situação é a seguinte: 30 No setor

Primário encontram-se:	-	3
- Silvicultura	-	1
- Pecuária	-	2
No setor Secundário encontram-se:	-	21
52.000 - Indústria de Produtos Alimentícios	-	4
20.001 - Extração e Trat. de Minerais	-	4
30.007 - Produtos Minerais não Metálicos	-	9
32.000 - Produtos Metalúrgicos	-	1
35.009 - Prod. Mat. Elet. Eletr. e Com.	-	1
- Prod. Plástico e Químico	-	1
34.002 - Indústria Mecânica	-	1
No setor Terciário encontram-se:	-	6
Na microrregião Colonial de Joinville a situação é a seguinte:	-	38
No setor Primário encontram-se:	-	5
- Silvicultura	-	2
- Pecuária	-	3
No setor Secundário encontram-se:	-	25
57.000 - Produto de	-	1
47.007 - Ind. Prod. Material Plástico	-	9
43.001 - Indústria Química	-	5
34.002 - Indústria Mecânica	-	7
32.000 - Indústria Metalúrgica	-	3
No setor Terciário encontram-se:	-	8



70.009 - Comércio Atacadista	- 3
90.000 - Serviço em Geral	- 5

Na microrregião Litoral de Florianópolis a situação é a seguinte: - 12

No setor Primário encontram-se: - 3

- Silvicultura - 1

-- Pecuária - 2

No setor Secundário encontram-se: - 6

52.000 - Produtos Alimentícios - 3

57.002 - Produtos Minerais não metálicos - 1

- Produtos Extr. Minerais - 1

- Transporte e Armazenagens - 1

No setor Terciário encontram-se: - 3

Na microrregião do Vale do Itajaí (BLUM) a situação é a seguinte: - 27

No setor Primário encontram-se: - 4

- Pecuária - 4

No setor Secundário encontram-se: - 17

52.200 - Produtos Alimentícios AGRO - 8

50.008 - Vestuários, Artigos Têxteis - 2

- Ind. Prod. Min. não Metálicos - 1

48.003 - Indústria Têxtil - 6

No setor Terciário encontram-se: - 6

70.009 - Comércio Atacadista - 2

80.001 - Comércio Varejista	- 1
90.000 - Serviço em Geral	- 3

Na microrregião do Rio do Peixe a situação por gêneros é a seguinte: - 20

No setor Primário encontram-se:	- 5
- Silvicultura	- 3
- Pecuária	- 2

No setor Secundário encontram-se: - 7

52.200 - Produtos Alimentícios	- 6
42.005 - Couros	- 1

No setor Terciário encontram-se: - 8

70.009 - Comércio Atacadista	- 2
80.000 - Comércio Varejista	- 2
90.000 - Outros Serviços	- 4

Na microrregião do Oeste Catarinense a situação é a seguinte: - 14

No setor Primário encontram-se: - 1

- Pecuária	- 1
------------	-----

No setor Secundário encontram-se: - 6

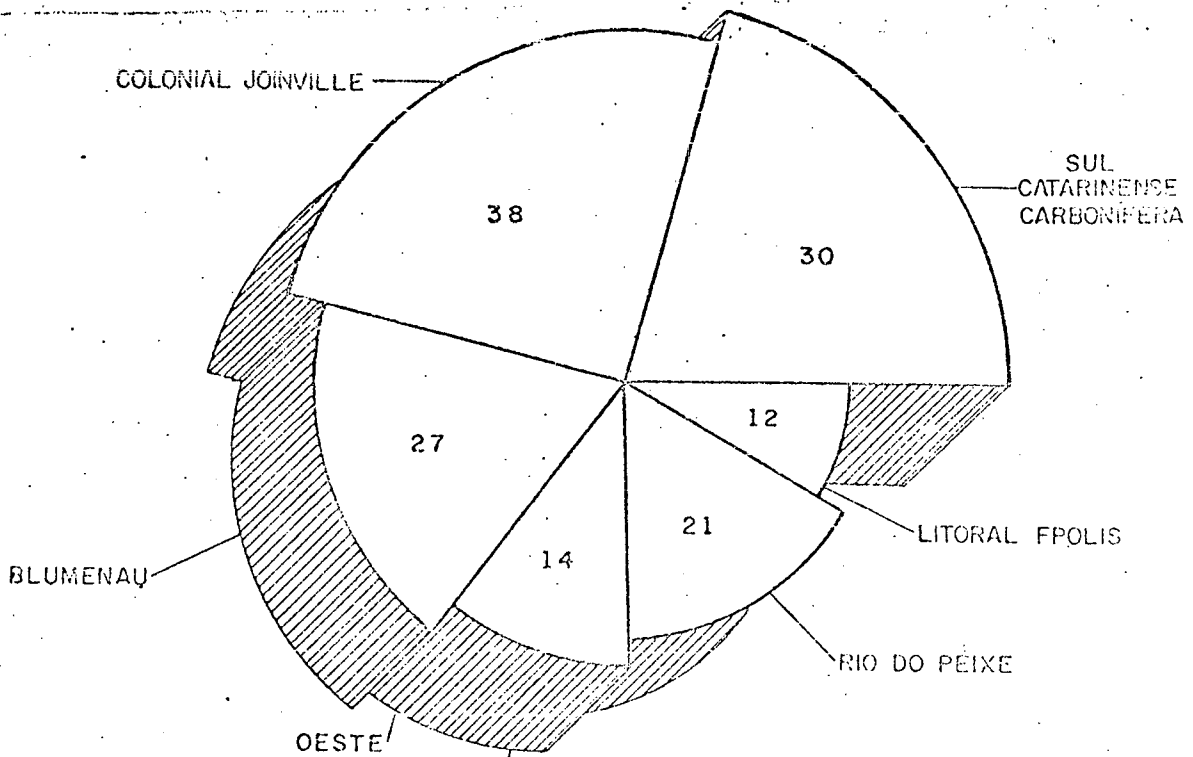
52.200 - Produtos Alimentícios	- 4
57.002 - Indústria Gráfica	- 1
- Indústria Construção	- 1

No setor Terciário encontram-se: - 7

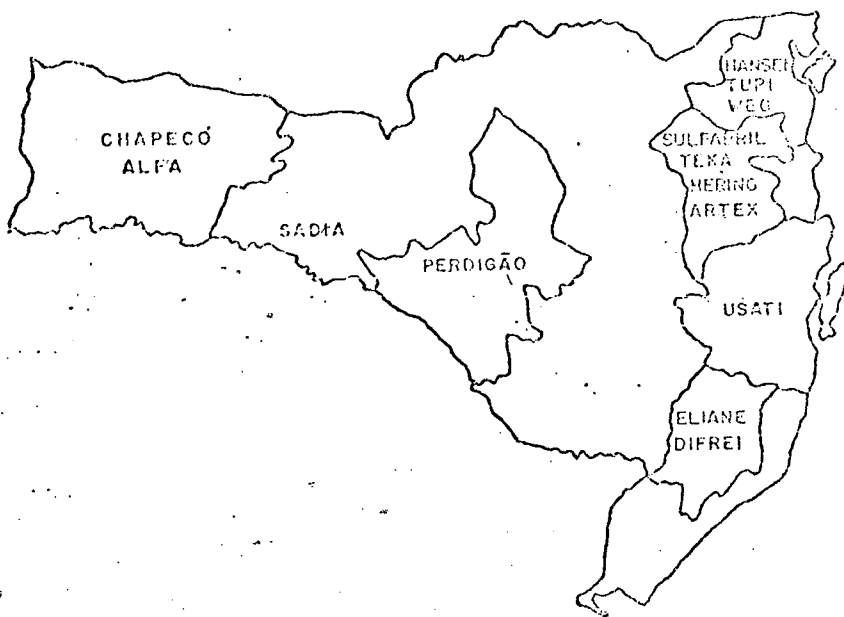
70.009 - Comércio Atacadista	- 3
90.000 - Outros Serviços	- 4

Segundo o Quadro nº 11 - Distribuição espacial para microrregião, das 181 empresas, 141 estão sediadas no Estado, ou 77,90% do total das empresas.

Distribuição por Microrregião, Setores e Gêneros



Para uma melhor visualização do assentamento dos grupos empresariais, apresenta abaixo, o mapa de Santa Catarina com a localização dos grupos empresariais por microrregião.

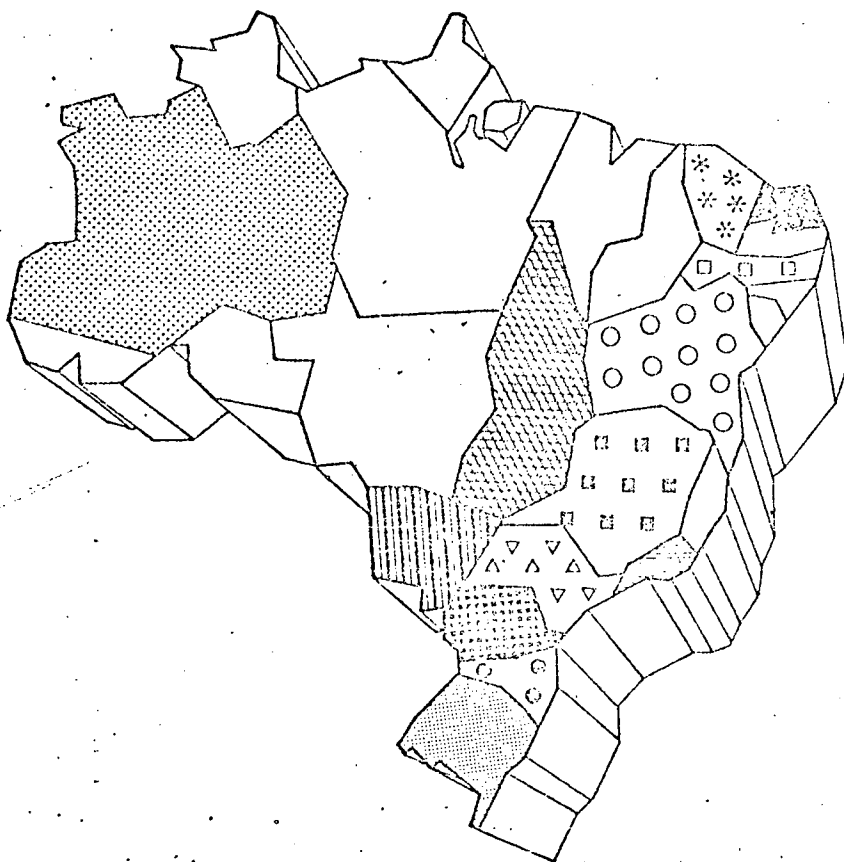


QUADRO Nº 12

## BRASIL

Grupos Empresariais Catarinenses - Assentamento no Brasil por Grandes Regiões.

QUADRO Nº 13



Segundo o gráfico acima, 181 empresas estão situadas nas diversas grandes regiões Brasileiras. Assim por grandes regiões tem-se:

Na Região Sul localizam-se 146 empresas, ou 80.66%

das pertencentes aos grupos empresariais catarinenses. Santa Catarina com 141, Paraná com 3, e, Rio Grande do Sul com 1 empresa.

Na Região Sudeste localizam-se 16 empresas ou 8,83% das empresas que compõem os Grupos Empresariais Catarinenses. São Paulo, 11 empresas, e, Rio de Janeiro com 3, e, Espírito Santo com 2 empresas.

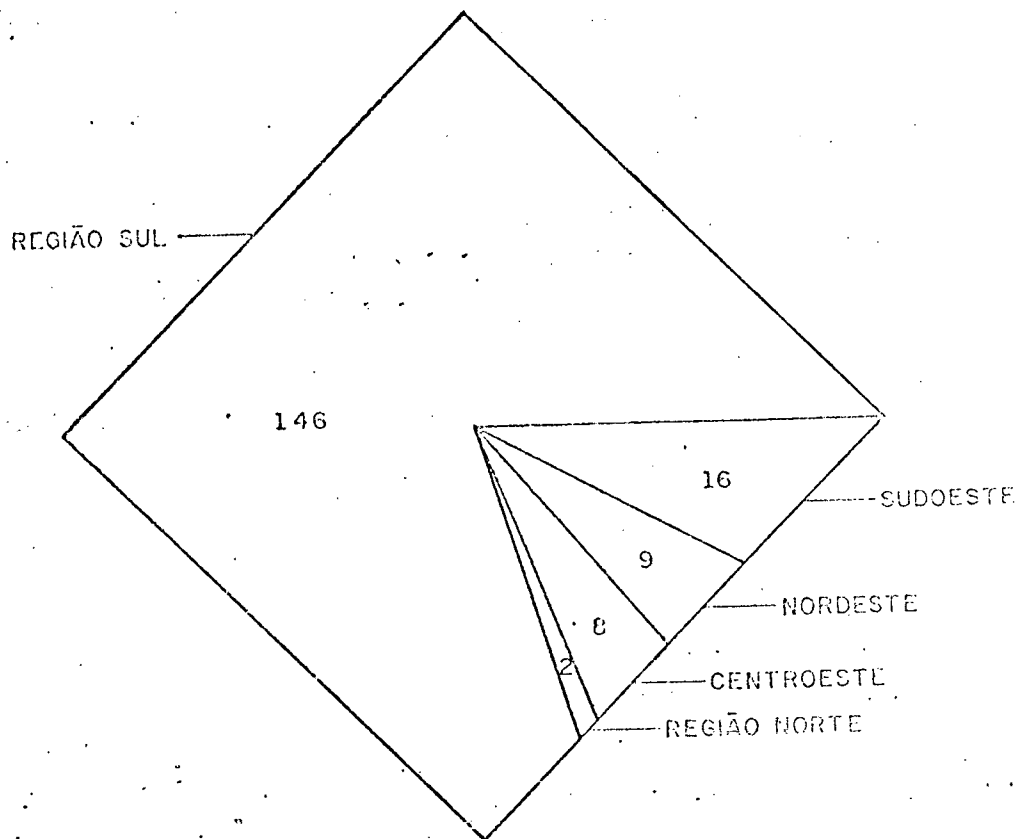
Na Região Nordeste localizam-se 9 empresas ou 4,98% das empresas que compõem os Grupos Empresariais Catarinenses. Pernambuco com 3, Rio Grande do Norte com 3, Bahia com 2, e, Ceará com 1.

Na Região Centro-Oeste localizam-se 9 empresas ou 4,98% das empresas que compõem os Grupos Empresariais Catarinenses. Mato Grosso do Sul com 3, Mato Grosso no Norte com 3, Goiás com 3 empresas.

Para uma melhor visualização do assentamento das empresas pertencentes aos Grupos Empresariais Catarinenses, segue-se o mapa do Brasil com a respectiva disposição por Estado.

## QUADRO Nº 14

BRASIL -- Assentamento Geográfico dos Grupos  
Empresariais Catarinenses - 1985



## OS GRUPOS EMPRESARIAIS SELECIONADOS

### AS RAZÕES

A seleção dos Grupos Empresariais Catarinenses foi procedida com base e fundada em critérios econômico e financeiro em uso no país, cujos mais relevantes, dentre outros, são:

- a) FUNÇÃO SOCIAL - Imagem integrativa do grupo na comunidade onde está inserido, observadas a significação social na: a) geração de empregos (diretos ou indiretos), e, b) programas de interesse social do municípios e região;
- b) Significação quanto à GERAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA RENDA CATARINENSE a qual se reflete diretamente na formação do Produto Interno Bruto e Renda "per capita", excluindo os aspectos ideológicos pertinentes;
- c) CANALIZAÇÃO DE LUCROS E RECURSOS DISPONÍVEIS PARA REINVESTIMENTOS (em ampliações e expansões) principalmente no Estado;



- d) PRODUÇÃO DE BENS E SERVIÇOS DE INTERESSE DO ESTADO, País, e, decorrentemente destinados ao Mercado Interno e Externo;
- e) SIGNIFICAÇÃO NA GERAÇÃO DIRETA DE TRIBUTOS, municipais, estaduais e federais;
- f) A DIVERSIFICAÇÃO COM BASE NO SETOR AGRÍCOLA pecuária e/ou Agropecuária, e,
- g) CRIAÇÃO DE ESPAÇO PARA ASSENTAMENTO e expansão de micro, pequenas e médias empresas na região ou município sede.

Na identificação uniforme de cada empresa, Por grupo, e outros grupos com vista a catalogá-las por microrregião, setores e gêneros, utiliza-se com pequenos ajustes os critérios, em uso, pelo GAPLAN e SIC, (Secretaria de Indústria e Comércio), inclusive os índices da Revista Visão Especial de 8-8-84.

Os índices adotados, entre outros são: 1) LIQUIDEZ CORRENTE - Ativo circulante dividido pelo passivo circulante. Mede a relação de Ingresso e Desembolso disponível no mesmo período de tempo. (Prazo). 2) ENDIVIDAMENTO - Passivo Circulante mais o Exigível a Longo Prazo como porcentagem do Total do Ativo. Revela qual a % (porcentagem) de capital de terceiros tomada

#### 4.3. Os Grupos Empresariais Selecionados

pelo grupo. 3) RENTABILIDADE - Lucro Líquido do Exercício com % (porcentagem) do Patrimônio Líquido. É a forma de medir a lucratividade da empresa.

Incluiu-se, também, as variáveis: a) nº de empregos diretos, b) nº de empresas dentro e fora do Estado, c) Faturamento Líquido (ROL), d) Lucro Líquido (LL) e, e) Patrimônio Líquido. Todos classificados por setores e gêneros.

Os grupos empresariais catarinenses por ordem cronológica de fundação são:

#### SÉCULO XIX

1880 - 105 anos - Grupo HERING - Líder Cia Hering Associadas - sede Blumenau. Possui 25 empresas.

#### SÉCULO XX

1935 - 50 anos - Grupo TEKA - Líder Tecelagem Kuehnrich SA - sede Blumenau. Possui 4 empresas.

1936 - 49 anos - Grupo ARTEX - Líder Artex Fca Artefatos Têxteis SA - sede Blumenau. Possui 18 empresas.

1938 - 47 anos - Grupo TUPY - Líder Industriais de Fundação TUPY SA - sede Joinville. Possui 17 empresas.

- 1941 - 44 anos - Grupo HANSEN - Líder Cia Hansen Indústria - sede Joinville. Possui 25 empresas.
- 1944 - 40 anos - Grupo SADIA - Líder Sadia Concórdia SA. Indústria e Comércio - sede Concórdia. Possui 21 empresas.
- 1945 - 39 anos - Grupo PERDIGÃO - Líder Pergidão. Alimentos - sede Videira- Possui 9 empresas.
- 1952 - 33 anos - Grupo CHAPECÃO - Líder Industrial e Comercial Chapecão - sede Chapecão. Possui 8 empresas.
- 1947 - 31 anos - Grupo SULFABRIL - Líder Sul Fabril SA. Malhas - sede Blumenau. Possui 2 empresas.
- 1956 - 29 anos - Grupo DIFREI - Líder Cecrisa SA. - sede Criciúma. Possui 20 empresas.
- 1960 - 25 anos - Grupo ELIANE/GALDINSKI. Líder Max. Part. - sede Criciúma. Possui 21 empresas.
- 1961 - 24 anos - Grupo WEG - Líder Elctromotores WEG SA - sede Jaraguá do Sul. Possui 7 empresas.
- 1944 - 44 anos - Grupo USATI-PORTOBELO. Líder Ref. Ca-

tarinense SA - sede Florianópolis. Possui 12 em  
presas, e,

1966 - 19 anos - Grupo COOPERALFA. Líder Alfa Ltda. - 1  
sede Chapecô. Possui 2 empresas.

Identificadas as empresas catarinenses e os  
grupos empresariais, em função de setores e gêneros,  
e as demais variáveis passa-se à ORIGEM e EVOLUÇÃO de  
cada um dos grupos por microrregião no capítulo nº 5.

## BIBLIOGRAFIA

## CAPÍTULO IV

## 4 AS EMPRESAS CATARINENSES

Secretaria de Indústria e Comércio, 1984 - Dados sobre a Economia Catarinense.

MATTOS, Fernandes Marcondes. Santa Catarina Nova Dimensão. 1973. UFSC. Florianópolis.

FILHO, Esperidião Amim Helou. Mensagem à Assembléia Legislativa. IOESC. 1985. Florianópolis.

CAPÍTULO 5

ORIGEM E EVOLUÇÃO



## ORIGEM E EVOLUÇÃO

1.300 - SUL CATARINENSE - CARBONÍFERA

DIOMÍCIO FREITAS - GAIDZINSKI

OS ANOS QUARENTA E CINCO

O CARVÃO E OS AZULEJOS DO SEU "DIOMÍCIO"

A proposta de VARGAS de colocar o Brasil no concerto, nas nações, com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (C.S.N.) e a exploração e distribuição do Petróleo, traz reflexo positivo para Santa Catarina.

A HORA E A VEZ DO CARVÃO CATARINENSE

Seu Diomício habilita-se à concessão de lavra e exploração do carvão em Criciúma.

Cria, então, a sua empresa de mineração que mais tarde vai se constituir no embrião do grupo Freitas. Dos anos quarenta, até 65, investe em aquisição de terras, expande a área de lavra e aplica em pecuária.

ria, comunicação (rádio) e hotel.

#### OS ANOS SESSENTA

##### OS PISOS E AZULEJOS DO SEU "NILO"

A evolução econômica resultado da política desenvolvimentista de Juscelino Kubistchek de Oliveira e as conclusões infra-estruturais do governo Celso Ramos em Santa Catarina estimulou seu Nilo a adquirir a massa falida de uma cerâmica, localizada em Cocal, distrito de Urussanga Santa Catarina. A fábrica desativada encontrava-se imersa em problemas com acionistas e ex-empregados. A produção era artesanal. Para que pudesse pensar em expansão de produção foi necessário consolidar acerto tecnológico e de qualidade. De início veio o "Biscoito Pelado" assim chamado por dispensar a caixa refratária na sua queima. Depois, o processo tecnológico estava criada a MAGASA - Maximiliano Gaidzinski SA - Indústria de Azulejos ELIANE.

O seu Diomício, em 1966, diversificava seu empreendimento implantando a CECRISA - Cerâmica Criciúma SA. Três anos mais tarde incorpora a sua organização a INCOCESA de Tubarão - Indústria e Comércio de Cerâmica Sociedade Anônima.

#### OS ANOS SETENTA

##### A CONSOLIDAÇÃO DO PÓLO CERÂMICO

Em 1970 a MAGASA - Maximiliano Gaidzinski diversifica os investimentos e cria o Frigorífico Sul Catarinense SA - FRISULCA e a agroindústria ELIANE.

Em 1971, fortaleceu a produção de matérias-primas cerâmicas criando a MINÉRIOS INDUSTRIAIS DO SUL SA - (minel).

O grupo Diomício Freitas, em 1972, cria a Industrial Conventos SA para fabricação de silos agitadores, equipamentos de minas, prensas hidráulicas para suas indústrias, e suprimento às empresas do setor no Estado e País.

Seo Nilo investe fundo na sustentação logística da MAGASA, criando a primeira unidade de produção de pisos. Indústria de Pisos SA e as indústrias de apoio: IMECAL - Indústria Mecânica de Equipamentos Imobiliários SA - construção civil; Transporte Cocal SA e no setor frigorífico a avícola ELIANE SA - abatedora de aves. Todas em 1975.

Em 1976, o grupo Freitas, instala na área industrial de São José, a INTELBRÁS - Indústria Teleelétrica Brasileira.

A MAGASA conclui a expansão da 2<sup>a</sup> Unidade da INPISA - Indústria de Pisos SA.. Implanta ainda a INCOPIISO - Indústria e Comércio de Pisos SA, Refratários Fundidos e Prensados ELIANE SA, e, Pecuária ELIANE para criação de reprodutores de raça (suínos de cor

te).

O grupo Freitas instala a DIPLASA - Plásticos SA e Cerâmica Metropol em 1978.

A MAGASA racionaliza o trabalho de vendas e exportação de produtos cerâmicos e refratários criando a ELIANE, Exportadora e passa também a produzir seus próprios impressos. Surge a gráfica ELIANE.

O grupo Freitas investe em Goiás na nova fábrica e COMINAS - Mineração conventos SA e CEMINA Cerâmica e Mineração Nacional Indústria e Comércio que são inauguradas em 1979.

A MAGASA, aplica em reservas florestais e implanta em 1979, a Florestamento e Reflorestamento Ltda em Mato Grosso do Sul.

Em 1980 cria o setor de avicultura em Forquilha em Criciúma para expansão do sistema de integração de aves.

#### OS ANOS OITENTA

Falece tragicamente em desastre de automóvel o Seo Dionício Freitas.

O grupo Maximiliano Gaidzinski implantava em 1981 a embalagem ELIANE. O grupo Freitas entra firme no ramo de comunicações e implanta a TV Eldorado, um complexo constituído de nove (9) emissoras de rádio.

Em 1983, a MAGASA implantou no Estado de Espírito Santo a ORNATO - Indústria de Azulejos e Pisos e a TELUS - Mineração Ltda.

Os Freitas incorporam a TV e Rádio Cultura à Rede de Comunicação Eldorado.

Em 1984, a MAGASA implantou a PALMASA - Azulejos Várzea da Palma SA em Minas Gerais.

Em 1985 o grupo Freitas é desdobrado em quatro grandes vertentes:

- Áreas:
- a) Grupo CECRISA,
  - b) Grupo Conventos,
  - c) Grupo Amanda, e,
  - d) Grupo Difrei.

Durante o 20º Congresso Nacional de Cerâmica e o 25º ano de fundação da MAGASA, constatou-se que a recuperação do setor é uma realidade e a sua expansão traz a expansão de outros setores e estes a geração de empregos e divisas.

## ORIGEM E EVOLUÇÃO

### 2.297 - LITORAL DE FLORIANÓPOLIS

#### U S A T I. PORTOBELLO

A empresa familiar, USATI - PORTOBELLO, criada em 1944, é fruto do trabalho e constância do seu principal dirigente. Ele é a empresa, desde o início, tiveram afinidade com a área agroindustrial catarinense. Em 1956, duas pequenas usinas do Estado (Tijucas e Adelaide) coligaram-se para dar início à formação do grupo USATI.

Nas duas grandes fases que o grupo passou, existiu uma só preocupação: buscar a vocação catarinense e a alternativa para o seu crescimento. Foi assim, em 1979, quando o titular percebeu que as jazidas de argila existentes na área poderiam levar Santa Catarina à condição de importante pólo cerâmico do país. Esta realidade coincidiu com a preocupação da administração em diversificar suas atividades em áreas de menor intensidade de estatização. Deste modo, surgiram a Ce-

râmica Portobello SA e, posteriormente, a Mineração Portobello Ltda.

Paralelamente promoveu a implantação definitiva da destilaria de Álcool e investiu na adequação tecnológica da Refinadora Catarinense SA.

Recentemente dada a desaceleração da expansão agrícola da cana de açúcar no litoral, com base numa estratégia bem definida criou, em Friburgo, a SAGA SA - Agropecuária e Industrial. Relocou os equipamentos, homens e tecnologia disponível no setor de álcool e açúcar e investiu maciçamente no plantio e cultivo da maçã. Uma alternativa agrícola de fruticultura de clima temperado, no Vale do Rio do Peixe, que propiciará futuramente alto suficiência ao país, abrindo excelente mercado no exterior.

A filosofia do Conselho de Administração das empresas USATI PORTOBELLO é de confiança no futuro do país. Os seus alvos são: a) Mercado Interno; b) Geração de Empregos, e, c) oportunizar as condições favoráveis do Mercado Internacional.

É política das empresas USATI PORTOBELLO aplicar de forma permanente todos os recursos no Estado de Santa Catarina, exclusivamente.

Sem perder a característica de empresa de capital fechado, promoveu recentemente a reestruturação organizacional jurídica e administrativa de todas as empresas do grupo.

## ORIGEM E EVOLUÇÃO

3.294 - COLONIAL DE BLUMENAU

HERING, TEKA, ARTEX, SULFABRIL

## A FORMAÇÃO DO PÓLO TÊXTIL

## AS PIONEIRAS NO SÉCULO XIX - 1880

A crise econômica que atingiu a Europa no século XIX, e as notícias sobre as oportunidades e riquezas da América do Sul, levou o Sr. Hermann Hering, após contatos com um senhor de nome WEISE, vindo de Blumenau (Brasil), levou a rearranjar seu negócio na Alemanha e vir para Blumenau.

Cauteloso, deixou a família com o irmão e sócio BRUNO e veio em busca de vida nova na Colônia fundada pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau.

Foi guardar livros, manufaturou cigarros e chegou a ser dono de um pequeno botequim. Desde sua chegada procurou poupar as economias pelos ganhos das pequenas quantias.



A AUTONOMIA DA COLÔNIA E AS MALHAS BRANCAS DE HERMANN  
E BRUNO HERING.

Com a transformação da colônia de Blumenau em município e já adaptado à região, chama seus filhos Paul e Elise para auxiliá-lo. Nesta ocasião adquiriu, em Joinville, um tear circular e um caixote de fios.

Em 1880 certo da potencialidade da região promove a vinda, em agosto, dos membros da família que haviam ficado na Alemanha, inclusive do irmão Bruno.

A instalação do tear de Hermann HERING, coincide com o surto de industrialização de Blumenau. Datan dessa época a Tecelagem Karsten e a pequena fundição que mais tarde torna-se a Eletro Aço Altona. A localização da fábrica de camisas de Hermann e Bruno situava-se na rua 15 de Novembro onde hoje estão as lojas HERING.

Em 1882 era a única fábrica no Brasil de tecido de malha. Frisa-se, também, que quando instalaram o segundo e terceiro teares foram obrigados a buscar mão-de-obra na redondeza.

Na primeira expansão, construíram um simples rancho de madeira no pátio da casa de máquinas (MASCHINENHAUS) em cujo interesse foram colocados os teares algumas máquinas de costura, mesa prensa, máquina de tecer meios e mesa de corte.

Mais tarde, adquirem um terreno, em área ideal, nos fins da rua Bom Retiro com força motriz hidráulica para mover a roda d'água que acionasse os teares.

Foi o assentamento definitivo que seria acrescido sempre de novas alas, com cuidados especiais à preservação da natureza.

Em 1983, Hermann e Bruno transferem parcialmente parte dos equipamentos para a nova área. Seu filho MAX vai se especializar, por dois anos, no setor técnico na Alemanha. Nesse mesmo ano foi registrado no cartório de Roberto Baier, a Comercial Gebrueder HERING.

De 1884 a 1899 a Gebrueder Hering ganhou espaço no mercado local e regional. Em 1891 são instalados os demais equipamentos (máquinas de costura e meias) na rua Bom Retiro, ocasião em que a família HERING passa a residir em casa ampla e confortável.

O século XIX chegou ao fim, com a Comercial Gebrueder Hering em franco progresso. A empresa tinha-se firmado no Rio Grande do Sul e alcançava os mercados de São Paulo e Rio de Janeiro:

## O DESENVOLVIMENTO DE BLUMENAU E A GEBRUEDER HERING NO SÉCULO XX

No início do século trouxe a expansão da em-

presa na rua Bom Retiro e o crescimento de Blumenau que na época, completava seu centenário.

Em 1913, os HERING exerciam atividades industriais, comerciais e bancárias (1892 e 1913). No período, os depósitos, pela confiança, chegavam a beirar o próprio capital social da empresa.

No ano da I Guerra Mundial, instalaram a unidade de fiação que lhes daria auto suficiência na produção de fios. Esta inovação valeu, em 1915, o título de maior malharia do Brasil.

Com as restrições de importação de fios face à guerra mundial, a Comercial Gebrueder HERING contribuiu para a expansão agrícola nacional consumindo o algodão do Nordeste. No dia 28 de setembro de 1915, falecia em Blumenau o fundador Hermann Hering. A razão social da Comercial Gebrueder Hering foi alterada e passa às mãos dos integrantes da segunda geração HERING. (Além de BRUNO, os sobrinhos Max, Curt Hering, e os cunhados Hermann Mueller-Hering, Richard Cross e Ernst Stei-back).

A instalação da Usina de Salto em 1915, possibilitou novo impulso à indústria de Blumenau. Foi de Bruno Hering a idéia e implantação da rede telefônica na região. Bruno faleceu, aos 76 anos, em 24 de agosto de 1918.

## OS ANOS VINTE E A EXPANSÃO DO PÓLO TÊXTIL

## OS ACOLCHOADOS E AS CAMISAS DE PAUL FRITZ KUEHNRIICH

Em 1924, chegava ao Brasil procedente da Alemanha o Sr. Paul Fritz Kuehnrich, fundador da Cia Kuehnrich SA, atual TEKA. Sua primeira atividade foi como operário da olaria de propriedade do Sr. Luiz Hoertel situada na localidade de Ipopava Norte. Um ano mais tarde, casa com a filha deste, Srta. Martha. Dois anos depois (1926) iniciou atividade industrial por conta própria, instalando uma fábrica de acolchoados.

Em 1927, inclui em sua indústria a confecção de camisas, adquirindo o tecido de terceiros que durou até 1931.

## A CRISE DE 1929

Trouxe a recessão econômica mundial afetando várias empresas brasileiras. No entanto, a HERING e CIA continuou em ritmo normal de expansão dadas as condições favoráveis de auto suficiência na produção de fios e malhas. No dia 14 de setembro de 1929 a Hering e Cia é transformada em S.A. sob a denominação de CIA HERING SA inserindo-se os filhos e filhas nas atividades da empresa.

Da primeira diretoria da Sociedade Anônima

participaram: Paul HERING - Diretor Presidente Max, Curt HERING e Hermann Mueller-HERING - Diretores Gerentes. Mas Victor HERING, INGO WOLFGANG HERING (atual presidente de Honra) e Walter Wernner com Diretores Suplentes. Completavam a Administração: Adolfo Pethig, Felix Herring e Ernest Stembach, respectivamente, como contador, administração de fiação e gerente de loja.

A incorporação da fábrica da família Echardt, que confeccionava camisas de malhas em Indaial, permitiu a inovação no sistema de descentralização de confecções dada a excelência da mão de obra; vantagens em produtividade e qualidades dos produtos HERING.

#### OS ANOS TRINTA

Em 1931, a firma individual de Paul Fritz KUEHRINCH, empregava 8 pessoas. Nesse ano, adquiriu dois teares simples (usados) com os quais passou a fabricar o tecido para sua confecção. O passo seguinte foi transformar sua pequena indústria em sociedade anônima para obtenção de maior porte e solidez financeira. Chamou-se então: Cia KUEHRINCH SA com o capital inicial de 600 cruzeiros atuais integralizados, em parte, por ele e uma dezena de acionistas.

No período de 1934 a 1941 foi sistematicamente expandida a produção e feita a reorganização interna

da Cia HERING SA principalmente as unidades de alveja-  
mento e melhoria.

Durante a comemoração do 1º Centenário do  
nascimento de Hermann HERING (1935) foi criada a Funda-  
ção Hermann HERING com o patrimônio inicial de 200 cru-  
zeiros atuais, em ações da empresa Força e Luz de Santa  
Catarina, cujos dividendos seriam empregados no susten-  
to de operários doentes e na pensão de inválidos.

#### AS TOALHAS DE TEÓFILO BERNARDO ZADROSNY

A Sociedade Fábrica de Artefatos Têxteis AR-  
TEX foi fundada em 23 de maio de 1936, tendo à frente,  
entre outros, Teófilo Bernardo ZADROSNY. O ramo de ati-  
vidade, objetivava segundo o estatuto original, a fabri-  
cação de toalhas. O número inicial de operários foi 18  
(dezoito) e o capital social de \$ 600 cruzeiros atuais.

#### OS ANOS QUARENTA

Em 1941, a Cia KUEHRINCH passou a denominar-  
se Tecelagem KUEHRINCH SA e a marca T.K. ou TEKA.

#### A II. GUERRA MUNDIAL E OS EFEITOS DA SUBSTITUIÇÃO DE IM- PORTAÇÕES

As restrições às importações impostas no de-

correr da segunda guerra trouxeram vários transtornos para obtenção de máquinas, peças e principalmente de agulhas. Esta última contornada por Carl Trudler, que conseguiu fabricá-las em Blumenau.

De 1941 a 1945 a meta da Cia HERING foi a assistência social. Datam da época, a instalação de cooperativa, creche Hedy Hering e ambulatório médico. Em 1943 adquiriu em São Paulo, uma pequena malharia que passou a fabricar artigos de esporte e de moda. No ano seguinte, como resultado da expansão, foi transferida para o bairro de Belenzinho, se constituindo na filial de São Paulo para aproximar a HERING do seu maior mercado consumidor. Dois anos mais tarde foi reorganizada a direção geral.

A Tecelagem KUEHNRIICH instalou seu próprio setor de fiação e passou a obter auto suficiência na produção de fios de algodão.

#### AS CONFECÇÕES DE CAMISAS DE PAULO FRISCHE

Em 1947, o Sr. Paulo FRISCHE considerando os fatores favoráveis de pós-guerra e as oportunidades existentes em Blumenau, com o assentamento definitivo do pólo têxtil criou a SUIFABRIL pequena indústria destinada à confecção de camisas.

Os dez primeiros anos da SUIFABRIL foram des

tinados à aquisição de imóveis, ampliação e renovação de máquinas, equipamentos e expansão do parque fabril.

#### OS ANOS CINQUENTA

Em fins de 1950, se desmembra da Cia HERING a seção de atacado e varejo da rua 15 de Novembro dando origem às Lojas HERING sob a direção de Erich e Guenther Stembach.

A tecelagem KUEHNRIK atingiu progresso significativo, tanto em qualidade como em quantidade de produção, e consegue o equilíbrio econômico e financeiro. Em 1952 o capital social alcançava 6.000.000 de cruzeiros antigos.

No ano de 1953, a seção de meias da Cia HERING, se incorpora à firma especializada nesse tipo de artigo do Sr. Júlio Froesclin, dando origem às meias HERING SA.

Em 1954, a HERING comemorou 75º anos de fundação.

#### OS ANOS SESSENTA

A década de 60, para a Cia HERING SA, começou com inovação. Antecipa-se à legislação e abria o capital, até então, exclusivamente familiar.



Em 1961 a ARTEX ao completar 25 anos gerava 731 empregos diretos, ocupava uma área fabril de 75.383 m<sup>2</sup>, suplantava a casa de um milhão de metros lineares de tecidos felpudos e o capital social atingia 268 milhões de cruzeiros antigos.

Por outro lado, a SUÍFABRIL ocupava uma parcela ponderável de mão-de-obra, reinvestia seus lucros na expansão do parque fabril, infra-estrutura-produtiva e inovação tecnológica que perduraria por toda a década.

A Fábrica de Artefatos ARTEX SA, em 64 mudou a razão social para ARTEX SA Fábrica de Artefatos Têxteis. Inaugura junto ao parque industrial nova cantina para 400 refeições diárias. Instala escritórios comerciais nas praças de São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 21 de setembro de 1966 houve a primeira integração de empresários de Blumenau para investir no Nordeste com incentivo do governo federal. Surge a TECA NOR (Têxtil Catarinense do Nordeste). Posteriormente com a retirada dos demais acionistas, passou a cia HERING a deter o controle acionário.

A TEKA - Tecelagem KUEHNRIK SA passou a ser empresa de capital aberto por autorização do Banco Central do Brasil.

Em 1968, é formada a Fundação TEÓFILO ZADROZNY, mantida pela ARTEX para prestar serviços assis-

ciais, culturais, sociais, e, desportivos aos funcionários da empresa, familiares e serviços beneficentes de ordem geral à Comunidade. Dois fatores são relevantes à evolução da ARTEX: a) Criação dos escritórios regionais em Curitiba e Belo Horizonte e b) Criação da filial para fiação em São José dos Pinhais (PR) cuja inauguração deu-se em 21 de maio de 1970.

#### OS ANOS SETENTA

A Cia HERING lidera um outro grupo de empresários do Vale do Itajaí e efetua seu primeiro investimento de porte fora do ramo têxtil, implantando a CEVAL - Agroindustrial S.A., em Gaspar (SC). Historicamente iniciava o processo de diversificação econômica na região, até então, concentrada nos têxteis e arfetatos.

A SULFABRIL, com Paulo FRISCHE em meados de 1970, criava e implantava a SULFABRIL - Nordeste SA no estado do Rio Grande do Norte, também, no gênero do vestuário e artigos têxteis.

Em 1971, é constituída a primeira diretoria executiva da TECANOR com o Sr. HANS PRAYON - Diretor Presidente, Haiz Juergen HERING - Diretor Superintendente e Ivo HERING - Diretor.

A diretoria da ARTEX no dia 13 de fevereiro de 1973, aprova plano para incorporação da mais antiga

empresa têxtil de Blumenau, a Industrial GARCIA, cujo parque fabril era limítrofe ao da ARTEX.

O processo de incorporação durou 12 meses.

A TEKA - Tecelagem KUEHNRIK implantava filial no município de Arthur Nogueira região algodoeira de São Paulo.

No dia 15 de março de 1974, a ARTEX iniciava plano de reforma e expansão dos parques fabris que duraria dez anos. Previa a unificação de ambos GARCIA e ARTEX, inclusive das vias e logradouros públicos em torno desses prédios.

A TEKA adquire uma usina de beneficiamento de algodão no município de Assaí, Paraná. Também, região algodoeira.

#### A CRISE DO PETRÓLEO

De 1974 a 1977, a política do governo federal face aos custos elevados de importação de petróleo provoca retração de investimentos ao setor têxtil.

A Cia HERING SA consegue manter sua posição de destaque na economia brasileira, graças ao processo de modernização a que fora submetida em anos anteriores. Simultaneamente deu continuidade ao processo de verticalização com a constituição, em 1975, da FIBRA-NOR - Corretagens e Representações Ltda, que passou a

coordenar a aquisição de algodão para TECANOR e Cia HERING.

Data deste período a reformulação nas principais funções da empresa, que desde a fundação eram executadas, em grande parte por membros da família e passaram a ser entregues a profissionais.

Em 1976, a TEKA elabora projeto de expansão para implantar unidade fabril exclusivamente a confecção de roupas de cama junto à filial de Arthur Nogueira (SP).

A Cia HERING na área de comercialização implanta sua própria equipe de vendas que substituíram os representantes autônomos. Essa equipe veio a completar a atuação das empresas controladas: Comercial JOTO SA do Rio de Janeiro, Cia Têxtil Santa Catarina de São Paulo e Lojas HERING SA em Blumenau (SC). Inclua-se também a Garema SA Malhas no Estado do Rio Grande do Sul. Acrescenta-se, a transformação das meias HERING SA na OMINO-HERING SA - Confecções, recentemente incorporada à Holding controladora.

Ainda, no ano de 1976, a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) aprovava projeto para implantação em Paulista no Estado de Pernambuco da HERING NORDESTE SA - Malhas liderada pela HERING/TECANOR.

No dia 7 de junho de 1978 foi inaugurado o

centro de Qualificação Profissional da ARTEX, a área de Relações Humanas, Construção de três novas portarias (vestuários, chuveiros e outras comodidades) e duplicação da cantina (refeitório com moderníssima cozinha).

A SULFABRIL promoveria verticalização da produção na microrregião de Blumenau.

#### OS ANOS OITENTA

Em 1980 a Cia HERING ao comemorar 100 anos de existência tinha capital de \$ 692.003.538.00 cruzeiros, área construída de 99.110 m<sup>2</sup>, 11.000 empregados e faturamento de 27 bilhões de cruzeiros.

A TEKA, em agosto do mesmo ano, com incentivos fiscais adquire o controle acionário da empresa NATECIA Cia Têxtil de Natal (RGN). Paralelamente, inicia a expansão da filial da Arthur Nogueira com área projetada para produzir 1.379.250 m<sup>2</sup> de tecidos felpudos por/mês. Tal projeto foi aprovado pela BENFIEIX com previsão para término em 1983.

A ARTEX, também em 80, constituía a ARTEX SA Têxtil Nordeste, para a produção de fios, tecidos lisos, felpudos, tinturaria e confecções.

Ao terminar o exercício de 1980, a ARTEX SA produzia: a) 23.988.000 m<sup>2</sup> de tecidos, b) 11.909.00 kg

de tecido de sala (pano) e 13.831.000 de fio.

O segundo século da Cia HERING SA se inicia na verdade em 1975, com a expansão de base da Agroindústria com a CEVAL e assentamento das atividades de produção de soja, na região sul (Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul). Além da infra-estrutura de escoamento em São Francisco do Sul, Comercial com TRADE no exterior e meios de transportes próprios liderados pela SOYA. Todavia, a CEVAL nos anos 80 não é somente soja. Através da Seara Industrial SA é responsável pela produção, abate e comercialização de suínos e aves com unidades instaladas em Seara, Xanxerê, Itapiranga todas no oeste catarinense.

A segunda vertente importante do planejamento estratégico da Cia HERING, de menor proporção reside na área de Comércio e Serviço, este último com o complexo PLAZA HERING, hotéis.

A TEKA, em 1983, concluiu o projeto de Arthur Nogueira.

A ARTEX, com TRADE no exterior, diversifica seus investimentos assumindo controle acionário da CRIS TAIS HERING SA de Blumenau e ADMD - Participações do Rio de Janeiro.

A SULFABRIL investia na verticalização do processo de produção, segundo a idéia do fundador Sr. Paulo FRIZCHE.

Em 1984, após duas grandes inundações nas dependências da TEKA (matriz) investe dez bilhões de cruzeiros em obras de proteção contra as cheias para continuar na região. No mesmo período para atender com promissos internacionais adquire o controle acionário da Malharia INDAIAL SA.

Após dez anos, a ARTEX consolida a expansão física e a racionalização de produção iniciada em 1974 com a incorporação da Indústria GARCIA. Segundo dados de Balanço em 84, a ARTEX tinha capital social de 56.850.984.00. Produção de 33.634.000 metros lineares e área construída da sede de 161.046.80 m<sup>2</sup>. A segunda maior do mundo no ramo têxtil em área contínua. A partir de 19 de Janeiro de 1985 concluiu fase da implantação da nova estrutura administrativa, jurídica e institucional. (Extraído do texto elaborado pelo Dr. Orlando F. de Mello. Abril, 1985. p. 1 a 3).

A Cia HERING e Associadas depois de controlar custos em 1981, para fazer face à inflação elevada e realizar as inversões de expansão para verticalização do grupo, iniciava em 1982 a operação, integrada da HERING Nordeste SA - Malhas com poderável aumento de produção e vendas. Em 1983 promoveu substancial modificações na estrutura do grupo Têxtil HERING ressaltando sobretudo, a redução dos custos operacionais e centralização das atividades: administrativa, financei

ras, industriais e mercadológicas. (HERING, Ingo, 1985).

Assim deu-se a origem e evolução dos pequenos empreendimentos familiares de Hermann e Bruno HERING, Paul Fritz KUEHNRIK, Teófilo B. ZADROZNY e Paul FRISCHE pioneiros do pólo têxtil e agroindustrial da região cujas matrizes das empresas dos quatro grupos apresentam-se a seguir, intercaladas com fotos das mais importantes empresas.



## ORIGEM E EVOLUÇÃO

4.292 - COLONIAL DE JOINVILLE

TUPY - HANSEN - WEG

A FORMAÇÃO DO PÓLO METAL-MECÂNICO

OS PIONEIROS NO NORTE CATARINENSE

OS FINS DOS ANOS TRINTA

AS CONEXÕES HIDRÁULICAS DE ALBANO SCHIMIDT

A Fundação Tupy iniciou suas atividades em 1938, com a produção, em pequena escala, de conexões hidráulicas de ferro maleável. Foi na época, um marco no Brasil e América Latina.

## OS ANOS QUARENTA

Dois anos e meio depois da criação da TUPY, no dia 2 de Janeiro de 1941, João HANSEN Junior, iniciava as atividades da firma individual Fábrica de Pentes de Chifre "TIGRE" na esquina da rua Anita Garibaldi, com a Porto União em Joinville. Eram ao todo sete empregados. Em 1944, seo João alterou a razão social para João HANSEN Junior e Cia. Paralelamente, entra na fabricação de cachimbo de madeira com ponteira de chifre. Cinco anos mais tarde em 1946, efetua nova alteração da razão social.

Nascia a Sociedade Anônima Cia HANSEN Industrial com onze acionistas e um capital social de 1.000.00 cruzeiros atuais. Nos dez anos seguintes, a preocupação foi com o processo de produção e a conquista de Mercado.

## OS ANOS CINQUENTA

A Cia HANSEN, em 1952, iniciou a fabricação de mangueiras de PVC flexível. Também, com a marca "TIGRE".

A Fundação TUPY SA, com o advento da Indústria automobilística no BRASIL, passou a produzir autopeças sob encomenda, empregando tecnologia própria. Com

mercado promissor inicia o processo de expansão da produção, instalação e técnica de fabricação inovadora.

Em 1958, a Cia HANSEN, passou a produzir tubos roscáveis de PVC, rígido e um ano depois, ingressava na linha de conexões de PVC, rígido.

## OS ANOS SESSENTA

### OS MOTORES ELÉTRICOS DE WERNER, EGON E GERALDO

A constituição da Eletromotores Jaraguá Ltda, em 1961, foi baseada num trabalho de pioneirismo e arrojado empresarial. Para se ter uma idéia, o capital social dava, na época, para comprar três WOLKS. Os fatores de assentamento da empresa na microrregião de Joinville foram muito empíricos. Exatamente por residirem na região, tanto, Egon João Silva, como seus dois sócios: Werner Ricardo que tinha uma oficina de concerto de material elétrico, em Jaraguá do Sul e Geraldo que trabalhava com o pai numa oficina em Joinville. Jovens perseguem a idéia de iniciar um empreendimento voltado à fabricação de motores. Na época o setor era liderado por indústrias como: a) ARNO, b) GE, c) BÚFALO e d) BRASIL. Jaraguá do Sul se encontrava numa situação difícil. Havia problemas de estradas, comunicação e de infra-estrutura. Um dos fatores positivos foi a mão-de-

obra local. Ela permitiu aos fundadores da Eletromotores Jaraguá Ltda lutar contra as adversidades da época. O objetivo (primeiro e único) da Eletromotores Jaraguá Ltda, mais tarde, Eletromotores WEG SA foi a fabricação de motores elétricos. O nome WEG é formado pelas primeiras letras dos nomes dos fundadores: Werner, Egon e Geraldo.

Em 1964 a HANSEN promoveu a construção do seu complexo industrial na esquina da Rua Xavantes com o Ottopar Doerffel. Ocorreu, também, a diversificação das unidades: a) fabris, b) apoio e c) sustentação. Data da época a criação da Transportadora RODOTIGRE SA e o início da CIPLANORTE - Cia Industrial de Plásticos fábrica em Recife, no Estado de Pernambuco, para produção de tubos PVC, rígido cuja produção começou em 1965. Criou a Sociedade Esportiva e Recreativa TIGRE. Em 1968, implantou a Holding JHJ - Empreendimentos e Participações. Administradora de Bens e Participações Societárias.

A WEG iniciou, em 1968, a sua evolução efetiva, após viagem dos três fundadores à Europa e principalmente à Alemanha, onde sentiram a necessidade de atualização da empresa. Inicialmente, sob o aspecto tecnológico, passando a padronizar e estandarizar os produtos que até então eram fabricados de forma empírica. Isto, envolveu a aquisição de um pacote tecnológi-

co (desenhos, especificações de motores etc.). Feita a aquisição a WEG passou a absorver e desenvolver a tecnologia, simultaneamente. Paralelamente, foi elaborado um projeto de modernização do parque fabril, aprovado posteriormente pelo BNDE. (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico). Na ocasião foram feitos contatos com fornecedores de máquinas e equipamentos visando dotar a empresa de uma ferramentaria (Departamento Mecânico). Aparelhos de metrilogia para a introdução do controle de qualidade e equipamentos de produção modernos para a época.

A HANSEN, implanta a CIPLACENTRO - Indústria e Comércio de Plásticos Ltda, no bairro da MOOCA em São Paulo.

A Fundição TUPY SA amplia a produção e diversifica dentro do setor. Além da exploração da indústria metalúrgica, fundição e mecânica, a fabricação e comércio de conexões metálicas, peças fundidas para a indústria automotiva, aplicação eletrotécnica e ferroviária, blocos e cabeças para motores, ingressa na atividade de isolantes térmicos no setor plástico.

#### OS ANOS SETENTA

A TUPY diversificou a atividade, além de metalúrgica e Plástico ingressou no ramo da Química e

consolida o setor Metal Mecânico.

A Cia HANSEN, diversificou e horizontalizou sua produção. Em 1970, começou a fabricar tanques em PRFV (plástico reforçado com fibra de vidro) marca TIGRESTARK. Dois anos mais tarde, implanta a HANSEN Máquinas e Equipamentos SA para fabricação de equipamentos para as associadas do grupo. Em 1974, instalou a primeira empresa no exterior. A EXIMPLAST Corporation, N.Y. (New York) para importação de matérias primas e exportação de produtos acabados nacionais. Seguem-se a CIPLACENTRO - Indústria de Plásticos Ltda, em Rio Claro (SP) para fabricação de tanques reforçados. Em 1975, a BRASTRADÉ sucede a EXIMPLAST - Exportação Ltda. A instalação da primeira subsidiária na América Latina deu-se em 1976 no Paraguai com a constituição da TUBOPAR - Tubos Paraguaiois. S.A.I.C.I. que começou em 1977, com a fabricação de tubos PVC, rígido TIGRE empresa co ligada. Em 1978, na Bahia, no pólo Petroquímico de Camaçari, começaram as obras da tubos e conexões TIGRE do Nordeste SA. Seguiu-se a PERFIS PLÁSTICOS SA, em associação com a HOCHLENTNER ges. m.b.h. da Áustria e re locação, expansão e construção da nova fábrica de conexões de esgoto de PVC, rígido. (Estrada BR 101 - Joinville).

## OS ANOS OITENTA

A Fundação TUPY SA busca a consolidação diversificando e promovendo inovações tecnológicas nos setores: Metalúrgico, Mecânica Fina, Plástico e Química.

A Cia HANSEN Industrial implantou, em 1981, a J.H.J. - Agenciadora de Seguros SA com sede em Joinville para agenciar os seguros contratados pelas empresas do grupo. A J.H.J. - Corretora de Seguros com o objetivo de administrar e efetuar a corretagem de Seguros. No mesmo ano, adquire 50% do capital votante da COPAMO - Consórcio Paulista de Manomero SA com participação direta na empresa. Surge, também a BRASIVIL - Resinas Vinilícas com sede em São Paulo para produção de matérias-primas plásticas. Ainda, em 1982, esboçou a constituição da HANSEN - factoring - Sociedade de Fomento Comercial Ltda, para exercer no futuro atividades próprias de "factoring" do grupo. Objetivando a melhoria das condições e desenvolvimento do transporte aéreo, adquire a ORION - AERO TÁXI Ltda, com sede em Florianópolis. Renova a frota imediatamente com a aquisição de aeronaves a jato. Incorpora, em seguida, a CI PLACENTRO - São Paulo e Cia HANSEN Industrial. As atividades industriais e comerciais passam a ser exercidas pela TIGRE SA.

O grupo HANSEN iniciou a montagem do Complexo Agropecuário. A Cia. HANSEN Industrial, adquire a Fazenda Campanário, no município de Miranda Estado do Mato Grosso do Sul.

Em 1983, alterou a razão social de Tubos e Conexões TIGRE Nordeste SA. Incorporou a Cipla NORTE Cia de Plástico ligando-a à Cia HANSEN Industrial, assim como as atividades industriais e comerciais passaram a ser exercida pela TIGRENORDESTE.

Os anos oitenta (80) levam os fundadores da WEG novamente à Europa, com o objetivo de encontrar saída para o alto risco que corriam com a concentração das atividades industriais no desenvolvimento de motores elétricos. Na época tinham a convicção que não era um bom negócio, a longo prazo, dado ao tamanho da empresa. Surge a diversificação, dentro do produto básico: Motores Elétricos. O objetivo a sinergia, principalmente dentro do campo eletroeletrônico e Mecânica. As unidades industriais passariam a produzir: a) Alternadores, b) Tacogeradores, c) Motores de maiores potenciais, e d) Motores de corrente contínua formando um pacote.

Mais tarde, essa diversificação passou a complementar outros produtos. Como, por exemplo, Contadores, Conversores, já entrando na eletrônica, Painéis para comando de Motores, sub-estações, Acionamentos pa



ra máquinas, de forma bastante ampla entre si. O projeto estava implantado. Recentemente o grupo WEG decidiu entrar na área de Informática ou TECNOLOGIA DE PONTA (Automação).

A Cia HANSEN, em 1982, inicia as atividades operacionais em Camaçari, Bahia. Em 1984, adquire o complexo hoteleiro ALDEIA DO SOL, em Porto Seguro. Prossegue com a diversificação, agora no ramo de produtos eletrodomésticos em geral, adquirindo as Indústrias Elétricas SINTEX Ltda de São Paulo. Segue-se a compra da TALENTOS - Comércio e Indústria de Roupas e Acessórios Ltda de São Paulo, a criação da TIGRE - Participações SA com sede em Joinville, subsidiária integral da Cia HANSEN Industrial com o objetivo de receptionar ativos de empresas cindidas, o comércio de metais e expansão do complexo agropecuário com a compra das Fazendas: a) BAGUASSU e SERRINHA, ambas, em Mato Grosso do Sul.

O grupo WEG é hoje um conjunto de sete empresas, lideradas, pelo Eletromotores WEG SA, a Holding do grupo que além das funções de Holding tem atividades de prestação de serviços. Seguem-se: a WEG - Máquinas SA, WEG - Acionamentos, WEG - Motores SA, WEG - Química SA, WEG - Pescados SA, WEG - Transformadores e WEG - Florestal SA.

A Fundação TUPY SA impõe a adequação institu

cional acompanhada do Planejamento Estratégico e da re formulação administrativa que se cristalizará em 1985. O comando da nova empresa Holding (pura e corporativa) tem o enfoque direcionado para o planejamento e contro le, o apoio e coordenação estratégica das empresas do grupo.

Afirmou João HANSEN Junior que "Mais do que a evolução natural da pequena firma de pentes a grande sociedade anônima deve destacar a reestruturação recente da área institucional, organizacional e administrativa do Grupo HANSEN. Nessa reestruturação a CIA HANSEN Industrial consolida sua posição de empresa controladora das subsidiárias do grupo".

Assim deu-se a origem e evolução dos pequenos empreendimentos familiares de Albano Schmidt, João Hansen Junior, Werner, Egon e Geraldo pioneiros do pólo Metal Mecânico, Químico, Plástico da região de Joinville cujas matrizes das empresas dos três grupos apresentam-se a seguir intercaladas com fotos das mais importantes empresas.

## ORIGEM E EVOLUÇÃO

5.305 - COLONIAL DO RIO DO PEIXE

## SADIA - PERDIGÃO

SEO ATTÍLIO - DAS VENDAS DE BOLACHAS DA FESTA DE SÃO  
PEDRO AOS PRODUTOS SADIA

## A ORIGEM

Filho de imigrantes italianos da província de VICENZA, norte da ITÁLIA, nasceu em Santa Maria da Boca do Montê, em 1900, hoje Santa Maria no Estado do Rio Grande do Sul. Sob as ordens de seu pai, Romano, desde pequeno auxiliava os irmãos na lavoura. A sua primeira experiência comercial deu-se em 1908. Autorizado pelo pai, vendeu na festa de São Pedro bolacha de trigo de fabricação caseira. Foi esse o primeiro di-

nheiro que ganhou com esforço próprio. Fora as bolachas que comeu teve um lucro de mil quinhentos réis e quatro tostões. A partir daí, com a experiência verificou ser o lucro médio de 20% razoável para qual quer transação comercial. Razoável e legítimo. Este princípio confessou mais tarde ser orientado todos os negócios que realizou como comerciante.

Em 1913, intermedia a venda de ovos, frangos e galinhas, com o apoio do pai. Às vezes fazia compra de suprimentos para a família. (Querose, Café, Açúcar, e sal para os animais). Seguiu-se a aquisição de animais e incursões na apicultura, cuja organização do trabalho das abelhas o fascinava. A vocação se desenvolvia.

#### O GUARDA-LIVRO SAUL: DO GOSTO PELO BALCÃO AOS PRODUTOS PERDIGÃO

Descendente de imigrantes italianos da província de Treviso na Itália. Nasceu em 13 de março de 1916 em Caxias do Sul. O primeiro estabelecimento comercial de seus pais na Vila Perdizes foi na rua do Comércio. A razão social era "A. David Brandalise e Irmãos". Com dez anos de idade era designado por seus pais para ajudar a atender os fregueses que chegavam ao balcão. Essa atividade só foi interrompida quando

seus pais resolveram mandá-lo para a cidade de Cruzeiro, hoje Joaçaba, para aprofundar seus estudos.

Seo Atílio com 17 anos vai trabalhar com o irmão Domingos que abriu uma Casa Comercial em sociedade com o pai ROMANO. Domingos comprava alfafa e Atílio enfardava-a, além, de ajudar no balcão. Em 1919 falece Domingos de pneumonia. Sua cunhada vende o negócio e Atílio continuou com enfardamento de alfafa. Em 1921 falece, no dia 6 de janeiro seu pai Romano FONTANA. À pedido de sua mãe assume os negócios da família.

#### OS ANOS VINTE

Nesse mesmo ano seu Atílio ouviu referências favoráveis ao Oeste Catarinense (colonização bem feito, de matas virgens em que se produzia bastante alfafa e o transporte era melhor do que Santa Maria). Seu coração fica entre Alegrete e o Oeste Catarinense. Optou por Santa Catarina. Isso foi em outubro de 1920. A razão da opção residiu no fato de que em Santa Catarina a Estrada de Ferro facilitava o escoamento das safras para São Paulo, o mercado consumidor da época. Seu padrão se chamava Casemiro Tissean. Tinha casa comercial num lugar denominado "Bom Retiro de Campos Novos" hoje Herval do Oeste.

## O VALE DO RIO DO PEIXE NA ÉPOCA

O lugarejo de Cruzeiro era dividido pelo Rio do Peixe. Na margem esquerda localizava-se o núcleo de Bom Retiro de Campos Novos, hoje Herval do Oeste, predominantemente, colonização italiana. À margem direita ficava o núcleo principal, Bom Retiro do Cruzeiro, hoje Luzerna, colonização Alemã. A travessia de uma margem para outra era feita por balsa.

## O CASAMENTO E AS ATIVIDADES COMERCIAIS DE SEU ATTÍLIO

Em 1922, casa-se em Santa Maria no Rio Grande do Sul com Dona Diva Bordin. Dispunha de cento e poucos mil réis e um emprego que lhe rendia mais cem mil réis por mes. Em 1923, o senhor Caçemiro Tissean vende a sua casa comercial. Nasceu o primeiro filho Walter. Em maio do mesmo ano empreendeu sua primeira viagem à São Paulo com objetivo de propor sociedade na compra da loja Tissean à família FUGANTI, e efetuar a sua primeira venda de suínos. (28 cabeças). Os FUGANTI não lhe dão participação na loja e os suínos são entregues ao Frigorífico Matarazzo com prejuízo de 300 contos de réis.

Um ano mais tarde vende sua casa aos novos padrões. Attílio e seu cunhado Candido Paniz trabalham

juntos enfardando alfafa. Nesse mesmo ano outro seu cunhado tira-o da prisão. (Oreste Bonato). Passado o aci-dente adquire um hotelzinho em Bom Retiro de Cruzeiro, o único existente no povoado. Dona Diva e sua irmã Yo-landa cuidavam do hotel e o seu Atílio trabalhava en-fardando alfafa. Pelos inconvenientes que o hotel tra-zia a sua esposa e cunhada transforma -o em Casa Co-mercial. Em 1925, para suprir a loja empreende viagem a São Paulo. Adquire Tecidos, Armarinhos, Louças, Fer-ragens de maior uso na região além, de conservas e la-tarias. A entrega demorou quinze dias para chegar a Cruzeiro. Paralelamente compra suínos e cereais para revender em São Paulo a Diniz Araujo e à firma Antônio Menck e Irmão de Osasco. Mercê da precariedade da Es-trada de Ferro que era administrada pela Cia LAMBERT de capital francês. Em 1927 vai a Itararé (SP) e nego-cia um acôrdo verbal com Carlos Menck. Por esse acôrdo seo Atílio receberia dinheiro para compras em Santa Catarina, comprometendo-se a remeter um levantamento das despesas com o valor dos animais transportados. A sociedade previa 50% para cada parte, ficando o supri-mento de numerário por conta da MENCK e a compra de suínos a cargo do seo Atílio. Decorrentemente amplia a área de aquisição de suínos de Cruzeiro para a exten-são do Vale do Rio do Peixe que ia de Caçador (SC) a Marcelino Ramos (RGS). As estações ao longo da ferro-via transformaram-se em postos receptores de suínos.

Nessa época já contava com duas Casas Comerciais. Com 28 anos monta sua terceira casa comercial adquirida de Vitor Raurer. Rudimentarmente, e, de maneira eficiente seo Attílio monta uma boa estrutura administrativa. A casa I (Tissean) em Bom Retiro de Campos Novos era dirigida pelo seu irmão mais velho e sócio Honório. Ele tomava conta do recebimento dos cereais e alfafa com auxílio de Dário. O abastecimento (compra de suprimentos) era feito via São Paulo. Uma parte era paga com suínos vivos e cereais e a outra fornecida a título de adiantamento por conta de remessas futuras e Itararé (SP).

#### OS ANOS TRINTA - A REVOLUÇÃO E O CONFISCO DE MERCADORIAS

A Revolução de 1930 trouxe prejuízos e seo Attílio, tanto no transporte de suínos como em seus estoques de gêneros, confiscados pelas tropas leais a VARGAS. Em 1931, o comércio de seo Attílio chega à Água Doce. Seu objetivo era a expansão do comércio de cereais e suínos, principalmente os MENCK de São Paulo ampliam também, a exclusividade, para o Rio Grande do Sul. Seo Attílio passa a trazer café paulista para a região.



## A PRIMEIRA FUNÇÃO PÚBLICA

Em 1932 a Revolução Constitucionalista devido à adesão de Borges de Medeiros no Rio Grande do Sul, Passos Mayer e Ivo de Aquino no Oeste Catarinense para liza o tráfico do trem para São Paulo. Nesse mesmo ano, os comerciantes: Cesar Fuganti, João Leopoldo Klein e Atílio Francisco Xavier Fontana são nomeados, pelo interventor do Estado, Gen. Pitolomeu de Assis Brasil, conselheiros municipais por serem os maiores contribuintes da Prefeitura. O incêndio da sua casa comercial de Bom Retiro de Cruzeiro, e os bons negócios em Água Doce levam-no ao Dr. Nereu Ramos, Interventor do Estado. Consegue dele os estudos e perfis para construção da estrada Cruzeiro - Luzerna, trecho de seis quilômetros custeados por seo Atílio que permitiu o acesso dos agricultores a seu estabelecimento. O não pagamento por parte de um seu cliente de um dos vagões de café enviado a Santa Cruz do Sul levou seo Atílio a adquirir como parte da dívida um automóvel FORD (31/32) com "DEL CREDORE" dos MENCK (SP). Em 1933 abre outra casa comercial em Perdizes, hoje, Videira, e amplia a infra-estrutura de aquisição de suínos e cereais.

O APRIMORAMENTO DE SAUL - O GUARDA-LIVROS, DATILÓGRAFO  
E O EXÉRCITO

Como a cidade de Cruzeiro não oferecia a Saul aquilo que realmente tinha tendência para estudar seus pais, matricularam-no em Curitiba na Escola "Paternum Paranaense". Cursa datilografia e guarda-livros. Paralelamente cursa a escola de Instrução Militar.

#### DE MERCADOR AO INDUSTRIAL

Em agosto de 1934 a firma A. DAVID BRANDALISE e Irmãos tinha sido alterada com a entrada de Angelo Ponzoni passando a denominar-se Ponzoni BRANDALISE e Cia. Com o curso de contador foi para Bom Retiro de Campos Novos (Herval do Oeste) na firma FLORIANI BONATTO e Cia Ltda, onde permaneceu por três anos.

#### A FUSÃO COM OS CONCORRENTES

Em 1935 entendendo que quem administrava bem três casas comerciais com eficiência administrativa, seo Atílio une-se à família FUGANTI, seus antigos patrões. Assume o cargo de director superintendente. Surge a firma FUGANTI, FONTANA e Cia Ltda. A nova empresa tinha um capital social de \$ 2.000 contos de réis. 50% para cada um. (Fuganti e Atílio). Mediante a resistência da família FUGANTI seo Atílio cancela seu projeto de ingressar na indústria e parte para expansão comercial no norte do Paraná. O contrato de fu-

são duraria 5 anos.

Em 1937 a firma dos Brandalise e de Angelo Ponzoni se associou a empresa Floriano Bonato. Formou-se então a PONZONI BONATO e Cia Ltda abrangendo assim várias casas comerciais. Foi nesse ano que seu Saul ganhou o seu primeiro cargo de Diretor. A firma se desenvolvia e dava novo impulso em matéria de negócios a própria Vila de Perdizes. Em 7 de Fevereiro de 1937, seu Saul casava-se com Elejalde Formighieri de Marcelino Ramos (RGS). Foram padrinhos do seu Saul, ORESTES e YOLANDA. Em 1939 deu-se a dissolução da firma PONZONI BONATO e Cia Ltda voltando a ser PONZONI, BRANDALISE e Cia. Seu Saul voltou para a Vila Perdizes onde residiu com a mãe Luiza e o irmão.

#### OS ANOS QUARENTA - A FASE DE INDÚSTRIA

Seo Atílio com a dissolução, em 1940, da firma FUGANTI, Fontana e Cia LTda, fica sozinha com as casas de Santa Catarina. Seus auxiliares são Dário, Walter e Bordin que se transfere da Vila Perdizes para Água Doce. Na época os negócios corriam bem e tinha relativa folga de capital de giro para movimentar. Seo Atílio pensa na diversificação de atividades dada às boas safras. Imaginava que podia fechar o ciclo nas diferentes fases do ano. De abril a outubro a abundân-

cia de suínos e outubro a março a safra de trigo.

O crescimento da PONZONI, BRANDALISE e Cia no início dos anos quarenta foi notório. Incorporaram um Frigorífico de suínos e em 1941 um cortume para processar couros e peles resultantes de abates de suínos e da compra de terceiros.

Seo Atílio prevendo as dificuldades de comercialização de suínos na região atende o convite do então Prefeito de Concórdia Sr. Dogelo Goss, agrimensor para tocar o Frigorífico Concórdia Ltda. Para poder tocá-lo vai a São Paulo conversar com o amigo Antonio MENCK e posteriormente Carlito. Ambos demonstram desinteresse em investir em Santa Catarina. Sua idéia era abandonar o Comércio de suínos e cereais para ingressar na industrialização. Os riscos eram grandes. Primeiro pela situação crítica do Frigorífico, depois, a falta de interesse dos acionistas remanecentes. Em Assembleia Geral faz uma proposta e os interessados aceitam. Paralelamente trata de fazer funcionar um pequeno moinho para a industrialização de seis toneladas de trigo por dia. Contava para isso com uma grande produção de trigo na região. Para se tornar industrial seo Atílio vendeu duas de suas casas comerciais a seu cunhado Oreste BONATO em Cruzeiro e a de Água Doce a Dário Bordin. Ficou apenas com a Matriz em Bom Retiro. A Floriana Bonato fica com a representação de Antônio

MENCK. Concórdia na época tinha pouco mais de três mil habitantes.

Em 1943, na nova constituição da sociedade tendo à frente seo Attílio, as cotas do antigo Frigorífico tinham a metade do valor original. (BONATO e BORDIM são pequenos acionistas). Na direção geral da indústria seo Attílio assume também a responsabilidade sobre o passivo e ativo do antigo Frigorífico. Foram 23 anos de Comércio no Vale do Rio do Peixe.

Nascia assim, a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Concórdia.

Em 1944 seo Attílio tiraria da razão social as duas primeiras letras S.A. juntando a última sílaba da palavra ConcórdIA para formar o nome SADIA, que mais tarde se tornaria marca nacional e internacional.

#### A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A implantação da indústria foi dificultada pela falta de suprimento de produtos importados, devido ao alto risco da guerra submarina. A alternativa encontrada foi adquirir em Porto Alegre equipamentos usados de um Frigorífico falido. A fábrica de produtos de derivados funcionava no prédio abandonado com alicerces e algumas paredes. Em fins de 1944, as maquinárias importadas da Suíça para o moinho aumentaram de seis

para vinte e cinco toneladas diárias. Pensando em obter auto-suficiência em madeira para construção e embalagem compra cerca de 100 hectares de terras com extensos pinheirais e uma serraria já instalada. O plano inicial de produção do frigorífico era abater 100 suínos por dia. No primeiro semestre o abate foi de 200 suínos.

Em 1945, a PONZONI, BRANDALISE e Cia foi transformada em sociedade por ações sob a razão social de PONZONI, BRANDALISE S.A., Comércio e Indústria.

Com a queda do Estado Novo, Getúlio cria o PSD e o PTB. Seo Atílio com Nereu Ramos e outros compõem a primeira executiva estadual. Concórdia eleva sua renda com o desenvolvimento crescente da SADIA.

A Vila PERDIZES havia-se transformado no município de Videira. Em 1946 a PONZONI, BRANDALISE implantou Moinho de Trigo. Em 1947 uma serraria para feitura de pocilgas e edificações.

A posse de seo Atílio na Prefeitura de Concórdia coincide com a implantação do Moinho da Lapa em associação com a firma gaúcha, Germani e Irmãos. Bifurcando suas atividades de empresários e político seo Atílio moderniza a Prefeitura. Renova a frota de máquinas e caminhões. Constrói o prédio da Prefeitura e com o apoio da SADIA promove a aquisição de Gerador pa

ra a expansão de energia elétrica no município. Estimula, também, o fortalecimento do Comércio de Concórdia nas compras de insumos e material para atividade agrícola.

## OS ANOS CINQUENTA

A PANZONI, BRANDALISE S.A. implanta uma fábrica para caixaria.

## A CRIAÇÃO DE AVES

Seo Atílio em conversa com o médico veterinário, Dr. Roberto Nogueira Gama, fiscal federal, entusiasta da avicultura, propõe a montagem de uma granja em sociedade. O médico entrava com a técnica e seo Atílio com os recursos. Nascia a granja modelo SANTA LUZIA, pioneira em avicultura em SANTA CATARINA. Em 1950, empreende em companhia de Alfredo Germani sua primeira viagem à Europa. Objetivos: a) adquirir equipamentos e b) observar o desenvolvimento técnico e máquinas para a agricultura. Em 1953 seo Atílio assume o controle da razão social Moinho LAPA Ltda e transforma-o em Sociedade Anônima. Neste ano, para contornar os problemas de transporte terrestre dos produtos frescos (presunto cozido, linguiça, mortadela e salsichas) en-

tre Concórdia e São Paulo, por iniciativa de seu filho Omar Fontana adquire da PANAIR um Douglas DC.3. Em 1954 Omar sugere que a SADIA organizasse a sua própria frota legalizada. Tanto se esforçou que conseguiu alugá-los. A morte de VARGAS adia os planos de Omar até o final do governo do catarinense Nereu Ramos, quando o projeto foi aprovado pelo Ministério da Aeronáutica. Nascia a SADIA S.A. - Transportes Aéreos.

Em 1955, foi construída uma pequena fábrica de ração balanceada para aproveitar os resíduos industriais do frigorífico de suínos e trigo, pela PONZONI, BRANDALISE. Seguiram-se o início da criação e abate de aves, em pequena escala e a constituição do Expresso PERDIGÃO, com o objetivo de movimentar os volumes de cargas geradas pelas atividades das empresas.

Em 1957, a SADIA S.A. - Transportes Aéreos recebe suporte técnico da REAL.

Em 1958 foi alterada a denominação social da empresa Ponzoni, Brandalise, para PERDIGÃO S.A. - Comércio e Indústria. Sec Saul expande a rede de comercialização dos produtos PERDIGÃO pelo país.

#### OS ANOS SESSENTA

Data dessa época a instalação em Concórdia do Hotel Alvorada, construído para atender a demanda



de técnicos, compradores e viajantes às empresas da região. Seo Atílio, em 1964, inaugura a Frigobrás ao lado do MOINHO DA LAPA S.A. em Vila Anastácia (SP). Em 1965 cria a SADIA Comercial Ltda no Rio de Janeiro para racionalizar a distribuição dos produtos SADIA.

Seo Saul implanta a Gráfica Perdigão Ltda.

Em 1966, seo Atílio adquire em Toledo (PR) o Frigorífico Pioneiro e transforma-o na primeira filial da Frigobras - Posteriormente acopla a fábrica de ração. Em 67 volta a Europa. Acerta com seu amigo Rubens Berta da VARIG a compra de 20% de suas cotas na FRIGOBRAS, em troca do abastecimento regular de produtos SADIA para suprir as necessidades das aeronaves da VARIG. Em 1968 retorna a Israel. É indicado pelo Presidente da República à Vice-Governança de Santa Catarina.

Seo Saul implanta novas empresas comerciais distribuidora com as antigas filiais de São Paulo, Rio de Janeiro, Bauru e Santos. Logo, em seguida, as de Itajaí, Curitiba e Brasília, num processo contínuo de desenvolvimento de rede de comercialização dos produtos industriais e agropecuários. Além de Flávio Brandalise seu filho mais velho conta com Saul Junior, o filho caçula na gestão da empresa.

A expansão das atividades das Empresas PERDIGÃO S.A. - Indústria e Comércio, dentro e fora de Vi-deira, ganha novo impulso na década de 1970.

Seo Atílio, em 1972, instala a sede da SADIA ao lado da FRIGOBRÁS.

Em 1973, a PERDIGÃO S.A. - Indústria e Comércio constrói o SAN RAFAEL PALACE HOTEL e o Supermercado PERDIGÃO. O setor de couros ganhava nova dimensão com a inauguração das novas instalações do Empório de Couros S.A., em Joaçaba, fruto de uma associação com o grupo BONATO. Para distribuir no mercado interno vi-riam: a) Perbon Couros Ltda, em Novo Hamburgo (RS) e, depois, d) Perbon Couros - Franca Ltda (SP).

Em 1974, seo Atílio, com incentivos fiscais da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento do Amazo-nas) cria a SADIA OESTE S.A. - Indústria e Comércio em Várzea Grande Mato Grosso do Norte para abate de bovi-no. A Frigobrás passou a constituir-se de três indús-trias: a) FRIGOBRÁS (SP) para abate de suínos e aves, b) FRIGOBRÁS Toledo (PR) e c) a de Várzea Grande (MGN).

Seo Saul sempre afirmando que o mundo tem ne-cessidade de proteínas cria a Perdigão Rações S.A., ho-je, PERDIGÃO Alimentos S.A. . Pouco depois iniciava a atividade de extração de óleo de soja, seguido do refi-no e enlatamento. Simultaneamente os aviários se espa-

lhavam por toda a região (sistema de integração) e o abatedouro de frangos era ampliado. Em 1975, a PERDIGÃO juntamente com outros dois frigoríficos faziam embarque pioneiro de frangos brasileiros com destino ao Oriente Médio. Era o começo que levou a empresa a se colocar entre os maiores exportadores mundiais de carne de frango.

A SADIA separa na avicultura o abatedouro de frangos e perus em Concórdia. Surge a Sadia Avícola S.A..

Em 1976, surgia a PERDIGÃO Agropecuária S.A. mais tarde desmembrada e incorporada pela PERDIGÃO Alimentos S.A. e PERDIGÃO Florestal S.A. com novas granjas e incubatórios para apoiar o crescimento da produção avícola e suinícola. Novas filiais, silos e armazéns eram implantados em regiões produtoras de matérias primas em Santa Catarina e Paraná depois unificadas na PERDIGÃO - Armazéns Gerais Ltda.

Em 1977, surge a SADIA Agropastoril Ltda sem fins lucrativos; para auxiliar os suinocultores na obtenção de matrizes de superior qualidade. Os núcleos localizaram-se em Faxinal dos Guedes e Xanxerê em Santa Catarina.

Seo Saul da PERDIGÃO, adquire em Salto Veloso o UNIFRICO S.A. e incorpora-o a PERDIGÃO Alimentos

S.A. com nova razão social. (Perdigão VELOSO S.A.). Da ta dessa época a abertura do capital da PERDIGÃO S.A. - Indústria e Comércio. Seo Saul diversifica as atividades do grupo. Ingressa na fruticultura com seus principais pomares de maçã no município de FRAIBURGO. As exportações se ampliam em ritmo vertiginoso. Além da carne de frangos e couros, outros produtos, como carnes suínas, passaram a levar a marca PERDIGÃO a todos os continentes. Depois viriam farelo e óleo de soja.

Em 1978, a SADIA Avícola S.A., firma nova sociedade com o grupo canadense Hybrid - especializada em criação de Perus. Surge a Hybrid - Agropastoril Ltda. Uma outra empresa foi criada em Dois Vizinhos, Estado do Paraná para dar sustentação à fabricação de rações que funciona como filial da Frigobrás. Surge a Fundação Atílio Francisco Xavier FONTANA. Em 1979, adquire o controle acionário de uma empresa em Joaçaba. Surge a SADIA - Indústria de Óleo Vegetais S.A. .

Seo Saul promove a modernização administrativa do grupo PERDIGÃO e prossegue a expansão. Adquire a Rações PAGNOCELLI em Catanduvas.

## OS ANOS OITENTA

Nos anos de 1980 e 81, seo Saul adquire o controle acionário da antiga Indústria Reunidas Ouro

S.A., frigorífico de suínos e aves, situado em Capinzal (SC). Constrói, em Capinzal, um novo abatedouro de frangos. Moderno e um dos maiores do país. Organiza a PERDIGÃO Agropastoril. Adquire a REFLORA. Empresa de Reflorestamento S.A. . Hoje PERDIGÃO Florestal (Herval do Oeste). Também, em Herval, adquire o frigorífico da família PAGNOCELLI. (Indústria e Comércio Saulle Pagnocelli S.A. o mais antigo do Estado). Inclui-se na transação: reservas florestais, serrarias e uma usina elétrica.

Em 1981 a PERDIGÃO Alimentos S.A., já era ao lado da PERDIGÃO S.A. - Comércio e Indústria uma empresa de capital aberto. A PERDIGÃO Armazéns Gerais Ltda de Medianeiro (PR) transfere-se para Videira e incorpora a Armazéns Gerais VELOZ Ltda do Pato Branco (PR). Finalmente implanta a PERDIGÃO Avícola Ltda. A PERDIGÃO Florestal S.A. em 1982, incorporou a NODARISA - Empreendimentos Florestais de Videira. Em 1983, a PERDIGÃO Couros S.A. com sede em Joaçaba incorporou a rede PERBON Couros. Também a PERDIGÃO Alimentos S.A. incorporou as empresas PERDIGÃO Comércio e Exportadora S.A., PERDIGÃO Armazéns Gerais S.A. e PERDIGÃO Avícola Ltda de Tangará (SC). Em 1984, com intuito de adequar as atividades hoteleiras à política nacional estabelecida pela EMBRATUR foi criada a Cia PERDIGÃO de HOTÉIS filiada a PERDIGÃO S.A. - Comércio e Indústria. Também

adquire o controle acionário de três empresas do grupo SUELY, incluindo-se na transação um Frigorífico (Canta-galo), um sistema de granja (SUELY Avícola S.A.) e uma fábrica de ração (SUELY Rações).

As Companhias Abertas SADIA atuam com a SADIA TRADING S.A. - Importação e Exportação, Comercial - Corretora de Seguros Ltda, Processamento de Dados e Gráfica. Seo Atílio, atual Presidente de Honra do Conselho de Administração confessa: "... Sozinho não teria conseguido completá-la. Cerquei-me de minha família e muitos companheiros fiéis para a construção do complexo industrial SADIA". Afirma seo Saul "... Os anos passam depressa.. Já se vão sessenta e nove anos. Mas se eu pudesse voltar atrás voltaria para começar tudo de novo".

Assim deu-se a origem e evolução dos pequenos empreendimentos familiares de Atílio Francisco Xavier Fontana e Saul Brandalise pioneiros do pólo agropecuário do Vale do Rio do Peixe cujas matrizes das empresas dos dois grupos apresentam-se a seguir intercaladas com fotos das mais importantes empresas.

## ORIGEM E EVOLUÇÃO

6.606 - COLONIAL OESTE CATARINENSE

## CHAPECÓ - ALFA

## CHAPECÓ - ORIGEM

O município de CHAPECÓ foi criado em 25 de agosto de 1917 e sua sede inicialmente foi localizada em Passo BORMANN passando após para Xanxerê. Por quinze anos a sede municipal foi alterando-se entre esses dois locais. Por decreto estadual a sede passou definitivamente para o povoado de Passos dos Índios onde está a cidade.

Chapecó em linguagem indígena Caingang origina-se dos termos "echa", "api" e "gô" significando "donde se avista o caminho da roça".

A ocupação agrícola ocorreu somente na década de cinquenta. Inicialmente o povoamento de Chapecó apre

sentou-se como centro do fluxo migratório oriundo especialmente do Rio Grandê do Sul. Fixada a população foi implem<sup>en</sup>tado de início a extração da madeira. Depois a atividade agropecuária. A partir do crescimento da agricultura e da pecuária foram surgindo as primeiras indústrias.

## OS ANOS CINQUENTA

### O SEU PLÍNIO E A S.A.I.C.

O Frigorífico Chapecô, com a demoninação social de S.A. Indústria e Comércio CHAPECÔ foi fundado em 11 de outubro de 1952, com o objetivo de industrializar produtos suínos. Numa época em que as estradas, telefone e energia elétrica não existiam. Seu Plínio Arlindo De Nes liderando um grupo de empresários acreditou nas potencialidades da região. Foram subscritas 501 ações. O capital inicial foi de oito milhões de cruzeiros antigos. Em 20 de setembro de 1955 a empresa iniciou sua fase de produção. Depois da indústria madeireira foi o frigorífico Chapecô o primeiro complexo industrial a existir no Oeste Catarinense. Paralelamente para atuar na distribuição de seus produtos no centro do país, a SAIC criou em 1955, uma filial em São Paulo. A fonte de suprimento de matéria prima da empresa, inicialmente, estava nos suinocultores de Chapecô e muni-



cípios circunvizinhos.

Em 15 de maio de 1960 foi fundada a Cooperati  
va de Consumo dos Empregados na empresa S.A. Indústria  
e Comércio CHAPECÓ Ltda. Seu objetivo foi a aquisição  
de gêneros de primeira necessidade e artigos de uso pes  
soal e doméstico para venda a seus associados.

#### OS ANOS SESSENTA

No dia 20 de abril de 1963, seo Plínio cria  
a Fundação Plínio Arlindo De Nes, entidade sem fins lu-  
crativos destinando-se a promover o bem estar social de  
seus integrantes através da prestação de serviço de as-  
sistencia médica, odontológica, farmacêutica, oferecer  
o exercício de atividades culturais e recreativas, criar  
e manter cursos ou escolas de qualquer nível.

#### A COOPERATIVA DO SEO AURY

Em outubro de 1967, tendo à frente seo Aury e  
mais 36 associados era fundada a Cooperchapecó Ltda. Em  
dezembro do mesmo ano era instalado o primeiro posto de  
Alto da Serra. O capital social foi de 984.60 cruzei-  
ros. A diretoria começa a trabalhar recebendo no início  
de suas atividades uma safra de trigo que chegou a  
150.000 mil sacas. Posteriormente veio a safra de fei-

jão contando com os armazens da Cibrazen. Com isso foi dado o primeiro passo. Imediatamente começou a campanha de associação dos agricultores. Em abril de 1968 já existiam 345 sócios e o capital social integralizado de 28.848 cruzeiros. Em 69 (no mês de março) foram criados os postos de planalto Alegre, Sobradinho e Tarumãzinho. Em abril é criada a Cooper Central Ltda com 1050 sócios e capital de 205.660 cruzeiros. O passo seguinte foi a aquisição de um frigorífico em liquidação para aproveitar a produção de suínos dos Cooperativados, dando-lhes opção de preço e estímulo.

#### OS ANOS SETENTA

Em abril a Coperchapecó Ltda tinha 1906 sócios e um capital de 321.847 cruzeiros. Em outubro de 1970 era inaugurada a sede social.

No início de 1971, a Cooperchapecó tinha 1957 sócios e capital social de 424.699 cruzeiros.

Em 1º de março de 1972, seo Plínio instalou em Curitiba a filial da CHAPECÓ Distribuidora de Produtos Alimentícios.

Em abril de 1972, a Cooperchapecó tinha 1865 sócios e 779.894 de capital social. Em julho incorpora a Cooperlâctícínios. Em setembro cria o posto de Nova Erechim. Em 1973, a Cooperchapecó tinha 1541 sócios e

811.220 cruzeiros de capital social.

Em 25 de julho de 1974 era criada a CHAPECÓ Avícola S.A. na cidade de Xaxim, para atuar no setor de Avicultura. A CHAPECÓ Avícola S.A. tinha como principal objetivo a produção de ovos para incubação, produção de pintos de um dia, aves para abate, industrialização e comercialização de frangos no mercado interno e externo. No dia 2 de Agosto do mesmo ano foi instalado em Bauru (SP) a filial da distribuidora de produtos alimentícios.

Em novembro de 1974 a Cooperchapecô funde-se com a Cooperxaxiense (1944 associados). Um mês depois, substituiu a antiga razão social. Passou a denominar-se Cooperativa Regional Alfa Ltda. A nova cooperativa passa a ter 2879 associados e capital social de 2.743.682 cruzeiros. Em janeiro de 1975 a Cooperalfa Ltda instala os novos postos de Xaxim, Quilombo, Cel. Freitas e Jardinópolis.

A S.A.I.C. instala a filial de Porto Alegre no dia 19 de Fevereiro de 1975, ligada à CHAPECÓ Distribuidora.

Em julho, seo Aury, participa da criação da FECOAGRO. (Federação das Cooperativas Agrícolas de Santa Catarina). A Cooperalfa Ltda se associou. São criados os postos de Vila Formosa, Itaberaba, Águas de Cha-

pecô. Entrerios e Santiago. Em dezembro foi concluída a incorporação da Cooperlactícínios. No início de 1976 começam as obras dos silos graneleiros na matriz da Cooperalfa Ltda, em Chapecô.

Em 19 de fevereiro de 1975 foi constituída a empresa CHAPECÔ Construção Ltda, tendo como ramo de atividade Construção Civil e a revenda de material de construção. Em 8 de julho de 1976, foi criado o Expresso CHAPECÔ Ltda que entrou em atividade em Janeiro de 1977. Em setembro surge a Cachoeirinha Aprovecuária Ltda com o objetivo de produzir matéria prima para o Frigorífico CHAPECÔ e para CHAPECÔ Avícola.

Ainda em setembro, a Cooperalfa Ltda criava a SUPERALFA, rede de supermercados em Chapecô. No final do ano a Cooperalfa Ltda tinha 4.780 sócios e capital social de 5.556.910 cruzeiros.

Em 1977 seo Plínio expande a ação da SAIC ao vizinho Estado do Paraná. Surgia a CHAPECÔ Paraná S.A. em Francisco Beltrão com objetivo de abate, comercialização de aves e a produção de ração balanceada.

A Cooperalfa Ltda iniciava a construção de Silo Graneleiro em Quilombo. A rede de supermercados SUPERALFA atingia Xaxim, Col. Freitas, Caxambu do Sul. Em dezembro deu-se o início da construção da primeira fase da Indústria de derivados de milho. Houve também a necessidade de instalar nos silos que começaram em Xaxim.

A assistência técnica da Cooperalfa Ltda foi o ponto forte da ação da Diretoria desde 1968.

Até setembro de 1977, a CHAPECÓ Avícola, colocava sua produção no mercado interno. E a partir daí passou a atuar no mercado internacional. A primeira exportação de 200 toneladas destinava-se ao KUWAIT.

Em 1978, no mês de março, a Cooperalfa Ltda iniciava a construção do abatedouro de gado. Instalou também, a SUPERALFA em Quilombo, Águas de Chapecó e posto com supermercado. Em julho foi fundada a Associação Atlética Recreativa ALFA para os funcionários. Seguiram a Filial de São Paulo e instalação dos postos em: Sede Tretin e Águas Frias. A Cooperalfa Ltda possuía 5.547 sócios e capital social de 7.454.345.00 cruzeiros.

Em 1979, seo Plínio e seus colaboradores de diretoria democratizam o capital da S.A. Indústria e Comércio CHAPECÓ, obtendo, dessa forma, outras fontes de recursos, por subscrição de ações, que permitiram novos planos de expansão, como a modernização e ampliação de abatedouro e investimentos em outras empresas do conglomerado. O Conselho de Administração tem como Presidente Plínio Arlindo De Nes, Vice-Presidente Plínio David De Nes Filho, como membros titulares Alcides Tozzo, Alcebiades Sperandio, Arrivaldir de Camargo Martins e Jayme Ernesto Bertaso. Como suplente Ledônio

Faustino Miglionini e Neri Martins Moraes.

Em maio a Cooperalfa Ltda inaugurou os Postos de Salto Saudade, Marema e Irati. Iniciou, em outubro as atividades da indústria de derivados de milho (primeira fase) e postos de Sete de Setembro e Santo Antônio do Meio.

No dia 7 de dezembro de 1979, foi constituído em São Carlos, município distante 49 km de Chapecó o Frigorífico CHAPECOZINHO S.A. que encampou as instalações de uma outra indústria. A indústria tem sua fonte de matéria prima em suinocultores dos municípios de São Carlos, Palmitos, Caiçá, Saudades, Mondai, Águas de Chapecó, Descanso, Cunha Porã e Caixambú do Sul. Para incentivar a produção suinícola, possui Departamento de Fomento que fornece assistência técnica-sanitária gratuita às granjas dos suinocultores integrados. Periodicamente este departamento promove reuniões comunitárias para demonstrações de métodos, reunindo os criadores numa determinada propriedade e discutindo com eles aspectos que envolvem a produção de suínos.

OS ANOS OITENTA

O OESTE CATARINENSE

Atualmente Chapecó é um grande centro produ-

tor e industrializador de alimentos, destacando-se os derivados da suinocultura e da avicultura. Há, ainda, a extração de óleo de soja vegetal, a produção de insu-  
mos e implementos para a avicultura, a suinocultura, a industrialização de laticínios, um comércio forte, e a prestação de serviços em vários setores. O município tem no plantio de milho, feijão e soja a principal ocupação do solo agrícola. No setor transportes, o município liga-se com os principais centros do país por estradas asfaltadas e através de linhas aéreas. Em função dos elementos que apresenta Chapecó é o pólo catalizador de uma região de 40 municípios, os quais têm canalizado uma série de interesses. Chapecó, então, apresenta-se nos anos 80, como importante, centro econômico cultural, político e social.

A S.A. Indústria e Comércio CHAPECÓ S.A. criou e incentivou o perfeiçoamento de departamentos que cuidam de setores específicos, como Recursos Humanos, custos, Estatísticas, Manutenção, Auditoria Interna, Administração de Materiais, Fomento Agropecuário e Assessoria de Comunicação Social.

A Cooperalfa Ltda, em 1980, instalou novo posto em Caxambú do Sul. Iniciou o programa de saúde aos associados e familiares. Os sócios somavam 7.720 e o capital social 46.187.025.00 cruzeiros. Em setembro instalou novos postos de Aguiños, Lageado Grande e

Santa Luzia.

A S.A. Indústria e Comércio CHAPECÓ fazia circular o Informativo CHAPECÓ. Jornal mensal editado pela Fundação Plínio A. De Nes, para acionistas, clientes, fornecedores, entidades e autoridades. A Associação Desportiva Classista CHAPECÓ foi Campeã Catarinense com a equipe de Vólibol.

A Cooperativa Alfa Ltda lançou o Alfaced. Em novembro de 1981, a Diretoria autorizava a segunda fase da indústria de derivados de milho e óleos vegetais. Somavam 8.957 sócios e o capital social de 75.189.515 cruzeiros.

Em 1982, em janeiro, a Cooperativa Alfa Ltda antecipa-se ao Governo do Estado e institui o Fundo de Terras. O filho do agricultor compra terra e paga com a produção em cinco ou seis anos, recebendo assistência técnica e insumos básicos. Neste mesmo ano foram contratados 26 técnicos para apoio e orientação aos cooperativados nos postos. São criados os postos de Vila Gaúcha, Petrobrás, São Luiz, Barro Branco e Marechal Bormann. A Diretoria, comandada pelo seu Aury inicia as obras da 2ª fase da indústria do Óleo Vegetal.

A S.A. Indústria e Comércio CHAPECÓ incorporava a CHAPECÓ Distribuidora, a filial de São Paulo, onde atua a Diretoria Comercial, Bauru, Belo Horizon-



te, Curitiba e Porto Alegre. A CHAPECÓ Paraná iniciou a segunda etapa de seu complexo industrial com capacidade de abate de cem mil aves por dia. A área construída possui 1.500 m<sup>2</sup>, gerando 800 empregos diretos. A Cachoeirinha Agropecuária ultrapassa a mais de onze granjas, nos municípios de Chapecó e Xaxim. A Assistência Técnica é prestada pelo Departamento de Fomento do Frigorífico CHAPECÓ e CHAPECÓ Avícola. O Expresso CHAPECÓ tem matriz em Chapecó e filiais em São Paulo, Curitiba, Francisco Beltrão e Porto Alegre. A CHAPECÓ Construção S.A. foi responsável pela ampliação do Frigorífico CHAPECÓ e abatedouro da CHAPECÓ Parana S.A., em Francisco Beltrão. A CHAPECÓ Processamentos de Dados Ltda possui equipamentos de computação COBRA-400 em Chapecó, Xaxim e São Paulo. Na parte gráfica possui uma impressora OFF SET que permite até seis mil cópias tamanho ofício por hora. A Fundação mantém um Jardim de Infância para educação pré-escolar. Oferece, também, acompanhamento médico-odontológico, atividades de lazer e alimentação dos pequenos alunos. Um avião NAVAJO para seis passageiros permite atender com maior rapidez e funcionalidade a administração das empresas. Segundo seo Plínio a S.A. CHAPECÓ adapta-se constantemente aos novos tempos, no âmbito administrativo e tecnológico.

A Cooperalfa, diz seo Aury, colabora para o

aumento da produtividade e distribuição de renda e benefícios a mais de 12.000 associados.

Em 1985 a previsão de faturamento da Cooperativa Alfa Ltda e Central deve chegar a 900.0 bilhões de cruzeiros demonstrando desde 1967 um crescimento médio anual de 300%. A Estrutura de ambas as Cooperativas tem por base o Departamento. O número de funcionários chega a 2.540. 1.500 na Cooper Central Ltda e 1.040 na Cooperalfa Ltda. A capacidade de armazenagem chega a 3.500.000 toneladas. A frota de sustentação de recepção e transporte de grãos e suínos atinge 170 veículos, a maioria caminhões de tonelagem média. Instalou em julho a indústria pioneira de suco de laranjas em Videira. O novo frigorífico de aves, em Maravilha, será concluído em dezembro de 1985. Para oferecer sustentação e respaldo ao frigorífico de aves a Cooperalfa Ltda adquiriu o controle acionário da SIPAL S.A. Fábrica de Rações de Chapecô. Hoje a Cooperalfa é a maior cooperativa de Santa Catarina e a 12<sup>a</sup> no Brasil após 17 anos de atividades.

Assim deu-se a origem e evolução dos pequenos empreendimentos familiares de Plínio Arlindo De Nes e de Aury Luiz Bondanese e seus 26 amigos agricultores pioneiros do pólo agropecuário do Oeste Catarinense, cujas matrizes das empresas dos dois grupos apresentam-se a seguir intercalados com fotos das mais im-

portantes empresas.

Detectada a ORIGEM e a EVOLUÇÃO, as Matrizes das empresas, e, o assentamento geográfico, projeta-se as PERSPECTIVAS para 1990 a partir de duas condicionantes: a) Externas e b) Nova República (A reordenação do país e as metas para 90) e compatibiliza com as PERSPECTIVAS dos GRUPOS EMPRESARIAIS para o mesmo período, enfoques estes que serão apresentados no Capítulo 6.

## BIBLIOGRAFIA

## CAPÍTULO V

## 5. ORIGENS E EVOLUÇÃO

GAINDZINSKI, Edson. O Grupo Maximiliano Gaindzinski, 1985. Entrevista Oral. Santa Catarina.

JUNIOR, Valério Gomes. As Empresas USATI PORTOBELLO, 1985. Entrevista Oral. Florianópolis.

FRANCISCO, J.A. A Fundação Tupy S.A., 1985. Contato verbal. Joinville.

BERG, Heinrich. O grupo HANSEN. Contato verbal. Joinville.

DELLA ROSA, José Erico. A SULFABRIL e a Valorização do Homem. 1985. Contato verbal. Blumenau.

BORBA, João de. A TEKA e a integração do Homem à Empresa. 1985. Entrevista verbal. Blumenau.

HERING, Ingo W. Linhas de Ação da Cia HERING e Associa-  
das. 1985. Entrevista oral. Blumenau.

\_\_\_\_\_. A HERING de Blumenau. Um século 1880-  
1980. 1980. Litigraf - Artes Gráficas S.A. São Pau-  
lo.

ZADROZNY, Carlos Curt. A ARTEX S.A. - 49 anos de tradi-  
ção em Cama, Mesa e Banho. Entrevista oral, 1985. Blu-  
menau.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico da Indústria de  
Blumenau. 1966. IBGE. Rio de Janeiro.

ABREU, Alcides. Santa Catarina. O Caminho do Homem. En-  
trevista Oral. 1985. Florianópolis.

FONTANA, Attílio F.X. A História de Minha Vida, 1982.  
Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro.

BRANDALISE, Saul. Retrato de um Homem. 1982. São Pau-  
lo. Indústrias Gráficas S.A. nº 924.

DE NES, Plínio Arlindo. A.S.A. Indústria e Comércio  
CHAPECÓ e o Desenvolvimento do Oeste Catarinense.  
1985. Chapecó.

BONDANESE, Aury Luiz. A Cooperalfa Ltda - uma experiên  
cia cooperativa que deu certo. 1985. Entrevista oral.  
Chapecô.

CAPÍTULO 6

## PERSPECTIVA PARA 1990

### 6.1. AS CONDICIONANTES EXTERNAS



## 6.1. PERSPECTIVAÇÃO CONCEITUAL

### 1. AS CONDICIONANTES POLÍTICAS EXTERNAS

... "Todas as equações que faço envolvem sempre uma adesão significativa da vontade, quer dizer, disponibilidade do meio ambiente e o exercício da vontade sobre ele podem conduzir as pessoas, as empresas e sociedade a destinos extremamente significativos. Se forem significativas as pessoas que projetam esses destinos" (Abreu, Alcides, 1985).

#### A RIQUEZA MUNDIAL

O Produto Mundial Bruto (PMB) projetado para 1990 será de ordem de 10.0 trilhões de dólares, crescentes. A capacidade Consumo do Mundo dentro desse parâmetro é ilimitada. Contrariamente a capacidade de produção brasileira e catarinense é limitada. Porém, é infinita a possibilidade de alcançar a este consumo, digamos assim, 5.2 bilhões de habitantes da terra em 1990. Tudo isso é sem limite.

O Terceiro Mundo será responsável por parcela ponderável de Matérias Primas, Insumos para a trans

formação dessa riqueza incomensurável e natural consumidor de grande parcela de produtos industrializados de Paz e de Guerra. Tudo isso é claro, dentro de raízes e padrões que caracterizam a internacionalização da economia ocidental.

Internacionalização entendida como uma proposta imposta aos países periféricos de incorporação de tecnologias finais nos diversos campos de ação brasileira e catarinense, inclusive. (Abreu, Alcides, 1985).

#### A POPULAÇÃO MUNDIAL - Os Parceiros Comerciais

Os parceiros comerciais da sétima economia mundial em 1990 serão: a) A América Latina com 550 milhões de pessoas (incluindo o Brasil com 150 milhões), b) A ÁFRICA com 700 milhões e os desenvolvidos. (USA, JAPÃO, ALEMANHA, ITÁLIA, FRANÇA, CHINA e RÚSSIA).

A força de trabalho no mundo passará de 1.8 bilhões para 2.1 bilhões em 1990. Para ocupar toda essa gente será preciso criar 1/3 ou mais empregos de quantos existem atualmente em todos os países industrializados juntos. O contraste maior é que um quarto desta população vive num nível classificado pelo Banco Mundial como de "pobreza absoluta". A gravidade reside no fato de que no ano 2000 somente dez anos à fren-

fe de nossas previsões 80% da população estará vivendo nesses países. O que fizermos nos próximos cinco, dez ou quinze anos, determinará que tipo de Mundo nós e nossos filhos teremos a partir de então.

Os homens devem ter vontade e consciência para reverter este desafio. (Gupte, Pranay, 1984).

#### O COMÉRCIO MUNDIAL - As Perspectivas para 1990

O Comércio mundial crescerá à taxa média de 4% ao ano, no período de 1984 a 1990, em contrapartida ao crescimento da economia dos países desenvolvidos, estimada em 3% ao ano no mesmo período.

Esta projeção não será uniforme, mas cíclica, com uma leve recessão nos Estados Unidos nos anos 1986/87, ocasionada pela necessidade de reduzir o déficit fiscal do Balanço de Pagamento e Serviço e combater a inflação que tenderá a aumentar a partir do 2º Semestre de 1985, período em que haverá uma discreta desvalorização do dólar. O Protecionismo embora permanente, será moderado, criando dificuldades setoriais sem impedir o crescimento global das exportações. Tais afirmações poderão ser cotejadas com os quadros abaixo:

## a) AS TAXAS DE CRESCIMENTO DAS ECONOMIAS DESENVOLVIDAS

	% a.a.						
	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
U S A	5.5	3.5	1.0	1.0	3.0	4.0	4.0
O E C D	3.0	3.5	3.0	2.0	2.0	3.0	3.0

FONTE: BNDES

TAXA MÉDIA ANUAL NO PERÍODO 84/90

USA 3,1%

OECD 2,9%

A política econômica de FMI não será mantida, e em seu lugar, surgirá, uma política ativa de promoção do crescimento. A Taxa de Juros Internacional permanecerá elevada e seu ápice será em 1985. Podendo ocorrer baixa menores que 10%.

## b) PREÇOS INTERNACIONAIS DO PETRÓLEO

	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
US \$ BARRIL	29	29	32	34	37	40	43

FONTE: BNDES

Os preços do petróleo voltam a subir em ter-

mos nominais a partir de 1986, dada a desvalorização do dólar e pelo crescimento das economias desenvolvidas. Todavia, este acréscimo nominal será apenas suficiente para resgatar em 1990, o mesmo preço real de 1983.

c) TAXA DE INFLAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
IPC	6	8	6	5	4	6	6

FONTE: BNDES

A inflação nos Estados Unidos, tomada como parâmetro da inflação internacional girará em torno de 6%, acompanhando a evolução cíclica.

d) TAXA DE JUROS INTERNACIONAL

	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
LIBOR	11	13	12	11	10	11	11

FONTE: BNDES

A política dos bancos credores em relação aos países devedores será de renegociação com condições razoáveis para o serviço da dívida dos países subdesenvolvidos. Além de uma visão de longo prazo para seu equacionamento.

Os efeitos desses condicionantes externos desaguam na reordenação institucional brasileira, cujo ingrediente central será a readaptação do modelo econômico exportador associativo e dependente às exigências da nova República sustentada na Retomada do Desenvolvimento Econômico.

## 6,2. A NOVA REPÚBLICA

A REORDENAÇÃO DO PAÍS E AS  
METAS PARA 1990

## 6.2. A NOVA REPÚBLICA E A RETOMADA DO DESENVOLVIMENTO

### 1. AS CONDICIONANTES POLÍTICAS PARA A RETOMADA INTERNA

O governo da nova República, por todo ano de 1985 estimulará a retomada do desenvolvimento econômico. Essa estratégia passa pela alteração da política de renegociação da dívida externa de forma a obter condições condizentes com a realidade interna do país.

A solução favorável das negociações está relacionada à obtenção das seguintes variáveis:

- Redução dos juros efetivo-, pela eliminação ou redução drástica dos "spreads" e taxas de risco;
- Fixação de carência e prazos longos para amortização do principal e provavelmente;
- Fixação de taxa de juros máximos a ser paga, capitalizando-se o excedente, quando necessário.



A política econômica interna será de retomada do processo de desenvolvimento econômico, social e exportações, fundada nas seguintes prioridades:

- a) Produção interna de Petróleo.
- b) Substituição e conservação de combustíveis derivados - petróleo.
- c) Defesa do parque industrial interno evitando-se importações desnecessárias. É a prioridade das prioridades.

Paralelamente, a partir de 85/86 haverá reformulação da política salarial, para compatibilizá-la a retomada do crescimento, possibilitando-se um pequeno acréscimo real dos salários, para reavivar o mercado interno.

Os ventos favoráveis da nova política governamental, deverão trazer uma menor centralização fiscal, com a ampliação da receita dos Estados e Municípios Brasileiros.

## 2. AS VARIÁVEIS MACROECONÔMICAS

A partir do cenário internacional e dos atos políticos da Nova República, pode-se construir o con-

texto macroeconômico das variáveis:

a) TAXAS DE CRESCIMENTO DO PIB E SETORES ECONÔMICOS

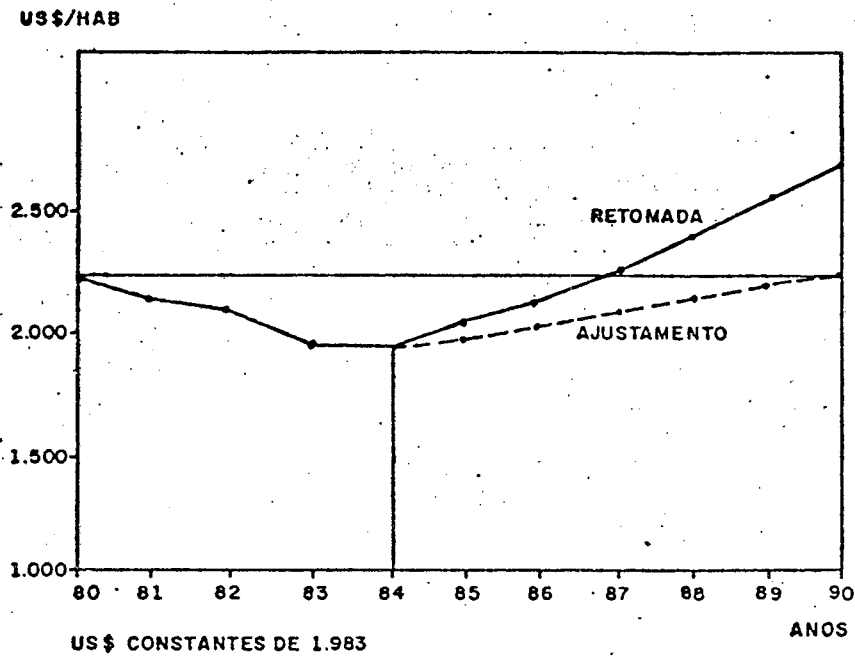
	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
PIB	2.5	7.0	8.5	7.0	8.0	8.0	8.0
PRIMÁRIO	6.0	5.5	5.0	6.0	5.0	5.0	5.0
SECUNDÁRIO	4.5	8.0	12.0	8.0	10.3	10.5	10.5
TERCIÁRIO		2.0	6.8	7.4	6.9	7.3	7.2

FONTE: BNDES

Considerou-se que, para uma retomada do crescimento mínimo para empregar a cada ano a mão de obra que chega ao mercado de trabalho e recuperar os subempregados dos últimos quatro anos de recessão, o objetivo será crescer a 7% ao ano, em média, até 1990, que corresponde à taxa histórica brasileira, de modo a permitir a melhoria das condições de empregos vigentes.

As taxas acima forma desdobradas com base no ciclo internacional e nas condições internas.

## EVOLUÇÃO DO PIB "Per Capita"



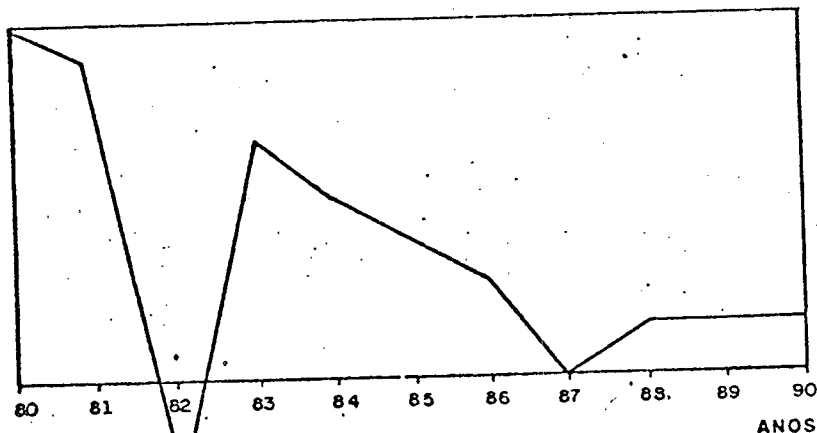
FONTE: BNDES.

## b) BALANÇO DE PAGAMENTOS (BC) - EXPORTAÇÕES

	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Valor a preços constantes de 83 US \$ bilhões		27.3	29.3	29.5	30.7	32.0	33.4
Taxa de crescimento %		10.5	7.3	0.7	4.1	4.2	4.4
Valor a preços correntes US \$ bilhões		31.2	35.5	37.6	40.7	45.0	49.7
Participação dos Industrializados		63	65	66	67	68	69

FONTE: BNDES.

As exportações terão a mesma tendência do ajustamento, uma vez que o contexto mundial é o mesmo e não há diferenças na política cambial. Deste modo, as Exportações Brasileiras, em números reais, crescerão em média 5.2% ao ano, no período 1985 a 1990. A relação Exportação/PIB que chegou a 9,5% em 1981 e evoluiu para 11,5 em 1983 estará no final do período ao nível de 9.9%.



TAXAS MÉDIA DE  
CRESCIMENTO  
(%a.a): 1960/80: 7.5

1.960/70: 5.4    1.968/73: 11.1    1.970/80: 9.0

FONTE: BNDES.

### c) BALANÇO DE PAGAMENTOS (BP) - IMPORTAÇÕES TOTAIS

As importações totais crescerão à taxa média real, entre 1985 e 1990 de 8.1% ao ano, ou seja, índice superior a do PIB, passando de US \$ 13.5 bilhões para 21.5 bilhões a preços constantes de 1983.

O coeficiente de importações em 1990 situar-se-á em 6.4%. Isto dever-se-á a mudança estrutural a ser estimulada no país, em sequência aos investimentos em maturação e substituidores de importações.

	US \$ Bilhões					
	1985	1986	1987	1988	1989	1990
. US \$ Bilhões correntes	15.5	18.9	20.9	24.2	28.1	32.0
. Taxa de crescimento nominal	9.0	17.8	13.0	15.8	16.1	13.9
. US \$ Bilhões constantes de 1983	13.7	15.3	16.4	18.3	20.0	21.5
. Taxa de crescimento real	1.5	11.7	7.2	11.6	9.3	7.5
. Importações/PIB	6.0	6.1	6.1	6.4	6.4	6.4

FONTE: BNDES.

## RESULTADOS DA BALANÇA COMERCIAL E SERVIÇOS

## SALDO COMERCIAL COM A RETOMADA DE CRESCIMENTO

	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
. Exportações valores cor rentes		31.2	35.5	37.6	40.7	45.0	49.7
. Importações valores cor rentes		15.7	18.5	20.9	24.2	28.1	32.0
. Saldo comer cial valo res corren tes		15.5	17.0	16.7	16.5	16.9	17.7
. Saldo a pre cos constan tes de 1983		13.6	14.0	13.1	12.4	12.0	11.9

. EM REVISÃO.

Os saldos comerciais, passarão a ser expres  
sivos, embora, suscetíveis de alteração face à estraté  
gia da Nova República. Deverão situar-se a partir de  
85/6 acima de US \$ 15.0 bilhões de dólares.

### 3. O SISTEMA PRODUTIVO

O retorno ao crescimento econômico deve ser sustentado pelo aumento do consumo via recuperação dos salários reais e pelo crescimento interno.

Os investimentos necessários em infra-estrutura econômica e social de responsabilidade do setor público deverão ser retomados para atender os compromissos e programa básico da Nova República, com probabilidade de grande efeito multiplicador sobre o conjunto da atividade econômica induzindo a dinamização do investimento privado. Ainda a maioria dos setores industriais deverão continuar o processo de modernização em curso, principalmente a sua informatização, além de investimentos em setores de tecnologia de ponta.

As tendências dos produtos industrializados na pauta de exportação deverão ser estimulados e ampliados, dada a posição conquistada pelo BRASIL. Os próximos dois anos exigirão investimentos para aumento da capacidade instalada e atender as exigências mínimas e fundamentais do mercado interno. De maneira esquemática pelas ações do governo atual, são os seguintes setores que tenderão a crescer mais rapidamente ou absorverão maiores investimentos.

- . INFRA-ESTRUTURA SOCIAL - Principalmente o seguimento do Norte e Nordeste.
- . GASTOS COM ASSISTÊNCIA SOCIAL - (Alimentação, saúde e educação).
- . PRODUÇÃO DE ALIMENTOS - Para o mercado interno.

Quanto aos empreendimentos de sustentação externa e adequação tecnológica, deverão predominar:

a) Os substituidores de importações, em especial na

1. Mineração;
2. Metalúrgica;
3. Química.

b) Nos setores de tecnologia de ponta, especialmente a microeletrônica e a informática. Crê-se que o setor de Bens de Capital deverá ampliar sua capacidade até 1990, absorvendo com muito esforço novas tecnologias para suprir a demanda futura.

O crescimento industrial brasileiro voltado por duas décadas quase que exclusivamente para o exterior, passará a ser bidirecionado: a) manterão e ampliarão o mercado externo conquistado e b) atenderão as necessidades do mercado interno. O problema a ser vencido diz respeito ao volume de recursos necessários pa



ra atender aos bens de consumo que já necessitam alo-  
car recursos a curto prazo.

#### 4. O CONTEXTO SOCIAL

##### GERAÇÃO DE EMPREGOS

Se o crescimento da economia observar a  
tendência projetada, ou seja, taxas superiores a 6%  
ao ano, será possível empregar a mão-de-obra que al-  
cança o mercado de trabalho e reabsolver parte do de-  
semprego gerado nos últimos quatro anos.

Mercê da fragilidade estatística quanto a  
não captação da rotação de desemprego - considerar-se  
é para efeito de projeção que o aumento ou diminuição  
no mercado informal, refletirá a real situação de em-  
prego, pois, na medida que o mercado formal aumenta e  
o informal diminui, a renda média da população estará  
crescendo substancialmente e com ela a melhoria das  
condições sociais de vida.

## POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA - EMPREGO INFORMAL

PERÍODO	1980	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
ESPECIFICAÇÃO								
• PEA em milhões de pessoas (1)	43.8	48.7	50.0	51.4	52.8	54.2	55.7	57.2
• Emprego informal em milhões de pessoas (2)	18.8	24.0	23.8	23.2	23.0	22.4	21.8	21.2
• Excesso do emprego informal em relação a 1980	-	5.2	5.0	4.4	4.2	3.6	3.0	2.4

FONTE: BNDES.

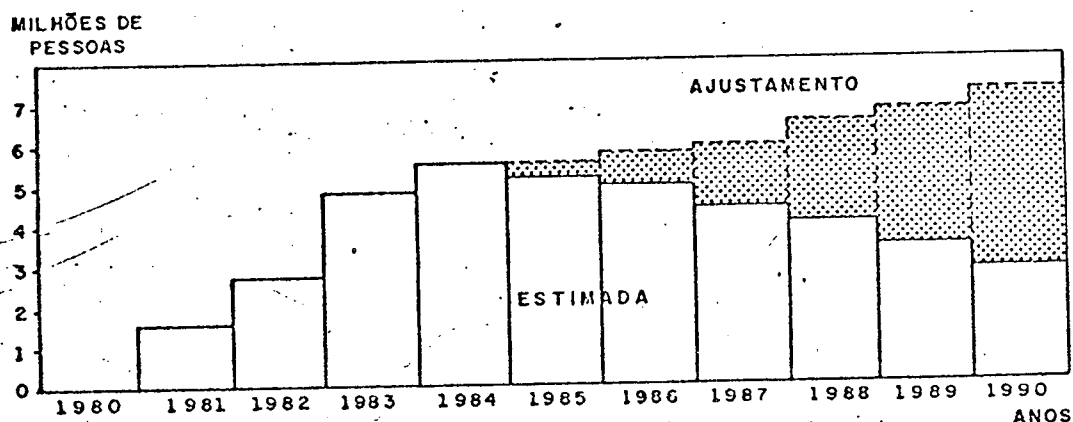
(1) Crescimento do PEA de 2.7 ao ano.

(2) Sem rendimentos (sem carteira assinada e metade dos da conta própria).

Decorrentemente além de insumar os novos contingentes de obreiros, calculados em cerca de 8,5 milhões de 1985 a 1990, ainda, terá absorção de 2,8 milhões de pessoas do mercado informal. Ainda que, em termos absolutos, o emprego informal apresente excesso de 2,4 milhões de pessoas em relação a 1980. Seu percentual no PEA reduzir-se-á sensivelmente, situando-se em torno de 37% em 1990, representando em relação a 1980 (43%) uma queda de 6%.

A considerar os planos a serem postos em prática pelo governo, no que se refere ao aumento dos gastos sociais e a melhoria de renda pela mudança da política salarial, já anunciadas, facilitarão significativa melhoria no contexto social quanto a geração de empregos.

EXCESSO DO EMPREGO INFORMAL COM RELAÇÃO AO ANO DE  
1985



FONTE: BNDES

5. CONSUMO - AS CONTAS DE PRODUÇÃO E AS TAXAS REAIS MÉDIAS DE CRESCIMENTO

Admitida a idéia da remessa de recursos para o exterior, pelas pressões e injunções externas, mensu

radas pelos saldos da Balança de Produtos e Serviços , pode-se atribuir que o consumo e o investimento interno poderão crescer a taxas razoáveis, tendo em vista o crescimento PIB acima de 7% ao ano. Mercê da política de controle inflacionário, o consumo "per capita" deverá evoluir a uma taxa de 4.1% ao ano, caracterizando manancial de melhoria do padrão de vida da população e o investimento em cerca de 13% ao ano.

PROJEÇÃO DA CONTA DE PRODUÇÃO

ANOS	OFERTA		DEMANDA		SALDO EM BAL. DE PROD. E SERV.
	PIB	CONSUMO	INVESTIMENTO		
1984	227.6	176.8	40.5		10.3
1985	263.1	199.7	49.5		13.9
1986	302.5	277.5	59.9		15.1
1987	340.0	251.4	74.1		14.5
1988	381.8	280.7	87.1		14.0
1989	437.0	318.9	104.0		14.1
1990	500.0	366.5	119.0		14.5

FONTE: BNDES

TAXAS REAIS MÉDIAS DE CRESCIMENTO  
DO CONSUMO E DO INVESTIMENTO

TAXAS PERÍODO	PIB	CONSUMO	INVESTIMENTO
1980/1970	8.6	8.1	9.4
1990/1984	7.8	6.7	13.1

FONTE: BNDES

6. A FORMAÇÃO DA POUPANÇA E AS  
CONDIÇÕES DO FINANCIAMENTO

A reversão das decisões do Poder Público para minimizar o astronômico déficit de 1.5 trilhões de cruzeiros, através de corte de gastos da administração direta, estatais e o aceno de nova série de tributação gradual, poderá promover a retomada das Receitas Tributárias e decorrentemente da Poupança Pública que crescerá expressivamente, de forma a gerar recursos adicionais a serem usados para financiar os investimentos sociais, por exemplo. Ou estabelecer parcela significativa de recursos para financiamento do setor priva

do.

Já o Setor Privado, pela recessão teve que se ajustar às circunstâncias da estaginflação, reduzindo custos e endividamento através do aumento de produtividade, com a tomada do crescimento econômico, tenderão a gerar rapidamente lucros, que se transformarão em poupança a ser reinvestida, além de terem probabilidade de expandir sua capacidade de endividamento.

## 7. A INFLAÇÃO

É extremamente complicado e aleatório efetuar projeções para 1990. Todavia, tem-se a crença que haverá redução da taxa de inflação dadas:

- a) Retomada do Crescimento - Historicamente as taxas mais elevadas de crescimento estão relacionadas as taxas menores de inflação.
- b) As Empresas Brasileiras - Ao ocuparem sua capacidade, terão seus custos unitários reduzidos, tendo condições de transferir parte deste ganho ao consumidor.

Acrescente-se que, o crescimento da produção agrícola, especialmente a destinada ao mercado inter-

no, poderá ter efeito positivo. Aliam-se a isso, a política monetária passiva e a ampliação do crédito. Também, deverão ter um efeito favorável com a redução da taxa de juros.

Os preços externos que continuarão insuando a inflação Americana, podem ser favoráveis, como é o caso do preço do petróleo que permanecerá abaixo do preço real de 1983 até 1990. Crê-se, também, que a política cambial tenha efeito neutro a partir de 85, excluindo-se para efeito das minidesvalorizações e inflação externa. No que se refere aos preços de produtos exportáveis seu comportamento é de difícil previsão. Porém, considera-se que os efeitos dos prováveis aumentos sobre o mercado interno poderão ser evitados com a fixação de cotas de exportação, dada a tradicionalidade da política econômica brasileira.

A questão da política salarial que poderá ter efeito negativo sobre a inflação, será absorvida pela redução dos custos unitários já colocados anteriormente, pois com a melhoria da produtividade da indústria os efeitos citados podem ser superados. Até porque, em período de recessão o deslanche normal da produtividade já permite aumentos reais de salários abaixo do aumento de produtividade não apresentam efeito inflacionário. No Brasil a política salarial não apresenta resultado em índice de inflação. Antes, pelo contrário,

até recentemente, quando se teve por quatro anos uma política contracionista e nociva, com o objetivo de reduzir a inflação, esta aumentou-a consideravelmente.

A expectativa mais plausível é a redução considerável da Inflação. Mercê dos mecanismos especulativos e psicológicos adequados à longa convivência com a INFLAÇÃO.

## 8. APÊNDICE - A DÍVIDA EXTERNA PARÂMETROS

1. Admite-se para que este contexto que haverá uma renegociação da dívida que diminuirá o "spred" fixando um período de carência e alongando os prazos de pagamento.

2. Presumindo-se os juros iguais a Libor 0,5 (por cento) constata-se com os parâmetros adotados que os saldos adquiridos serão capazes de pagar os juros e, ainda, terão minúsculos saldos para amortizações e/ou acumulação de reservas.



## PROJEÇÃO DA DÍVIDA EXTERNA

	US \$ Bilhões Correntes						
PERÍODO	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
DISCRIMINAÇÃO							
. Disponível para o banco da dívida		12.4	12.3	12.0	11.0	11.1	10.9
. Juros pagos		12.4	11.6	10.8	10.0	10.4	10.4
. Amortizações líquidas		-	0.7	1.2	1.0	0.7	0.5
. Dívida total*	100.4	102.4	99.6	98.4	97.4	96.7	96.2

FONTE: BNDES

A dívida externa brasileira tenderá a redução, mesmo em termos nominais. A redução real será muito maior devido a inflação internacional do período. O quociente "dívida líquida" - "exportações" passará para 1.7 em 1990, em relação aos 3.6 de 1984. A dívida consta de 1984 seria de US \$ 68.4 bilhões.

A presente projeção não explicita as bases de negociação e desembolso da dívida, exceto a redução da taxa de juros, mantendo-se o principal em termos nominais ou realizando uma pequena amortização a partir de 1986. (BNDES, 1984, p. 47 a 81).

Observados os parâmetros estabelecidos para o BRASIL desenha-se as PERSPECTIVAS da Região Sul e as oportunidades de Santa Catarina.

6.3. A REGIÃO SUL E AS OPORTUNIDADES DE  
SANTA CATARINA

### 6.3. A REGIÃO. SUL

A Região Sul terá, em 1990, uma população de 24.515.857 habitantes. 2.197.719 pessoas a mais do que 1985. O Paraná terá 9.803.436 habitantes, Santa Catarina 4.664.878 habitantes e o Rio Grande do Sul 10.047.543 habitantes.

A exportação de produtos dos três estados alcançará a significativa cifra de 20,5 bilhões de dólares, assim distribuídos:

ESTADOS	EXPORTAÇÕES		DIFERENÇA	%
	1985	1990		
Paraná	4.359.753	8.701.700	4.341.947	99.6
Santa Catarina	1.055.563	2.105.250	1.049.687	99.4
Rio Grande Sul	4.598.714	9.202.950	4.604.236	100.1
Total da Região	10.014.030	20.050.000	10.035.970	100.2
BRASIL	27.998.401	50.000.000	22.001.599	78.6

FONTE: BNDES. Elaboração: Autor.

Mais do que uma previsão os dados deverão se concretizar, pois, a exportação continuará sendo essencial à atividade produtiva da região. Até 1990 estará

implantado o pólo carboquímico no Sul, secundado pela Siderúrgica de Santa Catarina, liderada pela Vale do Rio Doce.

Será a saída para a tão propalada diversificação do uso do carvão existente na região Sul, principalmente (SC) e (RGS) trazendo um imenso potencial que esta por detrás da grande riqueza que é o carvão.

As expansões das empresas agroindustriais têxteis, mecânica, cerâmica e de telecomunicações nos próximos cinco anos eliminarão as fronteiras dos três estados que compõem a região sul rumo ao centro oeste.

O ramo dinâmico passará a alocar maior parcela de investimento e aumentar significativamente sua importância no contexto regional.

Isto posto, vamos as oportunidades de Santa Catarina.

AS OPORTUNIDADES DE SANTA CATARINA E DAS MICRORREGIÕES ONDE OS GRUPOS EMPRESARIAIS ESTÃO INSERIDOS.

Santa Catarina continuará sendo o sexto estado da federação entre os vinte e quatro que existirão em 1990.

A previsão da Produção Interna Bruta Catari-

nense (PIBc) será de 10.0 bilhões de dólares ou seja um acréscimo de 3.0 bilhões de dólares nos próximos cinco anos. Proporcionalmente esta expansão significa duplicar a produção catarinense 1995, ou seja, 10 anos. Isto representará a geração de 400 mil novos empregos (que com os resultados da concessão de vantagens à Micro Empresa - rural, industrial e comercial mais a reordenação da propriedade rural fruto da reforma agrária) tenderá a superar a cada dos 550.000 mil novos empregos.

Quanto ao aspecto da assimilação intensiva de tecnologia terminal iniciada em fins dos anos oitenta todos os prognósticos levam a certeza que o Estado de Santa Catarina já estará inserido na quantificação e internacionalização da economia. Tal afirmação se pretende comprovar adiante, antes porém, cabe a feitura de um exercício de futuro sobre as microrregiões catarinenses.

#### O POLO CARBOQUÍMICO

O carvão é a única grande matéria prima disponível em Santa Catarina. Com a implantação da Siderúrgica Catarinense completar-se-á a base, para finalmente, se ter um grande núcleo de sustentação Metal Mecânico. O complexo CARBOQUÍMICO. O Carvão catarinense

poderá ser transformado em energia e difundido como energia para o resto do país.

No que se refere à Cerâmica as oportunidades são enormes. O Brasil tem um déficit permanente de habilitação de 7.000.000 (milhões) de unidades. É só multiplicar por metros quadrados de azulejos e pisos demandados e já se tem o que será necessário produzir neste país. E só um dos grupos localizado na região tem sozinho a capacidade equivalente a quase 30% da produção brasileira, imaginem as condições favoráveis que se abrem para atender a política social do governo daqui para 1990.

#### O POLO AÇUCAREIRO EM TERRA DE ECONOMIA DE TEMPO LIVRE

O setor açucareiro tal qual a nacional passou em 1985 e enfrentar no mercado internacional a concorrência do açúcar de beterraba da Europa.

O pólo açucareiro situado no litoral de Florianópolis, não sofrerá expansão da atividade nos próximos anos. Os produtos serão diversificados em padrões de embalagens para otimização dos níveis de preços e ganhos. A empresa já insumou tecnologia terminal e com isso é capaz de superar os demais concorrentes. É o que existe de mais moderno no campo açucareiro.

Naturalmente, a cana de açúcar não é a voca-

ção da região. São os recursos naturais existentes na grande Florianópolis que tendem no futuro próximo a formação de um pólo de serviço e lazer.

#### OS PÓLOS: METAL MECÂNICO, QUÍMICO E ROBÓTICA

Quando se fala na microrregião Norte a primeira indagação que se faz é: "Qual a direção da indústria metal mecânica?" Existem duas grandes linhas de uso: a) produtos para Paz e b) para Guerra.

O mercado de bens de Paz representa duas terças partes. Uma terça parte é bens de Guerra. Eles correspondem na pauta de exportação brasileira a 1.5 bilhões de dólares. É de se imaginar que nos próximos anos, além dos insumos para a guerra estarão sendo produzidos bens e produtos terminais (acabados e finais) de guerra e de paz. Imagina-se que os resultados da política do governo às empresas do setor passam produzir, também tratores de esteiras, motonivaladoras, entre outras. O fato é que a tendência da região será: a mecânica, química fina e robótica. Inicialmente para completar o ciclo atual de verticalização da produção. Decorrentemente, pelos vultosos investimentos em curso na aquisição e desenvolvimento de tecnologias terminais consorciadas com empresas alemãs, austríacas, entre outras.



A indústria têxtil de porte médio tenderá a ser protegida pelo governo como já faz há nove anos. Principalmente com aporte financeiro para não perder a competitividade e evitar o já anacrônico problema de desemprego na região.

#### OS PÓLOS: TÊXTIL, AGROINDÚSTRIA E LAZER

A microrregião de Blumenau apresentará até 1990 alterações pouco substanciais no conjunto estadual. Três dos quatro grupos selecionados continuarão investindo pesado na adequação do parque têxtil: a) AR TEX, b) TEKA e c) SULFABRIL.

Os empresários do setor muito embora tenha convicção histórica que a indústria têxtil vingou nas áreas de mão-de-obra intensiva e barata (foi assim desde os primórdios na Inglaterra) observam o futuro com grande preocupação porque a indústria têxtil moderna deixa de ser insumadora de pessoal para converter-se em indústria de capital intensivo. Por exemplo, a maquinária tem custo infinitamente mais elevado do que a mão-de-obra. Por isso manterão certamente a competitividade e buscarão encontrar o caminho da diversificação que lhes possam minimizar a preocupação presente.

A alteração pelo menos nos próximos quatro anos, virá da política de diversificação empreendida

pela Cia HERING e Associadas com repercussões inclusive nas microrregiões do Vale do Rio do Peixe, Oeste e Planalto Catarinense.

Todos os prognósticos sobre o segundo século do mais antigo grupo empresarial catarinense leva-nos a produção de alimentos, material para comunicações (no Paraná) e Lazer. (Hotéis PLAZA HERING). A Cia HERING encaminha-se nesta direção.

A ARTEX investirá pesado na segunda unidade de fiação no Paraná. Além de iniciar a diversificação no ramo de minerais não metálicos, e comércio até 1990.

#### O PÓLO AGROINDUSTRIAL (PECUÁRIA E FRUTICULTURA) DO RIO DO PEIXE

A microrregião do Vale do Rio do Peixe terá suas atividades bipolarizadas na pecuária e fruticultura. A pecuária requererá investimento intensivo, principalmente para expansão das unidades fabris, do sistema de integrados e apoio. (Insumos e plantel principalmente). Ela será responsável pelo alto índice da produção agrícola na região se se concretizar a política do governo federal para produção de Alimentos. A soja atingirá índices superiores aos de 80. Não necessariamente pela expansão de plantio, mais pela racionalização e produtividade.

A baixa rentabilidade do setor, o alto grau de risco que envolve os empresários exigirá até 1990 esforço e observância ao planejamento estratégico iniciado nos anos oitenta. Haverá necessidade de recorrer as Bolsas de valores para consolidação dos planos de expansão, e/ou modernização. Por outro lado o setor de fruticultura já saturado, no que se refere aos diversos projetos e programas de plantio, principalmente maçã, canalizará mais inversões até 1987. Paralelamente investirá na infra-estrutura de armazenamento, unidades industriais e tecnologia de produção de suco de maçã.

Os próximos cinco anos para fruticultura serão de apropriação de tecnologia para posteriormente transformar a nova riqueza catarinense - A MAÇÃ em suco para atender a demanda mundial crescente.

#### O PÓLO AGROINDUSTRIAL E COOPERATIVA DO OESTE CATARINENSE

O oeste catarinense que há quarenta anos atrás era absolutamente inacessível, por qualquer meio humano de comunicação, nos anos 80, está colocado no meio do mundo. Ali a produção agrícola, em abundância gera a matéria prima que sustenta a pecuária e a agro-indústria.

A estrutura industrial a transforma em produtos terminais que atendem Santa Catarina, o Brasil e os cinco continentes. As perspectivas da região estão voltadas para a expansão da base de sustentação agrícola (feijão, milho, soja) pecuária (suíno, bovino e ave) inclusive fora dos limites catarinenses. É uma região que atenderá os grupos: HERING, SADIA, PERDIGÃO, além de CHAPECÓ e COOPERCENTRAL.

O oeste nos próximos anos ganhará mais força com a produção de grãos. A soja e o milho serão os grandes cereais de 1990.

Em termos macrorregionais a tendência será generalizar a expansão do plantio de grãos do Rio Grande do Sul ao Centro Oeste do Brasil.

Os grandes conflitos agrários, a política agrícola e o baixo preço do grão no mercado internacional, podem, se persistir os níveis atuais, reverter a expansão e a consolidação agrícola. (Não somente no Oeste Catarinense, como também, na região sul).

Se tal prognóstico vier acontecer restará a associação dos grupos empresariais envolvidos alocar recursos que promovam a estabilização do setor. Se isso acontecer, faz-se mister a manutenção da estrutura minifundiária existente.

Dentro deste contexto resta traçar as pers-

pectivas dos grupos empresariais a partir dos polos re  
gionais aqui inseridos. É o que se fará a seguir.

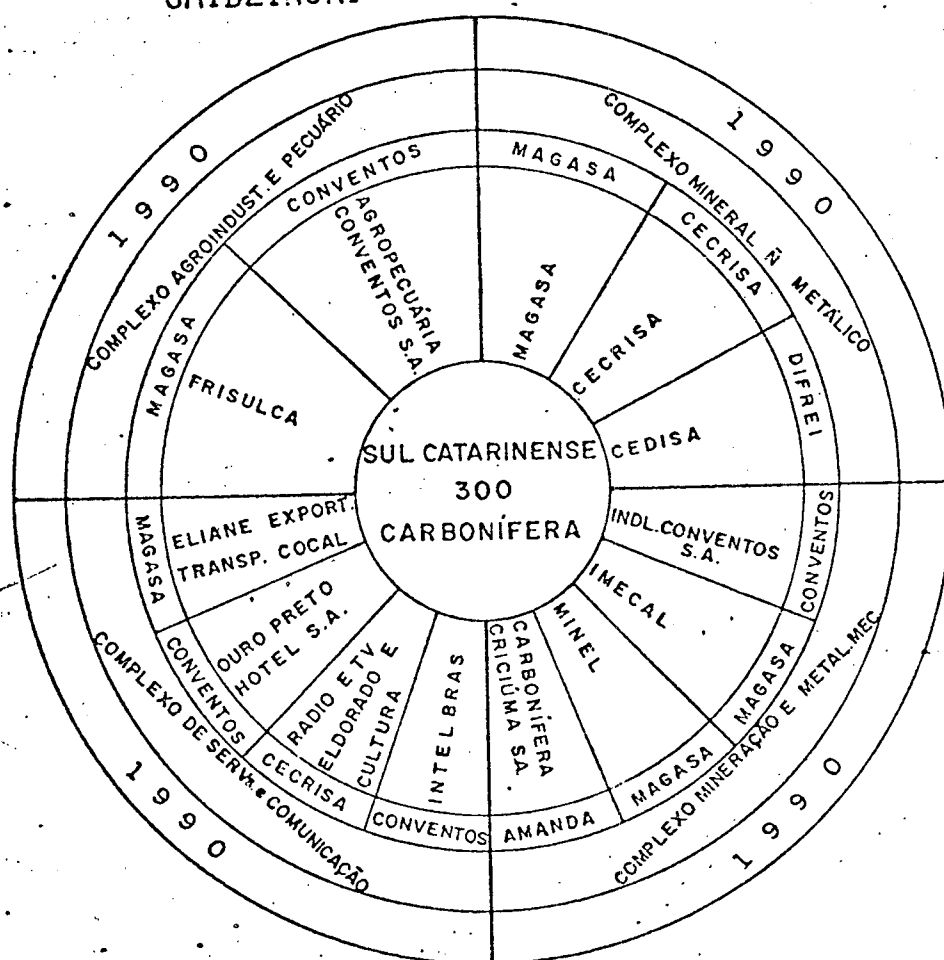
## 6.4. Os GRUPOS EMPRESARIAIS

PERSPECTIVAS PARA 1990

## 1. PERSPECTIVAS PARA 1990

DIOMÍCIO FREITAS

GAIDZINSKI



O modelo integrado, acima é uma extrapolação feita a partir das informações obtidas junto as empresas e fundamentadas nas entrevistas feitas com Assessores e Diretores das Empresas GAIDZINSKI e CECRISA.

As Perspectivas Futuras das:

a) REGIÃO SUL

A Atividade econômica da região carbonífera até 1990 estará centrada no desenvolvimento da cerâmica fina e implantação definitiva da Siderúrgica de Santa Catarina. Necessitará de muito esforço dos quatro principais empresários da região, comunidade, governos (estadual e federal) para que se concretize ambos os intentos.

b) MAXIMILIANO GAIDZINSKI

As metas do grupo MAGASA estão voltadas para a melhoria da "performance" das empresas ligadas aos minerais não metálicos e produtos alimentícios.

O setor cerâmico será o alvo imediato da política de assentamento e expansão do grupo.

Incorporará recursos para desenvolvimento da tecnologia na área de cerâmica fina, provavelmente em consórcio com outros empresários do setor.

O setor de construção civil que representa 47.5% do faturamento do grupo, a preços de 84, concentrará, também substancial parcela de recursos. No entanto, se a política do governo for posta integralmen-



te em prática terá retorno garantido até 1988.

O setor frigorífico que representa 14.82% do faturamento total da MAGASA, exigirá para sua expansão alocar recursos para o sistema de integrado e insumos básicos. A médio prazo quantitativamente promoverá inovação.

c) DIOMÍCIO FREITAS

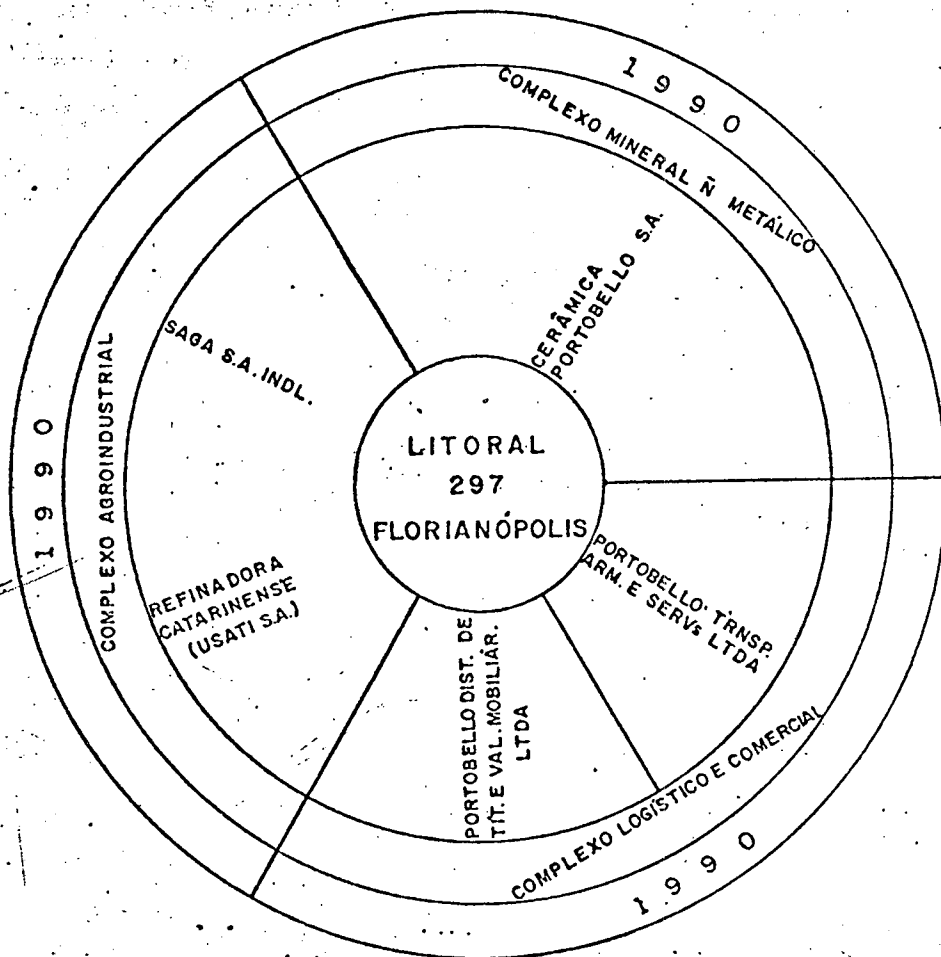
O grupo Diomício Freitas nos próximos cinco anos atuará com quatro subgrupos distintos: 1) MINERAÇÃO - Grupo AMANDA liderado pela Carbonífera CRICIÚMA Ltda, atuará contando com a implantação da Siderurgia e exploração racional do carvão catarinense. 2) MINERAL NÃO METÁLICO e MATERIAL ELÉTRICO - grupo DIFREI - Cedi sa S.A. e Intelbrás. 3) AGRICULTURA, MECÂNICA e LAZER - grupo CONVENTOS liderado pela Industrial CONVENTOS com condições de oferecer sustentação ao setor cerâmico da região. 4) MINERAL NÃO METÁLICO - grupo CECRISA liderado pela CECRISA pisará fundo na expansão do setor. Recentemente adquiriu o controle da CESACA - Cerâmica Santa Catarina S.A. São três empresas sediadas no Estado e uma em Goiás. Além deste setor há o de comunicação com duas estações de TV e 7 (sete) emissoras de Rádio na região.

A MAGASA completou 25 anos em 1985 e até os

30 em 1990, continuará firme no setor mineral não metálico, e, juntamente com o grupo CECRISA, deterá 50% da produção de pisos e 45% da de azulejos do mercado brasileiro.

## 2. PERSPECTIVAS PARA 1990

## USATI - PORTOBELLO



O modelo integrado, acima é uma extrapolação feita a partir das informações obtidas junto a empresa e fundamentadas na entrevista com o vice-presidente das Empresas Portobello.

A filosofia das Empresas USATI-PORTOBELLO  
preenuncia.

- a) interesses permanentes ou crescentes, de ordem internacional, no mercado exterior, e as necessidades desses mercados, considerando que as características brasileiras e da região sul possam ser preenchidas pelo grupo.
- b) ela deve adaptar-se à realidade brasileira, sobretudo, às deficiências e impedimentos.
- c) valorização e otimização dos recursos naturais, industriais e humanos da região onde está inserida.

Por decorrência, a ação futura do grupo visa a consolidação do complexo açucareiro e cerâmico, sustentáculos, no presente, da expansão e política de diversificação da USATI-PORTOBELLO. No que se refere aos existentes, no caso cerâmico, a estratégia para os próximos anos objetiva a ampliação, em duas etapas, da unidade de produção sediada em Tijucas, na região do litoral de Florianópolis, com investimentos da ordem de 10 milhões de dólares e geração de 300 empregos diretos.

O complexo agroindustrial, liderado pelo SAGA S.A. - Agroindustrial e SAGA S.A. - Apropetuaría, concentrará nos próximos anos, ponderáveis aportes de recursos, que serão, simultaneamente alocados: a) Em plantio de macieiras e b) Na montagem e funcionamento da fábrica de suco de maçã concentrada para exportação. A base operacional dadas as excelentes condições é Fraiburgo, no Vale do Rio do Peixe, poderosa fonte de matéria-prima. O complexo deverá se estribar na produção de terceiros, em essência, pequenos produtores da região.

Deve gerar, até 1987, 800 empregos diretos. Absorverá, mais que o triplo de empregos indiretos, se se considerar, o ciclo e a verticalização do processo de produção para esse tipo de atividade. Os investimentos atuais são da ordem de 2 milhões de dólares.

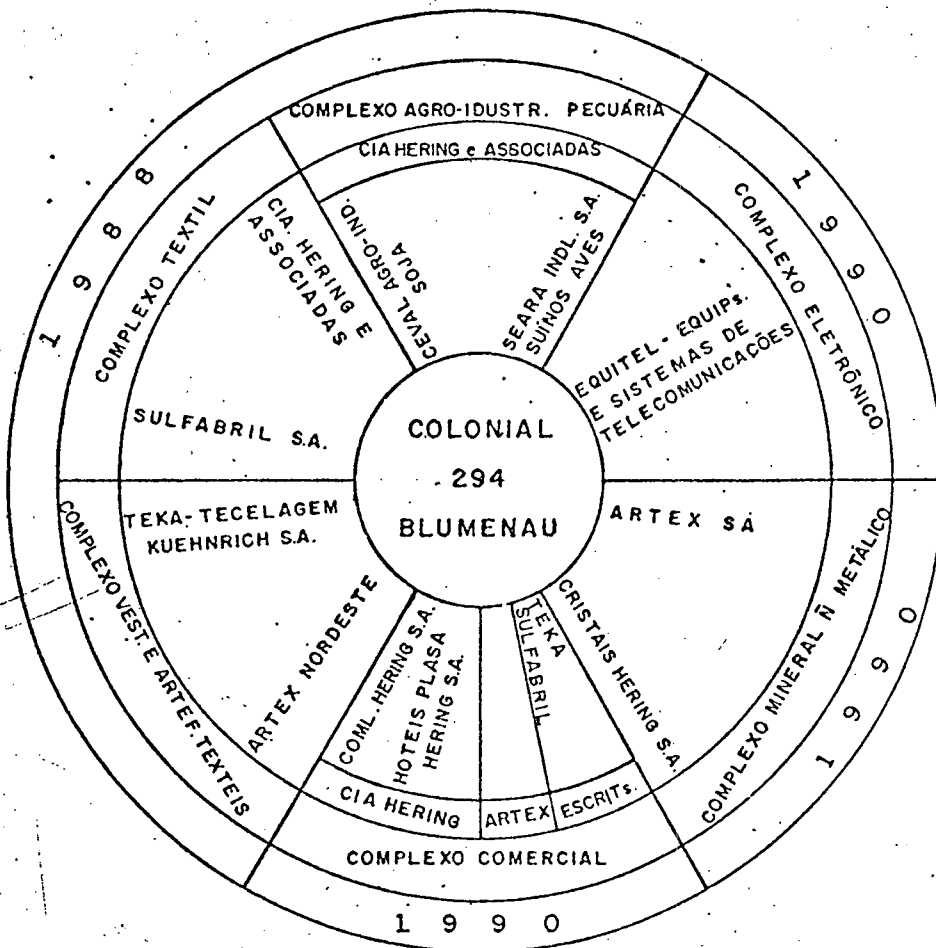
O complexo para apoio logístico comercial e sustentação dos planos de expansão, a grosso modo, é embrionário. Sua implantação dar-se-á a partir de 1987. A reorganização jurídico-administrativo e organizacional feita recentemente, facultada hoje, a administração a plena otimização dos recursos disponíveis. Em tempo, os planos de açúcar e álcool serão mantidos nos níveis de produção atual. A política é buscar maior valor agregado através da exportação. O plantio da cana-de-açúcar tende pelos fatores de mercado, a estabiliza

ção.

A política do grupo é otimizar o uso das terras improdutivas, para o reflorestamento de eucaliptos e abastecer as unidades industriais nos próximos 10 anos. Finalmente, existem dois alvos a destacar: a) profissionalização da administração das empresas, e, b) busca permanente da produtividade (setoriais e internas) das unidades produtoras do grupo. Em verdade na prática, a filosofia se confirma, as empresas USATI PORTOBELLO, nos próximos anos, cristalizarão e ampliarão suas bases integralmente no Estado de Santa Catarina. "Mais que uma filosofia empresarial é uma vocação do titular da empresa".

## 3. PERSPECTIVAS PARA 1990

## HERING, TEKA, ARTEX, SULFABRIL



O modelo integrado, acima, é uma extrapolação feita a partir das informações obtidas junto as

empresas da microrregião 294 - COLONIAL DE BLUMENAU é fundamentadas nas entrevistas com os diretores gerais da HERING, TEKA, ARTEX e SULFABRIL S.A.

#### As Perspectivas Futuras das:

##### a) CIA HERING E Associadas

A expansão que a Cia HERING associadas desenvolveu até 1980 (ocasião em que a empresa completou o seu primeiro século de existência) seguiu duas vertentes bem distintas: os ramos: TÊXTIL e a partir de 1970 AGROINDUSTRIAL.

O Têxtil já definitivamente implantado e em constante processo de adequação tecnológico, que dado ao baixo crescimento previsto para os próximos anos e os níveis de taxa de juros não serão alvo de atenção ou absorção de recursos. A política para o complexo têxtil deverá ater-se à atualização do parque industrial para não perder posição e competitividade. O crescimento subsequente, portanto, não será tão rápido, quanto foram os últimos anos. Considerando as tendências de suas bases operacionais, continuará centralizado no Estado com possibilidade de expansão territorial no Nordeste, dependendo da política que o governo de transição adotar para a área.



Quanto ao segundo braço da empresa a Agroindústria, nos últimos dez anos consumiu grande soma de investimentos do grupo. Constitui hoje o maior complexo de soja do país e o primeiro em exportação (farelo, óleo bruto e óleo refinado da região sul).

A expansão das bases operacionais deu-se primeiramente no Oeste Catarinense, posteriormente Rio Grande do Sul, com as incorporações das unidades da Kasper e Contriujú, Paranã, e a tendência futura será o dentro oeste brasileiro (Mato Grosso do Sul e Norte) dependendo das condições infra-estruturais. Os próximos anos servirão para maturação e conclusão dessa política de expansão e incorporações feitas em 1984 e 1985. Portanto, as novas inversões deverão ser mais lentas até 1990 e se destinam à consolidação. A mesma estratégia aplica-se à SEARA Indl S.A. com suínos, aves e rações.

O segundo século da Cia HERING, busca a diversificação em setor mais dinâmico, como é o caso do futuro complexo Eletro-Técnico-Eletrônico, principalmente na área de comunicações. É neste setor que reside o plano de diversificação e onde serão alocados com maior vigor os recursos próprios do grupo principalmente devido às recentes alterações nas leis que regulam as Telecomunicações. Estas modificações forçarão o redimensionamento do projeto original previsto para a

EQUITEL S.A. - Equipamentos e Sistemas de Telecomunicações. O desenvolvimento desse complexo será feito no Estado do Paraná. Quanto ao complexo logístico (Comercial e Lazer) investimentos nos Hotéis Plaza HERING, se efetivarão com o assentamento dos demais complexos.

Do ponto de vista institucional e administrativo a Cia HERING é responsável pelas atividades de planejamento estratégico das demais empresas que a integram. Como é o caso da Comercial HERING S.A. e Controladas. Fundamentalmente, a base da expansão e diversificação nos próximos cinco anos será Santa Catarina.

A considerar o estágio de racionalização e inovação tecnológica da Cia HERING e Associadas a geração de emprego direto para o futuro será infinitamente menor do que os anos anteriores. Os novos empregos se distribuirão por: a) Santa Catarina, mais precisamente nas microrregiões: Vale do Itajaí, São Francisco do Sul, Campos de Lages, Chapecô, Seará e Itapiranga. b) Na região sul, Rio Grande do Sul e Paraná. Isso para atender aos complexos têxtil, agroindustrial (seja) e pecuária (suínos e aves). A médio prazo, Paraná com o complexo eletrotécnico e decorrentemente, pela expansão da agroindústria e centro oeste brasileiro. O Sr. Ingo Wolfgang HERING personifica a história e as perspectivas da Cia HERING e Associadas, na arrancada para

## O II SÉCULO.

### b) TEKA - Tecelagem KUEHNRIK S.A.

O complexo têxtil e de artefatos, em consolidação, estruturado na tradição de sua linha de produtos, buscará a modernização. Investirá em infra-estrutura de proteção contra as enchentes e perseguirá nos próximos anos a verticalização das linhas de produção e produtos. Todos os recursos dimensionados, visam a produção de algodão e fios passando por certo, pela fabricação de óleo.

As fontes de matérias-primas tenderão a se expandir em Assai, no Paraná, Arthur Nogueira em São Paulo e Rio Grande do Sul nas regiões algodoeiras.

A matriz, as filiais e subsidiárias em Santa Catarina receberão parcelas significativas de recursos e alocarão somas ponderáveis de mão-de-obra na microrregião de Blumenau.

O aspecto de manutenção da tradição têxtil e do assentamento do grupo na região é dado pelo Professor e Desembargador João de Borba, Diretor Adjunto do grupo na região. Nas enchentes de 84, 90% do parque fabril ficou submerso. Os 3.122 colaboradores, restauraram a Matriz em tempo recorde como se fosse sua propriedade. A obrigação de expandir, gerar empregos e

manter o grupo no Estado é para os Acionistas e colaboradores uma questão moral". Este objetivo se renova em 85 quando o faturamento do grupo atinge 50 bilhões de cruzeiros mensais. Presentemente, o complexo logístico comercial é embrionário. E não existe política ou estratégia formulada para consolidá-lo como tal. Sua criação é projetada para depois de 1988. O Sr. Paulo Fritz Kuehnrich personifica, a história e as perspectivas do grupo TEKA.

c) SULFABRIL S.A. - Malhas

A tendência da política do grupo de capital fechado SULFABRIL S.A. - Malhas e Nordeste, para os próximos cinco anos é continuar a crescer no ramo em Santa Catarina. As metas mais evidentes dizem da expansão e ampliação das unidades existentes, principalmente dentro do processo produtivo, a área de confecção e malhas em Blumenau. Consolidar as segunda e terceira etapas da Sulfabril - NORDESTE S.A. setores de malhas, tinturaria e fiação. (Verticalização). Pela tendência dos resultados manterá os padrões de qualidade e a fatia de mercado conquistada até 1984, que a coloca juntamente com a Cia HERING, Associadas como as duas maiores indústrias de confecções da América Latina. Do ponto de vista social, manterá os níveis de

emprego a política de benefícios sociais e o capital fechado.

d) ARTEX - Fábrica de Artefatos Têxteis S.A

O objetivo central do Conselho de Administração é manter a tradição no ramo têxtil, mas deixou implícito que haverá diversificação lenta em outros setores. A bem da verdade, analisar-se-ã, somente as perspectivas para o complexo têxtil que envolve 85% das atividades do grupo ARTEX S.A.. Investir em Cama, Mesa e Banho é o alvo imediato e constante. A razão é simples. A ARTEX é a segunda maior empresa de Blumenu, em número de empregados e faturamento (100 bilhões de cruzeiros). Também, mantém esforço permanente para atingir o máximo de produção e produtividade, mesmo em época de crise.

A produção, considerando matriz e filial continuará sendo uma das maiores do mundo, proporcionalmente, considerada sob o aspecto de concentração espacial de produção. Nos próximos anos, o grupo ARTEX continuará investindo na racionalização do sistema produtivo. (Treinamento e reciclagem da mão-de-obra técnica). As inversões estarão sendo canalizadas para a produção de algodão (Fazendas de plantio em Minas Gerais,

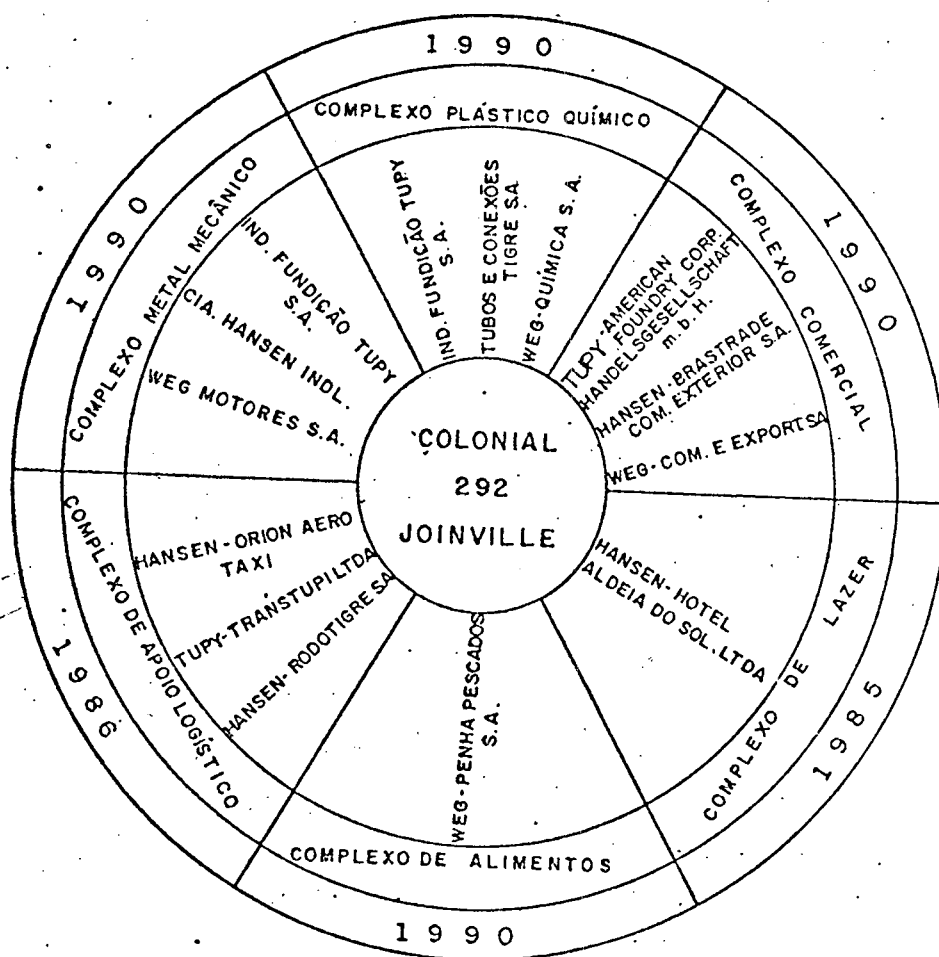
São Paulo, e recentemente na Bahia). Essa política, dá à ARTEX 2,5% (dois vírgula cinco) da produção nacional de algodão brasileiro. As inversões para 85 em estudo no Conselho de Administração atingirão 45 bilhões de cruzeiros. O grupo vai continuar no setor têxtil pela existência da mão-de-obra crescente, baseada na tradição industrial e por ser Blumenau um pólo de malhas do Brasil.

A ARTEX completará 50 anos em 1986, quando será inaugurado o complexo esportivo e social, para uso da família (ARTEX).

Até 1990 Santa Catarina deterá 85% da produção brasileira de malhas.

## 4. PERSPECTIVAS PARA 1990

TUPY, HANSEN, WEG



O modelo integrado acima, é uma extrapolação feita a partir das informações obtidas junto às empresas da microrregião 292 - COLONIAL DE JOINVILLE.

As perspectivas Futuras das:

a) REGIÃO DE JOINVILLE

A Mecânica fina e a Química fina serão a base dos grupos TUPY, HANSEN e WEG para os próximos cinco anos. A robótica, a mecânica de automóveis, bens de guerra e agricultura formarão o tripé do desenvolvimento de produtos das unidades industriais existentes.

b) A EMPRESA INDUSTRIAL FUNDIÇÃO TUPY S.A.

A expansão das Empresas Industriais Fundação TUPY S.A. dar-se-á nos complexos mecânico e Químico-Plástico. Estes dois setores dinâmicos sofrerão inovações e absorverão parcelas ponderáveis de recursos até 1990. Decorrentemente o complexo comercial tenderá à expansão no mercado internacional como resultado da reordenação jurídica do grupo que recentemente implantou o planejamento estratégico e definiu a sua Holding. A Empresa Industrial Fundação TUPY S.A.. Ainda no complexo químico-plástico, a Fundação TUPY S.A., tem duas das seis empresas associadas ao grupo HANSEN e que poderá vir a confirmar-se até noventa um consórcio para a pesquisa científica e trabalho conjunto na química fina. Referentemente ao complexo logístico as bases da



expansão estarão assentadas na região sul e será na infra-estrutura que o grupo deverá gerar mais emprego. A médio prazo o setor metal-mecânico terá sustentação no território catarinense, com a implantação da siderúrgica no sul do Estado. Pelo que representa a nível nacional, o grupo TUPY deverá investir em Carajas para garantir as suas fontes de matéria prima. Se até noventa houver diversificação será no norte brasileiro. Dependerá da política nacional de energia a ser definida mais claramente em 1986.

c) CIA HANSEN INDUSTRIAL S.A.

O presente modelo é um substrato de tendência que o autor imagina que as informações e análises prestadas se efetivarão nos próximos anos. As inovações tecnológicas exigirão dos Diretores e Conselho, programação de investimentos no setor da química fina, que insumará ponderável parcela de recursos. (85 e 86).

O complexo Metal-Mecânico, ainda em formação e voltado à logística de sustentação industrial do grupo como um todo deverá ganhar impulso para diversificação e expansão do campo da mecânica fina, futuro sub-setor de respaldo para suprir o país e o mundo de produtos de paz e de guerra. Este último mercado internacional promissor e de fácil adequação das unidades fa-

bris existentes na microrregião.

O complexo logístico e comercial, fechou o ciclo com a aquisição da Orion Táxi Aéreo Ltda. Com o crescimento do volume de vendas e produção das empresas industriais do grupo, a partir de 86, esta área será responsável pela otimização dos resultados do grupo. Concentrará investimentos de porte na renovação da frota, e na estrutura comercial dentro e fora do país.

O complexo alimentos e lazer é recente e demonstra ser a diversificação mais recente do grupo. Por consequência deverá crescer até 1990.

A concentração industrial que há dez anos atrás, basicamente, estava localizada na microrregião de Joinville, em 1985, concentrar-se-á em São Paulo e Bahia. Mas recentemente ingressou na agropecuária no Estado do Mato Grosso centro oeste brasileiro.

A tendência futura é manter o nível de expansão para fora do território catarinense. O fato alvareiro é que a maior concentração de mão-de-obra encontra-se no Estado no que se refere à criação de empregos, a tendência, pelo alto grau de tecnologia nos próximos anos é absorver proporcionalmente maior quantidade de mão-de-obra. E esta será em tarefas de apoio logístico e/ou semi-direta. Do ponto de vista, da composição do capital, pela tradição, e, postura do seu

fundador, não há perspectiva de abertura para os próximos anos.

d) A ELETROMOTORES WEG S.A

O plano estratégico do grupo WEG prevê os investimentos futuros vão estar voltado para área de INFORMÁTICA, que incluirá a área da ROBOTIZAÇÃO. Também, prevê expansão para as áreas de Química fina, Mecânica de Precisão e Genética Alimentar.

Recentemente a empresa decidiu entrar na área de informática. Apresentou um projeto junto a Secretaria Especial de Informática e foi aprovado. O projeto está voltado para o campo de Continuadores Lógicos Programados, que nada mais é do que o computador voltado para controle de processos industriais. Já está em fase de produção e a diretoria espera que este seguimento seja o grande propulsor do crescimento do grupo. Na área de química fina a WEG, tem hoje uma empresa, a WEG-Química. A par desta empresa foi instalada uma fábrica para transformação da resina de pinus, para a produção de Breu e Terpentina. Na área de genética alimentar, a estratégia do grupo WEG é diversificar. Lançou-se, ao assumir o controle acionário de uma empresa de pesca, no Município de Penha, SC, inicialmente na industrialização de pescado. Mais tarde agre-

gou barcos para captura(6) e o projeto futuro e entrar na área de piscicultura objetivando a criação de peixes e camarão no norte. Atualmente partem do alimento para os projetos pilitos, sempre de forma modesta e econômica, para poder produzir essas fontes de proteínas dentro de condições viáveis.

Quanto as inversões a WEG procederá como no passado, usará os seus recursos e o que for colocado à disposição pelo governo. Se houver recursos compatíveis, vai utilizar. Sejam com incentivo ou não. A Eletromotores WEG S.A. é uma empresa de capital aberto, podendo recorrer sempre que se tornar necessário, ir ao mercado de Ações. Hoje, é um grupo de empresas que trabalha altamente capitalizado. Ainda com referência ao complexo logístico e apoio comercial, será decorrência da consolidação futura dos outros três complexos.

Do ponto de vista organizacional, a WEG recentemente, promoveu com o apoio do Professor João Bosco Lodi reformulação Administrativa. Justamente para a adequação e suporte administrativo às METAS consubstanciadas no Planejamento Estratégico. Segundo o organograma apresentado a Eletromotores WEG S.A. passou a ser a empresa controladora, Holding do grupo, possibilitando a alocação de recursos de acordo com as oportunidades e necessidades. Passando às outras empresas a serem operacionais. Na direção da empresa controlada

existem cinco membros. Um presidente e quadro diretores. Um Vice-presidente na área de Marketing, Planejamento Estratégico, Controle (também a parte jurídica, organização e método, cpd, contábil financeiro), Técnica (macrotecnologia do grupo, laboratórios, normatização, padronização, fixação de tecnologia do grupo) e Relações Humanas. Seguem, as sete empresas do grupo cujo o número de diretores é fixado de acordo com suas necessidades. A geração de emprego, no futuro, dar-se-á com menor intensidade e segundo Egon João Silva a tendência será a concentração das Empresas WEG em Santa Catarina. A ocupação dar-se-á na microrregião de Joinville. A filosofia da WEG, quanto aos recursos humanos observarão o princípio que remota às origens do grupo: "Máquinas, se reforma ou se adquire, dinheiro, quando não se tem, compra ou empresta, Homem a WEG não compra nem empresta. Motiva e oferece oportunidade. Oportunidade de dar a ele condições de aprender a pescar e não dar-lhe o peixe".

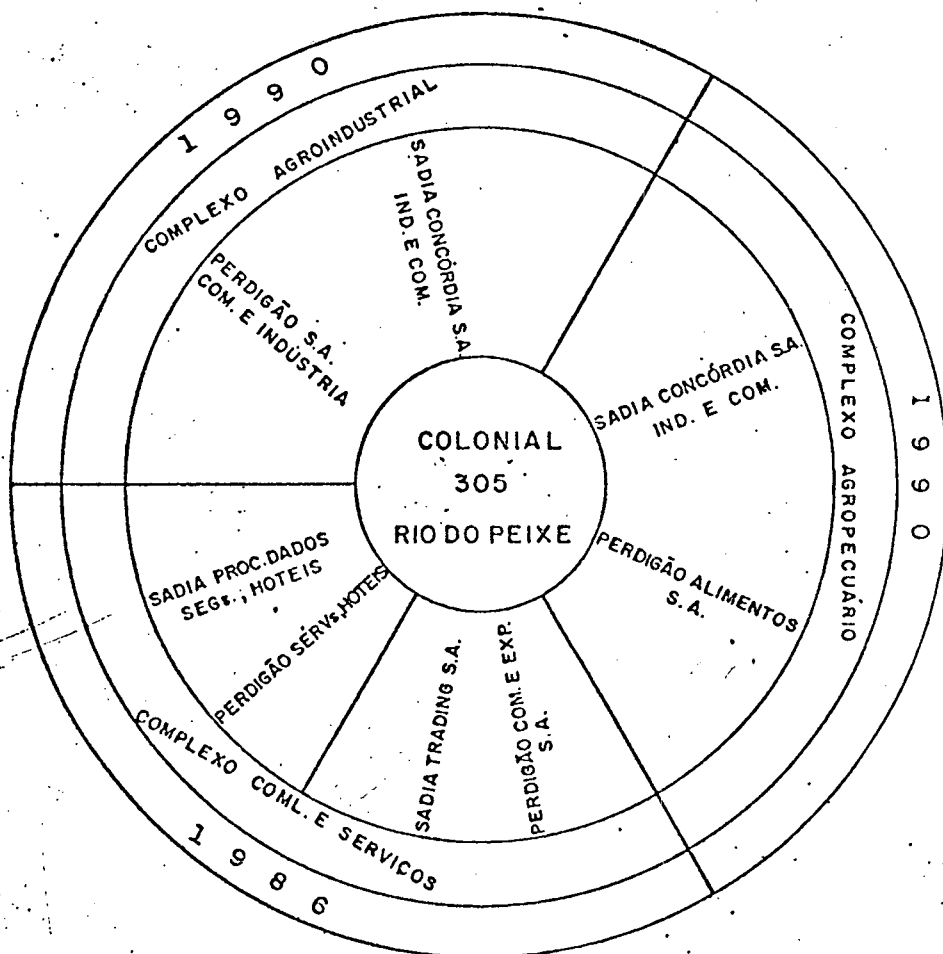
A grande preocupação dos três fundadores, que entre si não têm nenhum parentesco, mas têm famílias e conseqüentemente filhos, é a "sucessão". Aqui também contando com o apoio do Professor Bosco Lodi, estão executando um plano para os próximos 10 anos, diferenciando os interesses da família com os da empresa. A escolarização é o ponto fundamental pois é impor

tante que o grupo tenha a sua continuidade.

A preocupação da WEG que vai para 24 anos de existência, em setembro, é também com a sucessão que deverá ser feita com muito cuidado. Ela é abrangente e atingirá, os nossos familiares que não venham a ocupar cargo de direção deverão estar preparadas, porque eles estarão com o poder nas mãos. Portanto, devem estar capacitados para tomar decisões.

## 5. PERSPECTIVA PARA 1990

## SADIA PERDIGÃO



O modelo integrado acima, é uma extrapolação feita a partir das informações obtidas junto às empresas da microrregião 305 - COLONIAL DO RIO DO PEIXE.

## As Perspectivas Futuras das:

### a) REGIÃO DO VALE DO RIO DO PEIXE

A suinocultura, avicultura e a produção de grãos aumentarão substancialmente a produtividade no setor nos próximos anos. Contrariamente, pelas contingências externas a fruticultura tomará impulso, cujo plantio de maçã, principalmente poderá dar a partir de 1987 auto-suficiência ao mercado brasileiro. Aqui a geração de emprego será significativa até 1990. O vale receberá indústrias novas. Entre elas as empresas USA-TI PORTOBELLO e a CITROSÃO PAULO. Esta última adquiriu as plantações do grupo empresarial PERDIGÃO. A Cooperativa Ltda de Chapecô, em regime de comodato investe em suco de laranja para exportação a partir de agosto de 1985.

### b) A PERDIGÃO S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Recentemente implantou o planejamento estratégico e redefiniu seus objetivos e metas. Ao mesmo tempo que ficou base desde 1980 no Vale do Rio do Peixe com a incorporação dos frigoríficos OURO (Capinzal) e PAGNOCELLI (Joaçaba). Acaba de adquirir o controle acionário do frigorífico gaúcho BORELA ampliando os setores de abate de suínos, aves e óleo de soja. Co



mo se havia diversificado muito nos últimos quatro anos, fixou o Conselho de Administração uma política de concentração e consolidação dos complexos agroindustrial e pecuária desmobilizando as áreas de fruticultura em Fraiburgo e Comunicação (Rádio).

A PERDIGÃO S.A. Indústria e Comércio passa a ser a Holding do grupo que atuará em dois setores braços das empresas PERDIGÃO: 1) Alimentos e 2) Agroindústria. A Perdigão nos seus 45 anos procurará consolidar e manter a sua posição dentro dos limites do território catarinense.

#### c) SADIA - COMPANHIAS ABERTAS

A SADIA Concórdia Indústria e Comércio SA em 1985, transcende a fronteira da Região Sul a caminho do centro oeste brasileiro.

Implanta em 1986, em Goiás a sua maior unidade industrial de beneficiamento da Soja onde mantém sua infra-estrutura de plantio desde 1980.

Toda tendência de consolidação das empresas do grupo SADIA leva-nos aos Complexos Agroindustrial e Pecuário onde a Soja, Suínos e Aves predominarão. São aproximadamente 143 bilhões de cruzeiros demandados para a expansão do grupo em Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

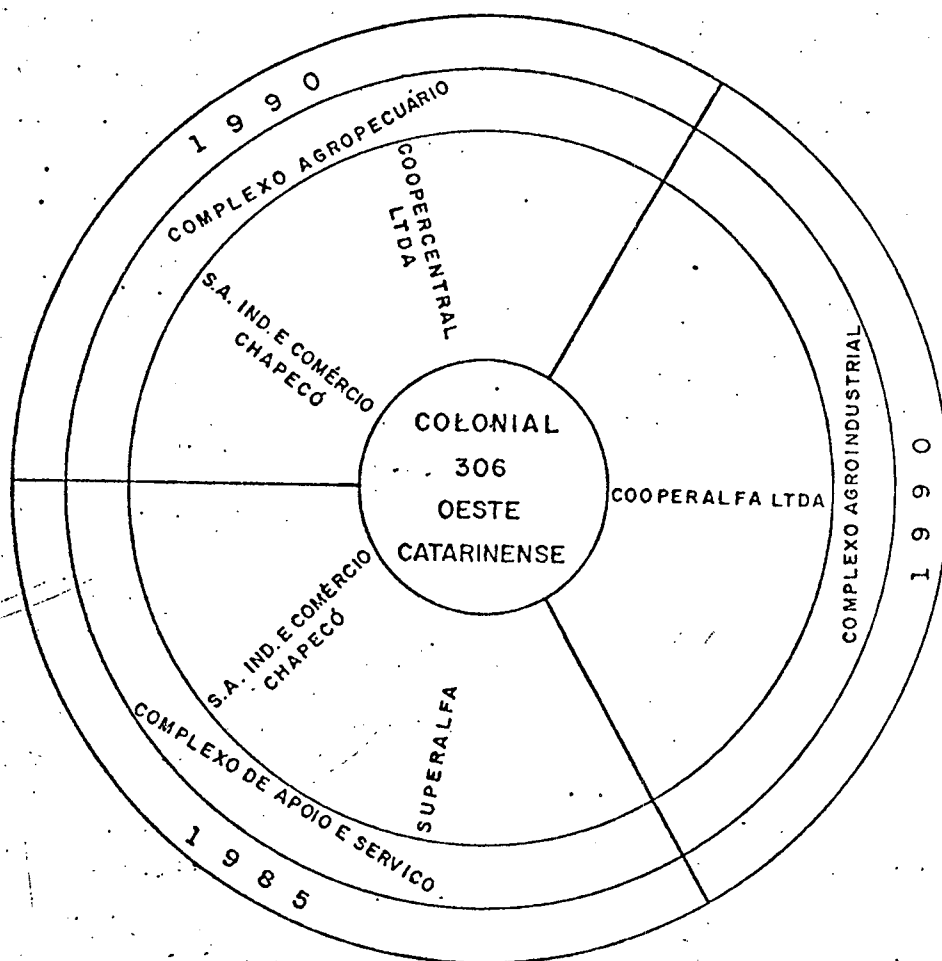
O faturamento previsto para o final deste exercício chega à casa dos seis trilhões e duzentos bilhões de cruzeiros.

Caminhará na verticalização da infra-estrutura do sistema de integrados no estado do Paraná e principalmente no Oeste Catarinense inovando na tecnologia e genética como pioneira na América Latina. Principalmente no setor de aves (perú) em associação com empresa canadense.

Em verdade, os dois grupos cujas origens estão assentadas no Rio do Peixe, refletem o desejo e a filosofia dos titulares seo Atílio e Saul que devem predominar até 1990.

## 6. PERSPECTIVAS PARA 1990

## CHAPECÓ - ALFA



O modelo integrado acima, é uma extrapolação feita a partir das informações junto às empresas da microrregião 306 - OESTE CATARINENSE.

## As Perspectivas Futuras das:

### a) A REGIÃO OESTE CATARINENSE

O Oeste Catarinense, pólo catalizador da agropecuária e indústria buscará na produtividade agrícola a alternativa para maximização das atividades econômicas da região. Muito provavelmente pela presença da Cooperalfa e Central deverá encontrar forma de assentar o agricultor em suas terras e auxiliar os pequenos produtores a encontrar o ponto de equilíbrio para a diversificação da lavoura que permita maximizar os níveis de ganhos atuais.

A área encontra-se retalhada pelo número de empresas frigoríficas principalmente, no extremo oeste, e os recursos alocados para manutenção do sistema de integrados deverá passar por uma revisão do modelo atual.

### b) AS ORGANIZAÇÕES S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO CHAPECÓ

A S.A. Indústria e Comércio CHAPECÓ nos próximos anos consolidará suas empresas em Santa Catarina e Paraná. O seu Plínio que reparte sua vida empresarial, com atividade política buscará como empresa de capital aberto alocar recursos para manter e expandir a

verticalização das empresas do setor de alimentos. Elas responderão por 90% do faturamento do grupo. A preocupação do Conselho de Administração está voltada para a competitividade, produtividade e modernização administrativa. A área social e esportiva deverá ganhar mais estímulo, pois faz parte da praxis da empresa desde sua fundação.

A S.A. CHAPECÓ ao completar 33 anos como pioneira na região, continuará sedimentada no Estado de Santa Catarina, como é desejo de seu fundador.

#### c) AS COOPERCENTRAL E COOPERALFA

A Coopercentral Ltda investirá na expansão do abatedouro de suínos e na implantação do frigorífico de aves em Maravilha com sustentação nos sistemas de pequenos e médios integrados. O objetivo imediato será assentar e tornar produtiva a propriedade do cooperativado.

A geração de empregos em Maravilha com a implantação do frigorífico deve atingir 700 empregos diretos.

A Coopercentral Ltda em regime de comodato juntamente com a Coopervil Ltda de Videira inicia este ano a produção de suco de laranja para o mercado externo, aproveitando a demanda anual de produção de laran-

ja dos produtores do Vale do Rio do Peixe e Oeste.

A Cooperalfa Ltda até 1990 terá aumentada sua capacidade de armazenagem (Silos e Armazens) de 3.500.000 toneladas para 5.000.000. Completará o número de postos de recepção e vendas de insumo fixado quando da fundação e agilizará o FUNDO AGRÁRIO para assentar os filhos dos seus associados. O número de associados manter-se-á na casa de 15.000.

As unidades de produção de farinha de milho e óleo de soja serão ampliados gradualmente nos próximos cinco anos.

A estrutura administrativa de ambas as empresas terão na Departamentalização o processo pelo qual as metas e objetivos das assembléias gerais serão executados.

O Faturamento estimado para 1985 da Central e Alfa deverá ultrapassar a casa dos 900 bilhões de cruzeiros.

Traçadas as perspectivas dos grupos empresariais para 1990, resgata-se de forma objetiva algumas inalações conclusivas. No Capítulo nº 7 tentar-se-á comprovar as hipóteses e objetivos delineados no projeto de dissertação assim como, a proposta para uma nova pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

## CAPÍTULO VI

## 6. PERSPECTIVAS PARA 1990

ABREU, Alcides. O Camino do Homem. Vol. 2. 1982. UFSC.

HERING, Ingo. As Perspectivas da Cia Hering e Associadas. Entrevista Oral, 1985. Blumenau.

SILVA, Egon João. As Perspectivas da WEG para 1990. Entrevista Oral. 1985. Jaraguá do Sul.

JUNIOR, Saul B. O Grupo PERDIGÃO. Entrevista Oral. 1985. Videira.

BONDANESE, Aury. As Perspectivas da Alfa/Central para 1990. Entrevista Oral. 1985. Chapecó.

JUNIOR, Valério-G. As Perspectivas das Empresas Usati-Portobello, 1985.

FILHO, Plínio De Nes. As Perspectivas da CHAPECÓ. Entrevista Oral. 1985. Chapecó.

CAPÍTULO 7



## CONCLUSÕES

Para uma visão mais racional das conclusões partiu-se do HOMEM. Considerado aqui como sujeito e objetivo terminal do processo transformativo de produção.

Deste modo, a ordem conclusiva terá a seguinte sequência:

1. Comprovação das Hipóteses, e
2. Análise, perfil e importância no contexto catarinense.

### a) O HOMEM

Comprovação da hipótese nº 4 "Sobre um certo grau de AUDÁCIA, PIONEIRISMO e INICIATIVA dos titulares desses mesmos grupos".

A origem, evolução e perspectiva dos grupos empresariais catarinenses relacionados têm por base a Empresa Familiar. O que está por detrás da história da industrialização de Santa Catarina ou enriquecimento pela indústria nos titulares de cada uma das primitivas e minúsculas fábricas são: a) o desejo; b) iniciativa e vontade, com pioneirismo e um certo grau de au-

dácia para assimilar os seus papéis e o desempenharem socialmente.

É preciso afirmar que a maioria eram imigrantes que para cá vieram à procura de paz e riqueza. Tinham conhecimento técnico e a convicção de que só o trabalho gera riqueza, mesmo na adversidade.

A característica comum na origem dessas empresas reside na família, espelhada na figura paterna, onde os interesses implícitos do fundador confundem-se com a marca explícita da empresa. Foi uma espécie de relação CRIADOR-CRIATURA que permitiu a prosperidade e o avanço evolutivo das empresas e simultaneamente da região a que estavam inseridas.

O que na verdade estava (e permanece até hoje) por dentro das empresas originais era o "espírito do dono". Foi assim, no início com Hermann e Bruno HERING (1880) até com Werner, Egon e Geraldo em 1961, embora, sejam exceção à regra.

Outro fator que reforça a hipótese comum a todos está centrado na formação do capital social dos modestos empreendimentos iniciais. Todos constituídos de pequenas poupanças como foi o caso para citar um, de Hermann HERING que antes fora contador, fabricante de cigarros e proprietários de botequim, com o saldo de pequenas economias adquiriu de terceiros os equipa-

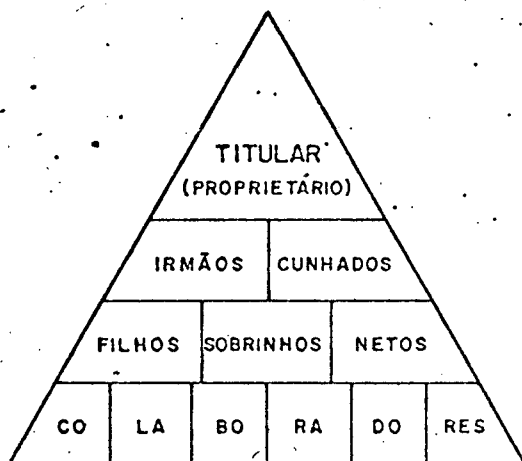
mentos e insumos têxteis com o que iniciou o seu empreendimento. Assim como foi através de aplicações constantes de excedentes de capital é que conseguiram manter, atualizar e expandir seus negócios, pelo menos até meados da década de 1950.

Esse espírito de audácia e risco foi avalizado pela crença de que o melhor capital que tinham disponível era o homem.

Inicialmente a relação de trabalho se confundia com os laços consanguíneos em torno de quem posteriormente outras pessoas se juntaram. Na verdade o conceito de colaborador deu a cada um de seus parceiros a sensação de que pertenciam à família. Sem estes parceiros a família ou empresa não sobreviveria.

A estrutura hierárquica da empresa familiar que deu origem aos grupos pode ser assim desenhada.

MODELO SIMPLIFICADO



climáticas e riqueza do solo".

O acentamento geográfico dos originários empreendimentos deu-se de forma espontânea, podendo caracterizá-lo dentro de um intervalo de tempo que abrange o período de 1880 a 1967. A afinidade entre os imigrantes (raças, hábitos, costumes e interesse coletivo), facilitaram a integração da empresa com a comunidade. O próprio relevo do estado catarinense estimulou o processo interativo.

Pode-se contar, também, que os vínculos fraternos e comerciais com os países de origem, possibilitaram vencer os obstáculos físicos, geográficos, de escassez de matérias primas, maquinárias e tecnologia que marcou o Estado de Santa Catarina de 1880 a 1967.

Com exceção das regiões de Blumenau e Joinville, as demais áreas foram favorecidas pelas excelentes condições climáticas e riqueza do solo. Fértil e propício para a agricultura (temporária e permanente) responsável pelo desenvolvimento agroindustrial e industrial a partir dos anos quarenta.

Do subsolo extrai-se o carvão e a argila, basicamente protegida pela serra do mar, em cujo litoral fornece o alimento, serve, também como canal escoador das riquezas produzidas no Estado para o Brasil e o mundo.

As condições climáticas, a vocação dos catarinenses, o relevo geográfico e a posição estratégica de Santa Catarina em relação ao sul do País, são fatores que possibilitaram a desconcentração industrial, a harmonização econômica e o surgimento dos grupos empresariais catarinenses.

A maioria desses conglomerados expandiu-se, a partir do surto desenvolvimentista dos anos 60 a 70, respectivamente.

#### c) O ESTADO COMO AGENTE REGULADOR DA ECONOMIA

Comprovação da hipótese nº 2 "Na política favorável de ordem governamental".

Quando, em 1890, os HERING (Hermann e Bruno) pioneiros da indústria de malha branca no Brasil completavam 10 anos de atividades da Comercial Gebrüder HERING a economia brasileira sob a égide da I República (espírito agrário cartorário) detinha altas taxas de crescimento dada a expansão da cultura do café que os empresários brasileiros controlavam três quartas partes da oferta mundial.

De 1890 a 1925 a primeira remanescente de um dos grupos selecionados, sobreviveu sem a interferência do Reino, República e Estado, respectivamente.

Externamente as vinculações com empresários paulistas foram decisivas para os então pequenos empreendimentos. O mesmo se dá a nível internacional como foi o empréstimo de instituições alemãs 1.183.113, 21 marcos para a Usina Salto de Força e Luz, posteriormente transformada na Empresa Força e Luz Santa Catarina S.A., constituída de elementos blumenauenses com a colaboração de pessoas de São Paulo ligadas ao movimento por laços econômicos financeiros.

A manutenção da atividade econômica na época, em Blumenau, foi propiciada pelo Sindicato Agrícola do município de Blumenau, que foi organizado e fundado pela VOLKSVEREIN (Sociedade Popular) com o propósito de criar uma "caixa de empréstimos".

Foi em 1907 que surgiu em Blumenau o crédito bancário constituindo-se num marco da história do desenvolvimento econômico do município. Em 1910 a antiga Caixa Econômica anexa ao Sindicato Agrícola passou a denominar-se Caixa Agrícola Cooperativa de Responsabilidade Limitada dos agricultores do município de Blumenau.

Em 1927 a caixa agrícola foi transformada em Casa Bancária, sob a forma de Sociedade Anônima, para atender ao rápido desenvolvimento das transações e do entrelaçamento dos seus negócios com outros estabelecimentos bancários de todos os cantos do vasto território.

rio nacional. Em julho de 1936, a Casa Bancária foi elevada à categoria de banco, passando a denominar-se Banco Agrícola e Comercial de Blumenau, com poderes para criar filiais em outros municípios do estado catarinense. O mesmo procedimento se deu em Joinville com a Casa Bancária de Germano Stein e Carl Hoepcke em Florianópolis.

Contrariamente, na região do vale do Rio do Peixe, foram os atacadistas paulistas que forneciam o giro para fomento da atividade agrícola e pecuária, assim como, comercial da região. O Banco da Província do Estado do Rio Grande do Sul, o Banco Nacional do Comércio S.A., ambos com sede em Porto Alegre supriam de recursos as empresas catarinenses para investimentos em ativo imobilizado e maquinárias. O mesmo fenômeno se observou na região do Oeste Catarinense, onde a indústria extrativa madeireira e ervateira insumavam créditos dos bancos gaúchos para exportação de madeira e erva mate para a Argentina, principalmente.

Este processo que beneficiou as demais regiões, está ligado à subida do sulista VARGAS ao poder com a revolução de 1930. Com ele o espírito e o sentimento nacionalista permitiram à indústria sulina a desenvolver com base no processo de substituição de importações, principalmente as do ramo tradicional, como foi o caso dos grupos catarinenses.

Portanto, a passagem do modelo exportador para o de desenvolvimento autônomo propiciou a expansão da atividade econômica e financeira da região sul e em especial a de Santa Catarina. A subida de Nereu Ramos ao poder como interventor facilitou a ascensão e deslanche de alguns grupos. Assim, como, durante o curto período Presidencial de Nereu Ramos o mesmo se dá.

A vinculação comercial (geradora de dívidas externas) com os países europeus (Alemanha e Itália) possibilitou a expansão de seus produtos no exterior e a geração de recursos para a expansão industrial (máquinas e equipamentos). Nesse período a II Grande Guerra Mundial, cessaram temporariamente as exportações e importações européias, mas permitiram condições de expansão do mercado interno e a reorientação das alocações dos recursos sustentados pelos pequenos bancos regionais.

Em meados dos anos cinquenta as circunstâncias do contexto mundial, vinculam o governo de JUCELINO aos novos interesses produtivos das agências internacionais alocadoras de recursos externos, permitindo a instalação da indústria automobilística brasileira.

A implantação da indústria automobilística permitiu deslanchar em Santa Catarina do pólo metal mecânico em Joinville, comandado pela Fundação TUPY S.A.



As agências de suporte financeiro no Estado eram: Banco do Brasil S.A., Banco Indústria e Comércio S.A. - INCO - sediado em ITAJAÍ, Banco Agrícola Comercial e Industrial S.A. de Florianópolis e os Bancos Nacional do Comércio S.A. e Província do Rio Grande do Sul.

Sincronicamente o Estado de Santa Catarina incerido neste processo implanta e coloca em operação no sul a Usina Elétrica de Capivari, mais tarde Usina Termelétrica Jorge Lacerda. Facilitou com a pavimentação asfáltica a ligação entre o litoral e o planalto catarinense. Deste modo permitiu o escoamento da produção para os vizinhos estados Paraná e Rio Grande do Sul e Centro Sul do país. A Cia Telefônica Catarinense é estatizada, o mesmo acontecendo com a energia elétrica e água.

Data da época, a criação no âmbito do Estado Catarinense de condições humanas e sobretudo financeira de suporte à atividade econômica com a implantação do Banco Regional de Desenvolvimento Econômico S.A. - BRDE com participação acionária dos três Estados sulinos. Meses mais tarde, surgia o Banco do Estado de Santa Catarina (idealizado pelo Dr. Alcides Abreu). Com o controle do Governo Estadual. Segue-se o Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. BADESC S.A. que este ano completa 25 anos de existência.

Este processo que consubstancia a pré-fase da internacionalização da economia, iniciada em 1955 e interrompido em 1961, com a renúncia do Sr. Jânio Quadros, sem que se alterasse substancialmente o processo em curso. Em 1964, após 10 anos de maturação o país resgata sob o comando militar as bases do Estado Brasileiro, cujo governo opta definitivamente pelo modelo de desenvolvimento dependente, que se efetuou através da centralização do poder e politicamente voltado à concentração econômica e expansão das empresas: a) nacionais, b) internacionais e c) estatais.

A constituição federal de 1967 costurou e normatizou o modelo econômico. O Plano Nacional de Desenvolvimento realçou a política e instrumentalizou os campos de atividade econômica que seriam incentivados e ou subsidiados. A Reforma do Mercado Financeiro e da Lei das Sociedades Anônimas estimulam a captação de recursos para as empresas nacionais de capital aberto.

As consequências foram essencialmente favoráveis para a grande maioria das empresas controladoras que puderam verticalizar suas produções, diversificar ou expandir principalmente no Nordeste novas unidades de sustentação, inovar, substituir e desenvolverem processos e novos produtos. Pode-se observar essas vantagens no bojo do capítulo nº 5 Origem e Evolução.

A bem da verdade não foram só os ventos favoráveis da política de governo dos últimos vinte anos. Aliam-se a esse fato os fatores contingenciais de mercado e a manutenção da estrutura do poder ou "espírito do dono", agora centrado na Holding, secundado pela informática e executivos altamente especializados. O exemplo mais evidente é que a partir de 1979, com a retração de crédito internacional e a crise do petróleo tiveram que sobreviver e crescer com altas taxas de juros, restrições de importações, medidas pretencionistas externas e estaginação interna.

Presentemente para reverter o quadro recessivo e estimular o desenvolvimento econômico com nova política industrial ajustada à nova ordem terá que passar por duas premissas básicas:

- a) Necessidade de recomposição da situação financeira dos setores que sofreram deteriorização em decorrência do processo recessivo, preparando-se por outro lado, as bases institucionais para reforçar a capitalização da empresa nacional.
- b) Necessidade de empreender um grande esforço, concentrado e eficiente em pesquisa científica e aplicada com vistas a viabilizar a capacidade de tecnologia.

O eixo central de orientação é a preocupação com a capacidade de adaptação e de incorporação, o mais autônomo possível, da revolução tecnológica em desenvolvimento nas economias avançadas. (Einor A., KOK. "Folha de São Paulo" nº 20.446. 1985).

#### d) O MERCADO

Comprovação da hipótese nº 3 "Expansão dos Mercados Regionais, Estadual, Nacional e principalmente Internacional".

Da abertura do comércio local junto às vilas e colônias feitas em lombo de cavalo ou através de vapor até Itajaí por Bruno HERING a conquista dos mercados gaúchos, paulista e carioca, passariam 26 anos (1889-1915).

A expansão do mercado no Estado deu-se inicialmente por mar e rio. Mais tarde, efetivamente com a implantação do eixo ferroviário. Entre outros: Itajaí, Blumenau-Ibirama-Rio do Sul. São Francisco do Sul-Joinville-Curitiba. Marcelino Ramos (RGS) - Capinzal-Joazeira-Videira-Caçador e Curitiba. No sul, a estrada de ferro - Tereza Cristina ligando: Lauro Muller-Urussanga-Siderópolis-Crisciúma-Tubarão-Laguna e Imbituba, pa

ra escoamento do carvão para o eixo MINAS-RIO-SÃO PAULO.

A estratégica embrionária de vendas era simples eficiente. A maior parte das vendas era à vista contra a entrega da mercadoria. Posteriormente foram designados representantes, e, por último, vendedores viajantes.

No vale do Rio do Peixe, área de comercialização de suínos e cereais, o mercado estava intimamente vinculado a ITARARÉ e SÃO PAULO capital, que em troca abasteciam os comerciantes com tecidos, armarinhos, louças, enlatados, café, peças de reposição e ferramentarias agrícolas em geral.

Em 1943, a Cia HERING aproximava-se do maior mercado consumidor (SÃO PAULO) instalando-se no bairro de Belezinho. Em 1950, a seção de atacados da rua 15 de Novembro, em Blumenau, foi substituída pelas Lojas HERING.

O Oeste Catarinense que utilizava-se do Rio Uruguai para transporte de toras e madeiras e abastecer a população de gêneros a partir de 1920 alcança o Rio Grande do Sul e Curitiba (PR) pela estrada de ferro. Em meados dos anos cinquenta, o desenvolvimento de produtos frescos agiliza as operações comerciais utilizando-se das linhas aéreas regulares da região. Na época, duas empresas de porte médio sublocam aviões

D.C.3 para facilitar o escoamento da produção aos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, principalmente São Paulo (capital e interior).

A abertura das ligações asfálticas no Brasil e principalmente na Região Sul com as BR 101 e 116 acelerou as relações comerciais das empresas catarinenses com o mercado brasileiro. Com elas a expansão da estrutura comercial. Escritórios Regionais de Vendas espalham-se por todas as unidades da federação. Paralelamente pela proximidade com os países do Prata, atingem o mercado externo a) Uruguai, b) Argentina e c) Paraguai.

O modelo associado dependente permite com o resultado da expansão macrorregional da atividade econômica interna a consolidação da comercialização no norte, nordeste e centro oeste do país. Assim como beneficia o ingresso dos produtos primordialmente dos grupos catarinenses no mercado internacional secundado por meia dúzias de TRADES, sem contar as governamentais e privadas.

Nos anos setenta a HANSEN já estava em New York com a BRASTRIDE, em 1976, com a TUBOPAR no Paraguai. Seguem-se a SADIA Trade S.A., CEVAL internacional Ltda e BRATESTEX entre outras.

Os anos oitenta trazem a reorganização e a

expansão dos complexos comerciais, cujas ramificações de alguns atingem os cinco continentes. Com redes de agentes, escritórios vinculados aos principais mercados Mundiais consolidando a perspectiva de maior fatia de ocupação do mercado internacional para seus produtos.

## 2. ANÁLISE E IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS EMPRESARIAIS NO CONTEXTO CATARINENSE

### ANÁLISE

#### 2.1. QUANTO À GERAÇÃO DE EMPREGOS DIRETOS

Por ordem decrescentes os números de empregos diretos atingem 104.034 pessoas assim distribuídos:

1. Hering, Artex, Teka e Sulfabril .....	- Blumenau	38.978
2. Sadia e Perdigão .....	- Rio do Peixe	27.343
3. Hansen, Tupy e Weg ....	- Joinville	16.078
4. Eliane e Freitas .....	- Carbonífera	11.210
5. Chapecô e Alfa/Central Oeste .....	-	5.942
6. Usati/Portobello .....	- Florianópolis	4.483



## 2.2. QUANTO AO FATURAMENTO LÍQUIDO

Os dados sobre o Faturamento Líquido, foram extraídos dos demonstrativos financeiros e Balanços do exercício de 1984 e atingem Cr\$ 8.280.751.000,00 (trilhões de cruzeiros) assim distribuídos:

1. Hering, Artex, Teka e Sulfabril .....	- Blumenau	3.595.735
2. Sadia e Perdigão ....	- Rio do Peixe	2.626.063
3. Hansen, Tupu e Weg ..	- Joinville	923.487
4. Eliane e Freitas ....	- Carbonífera	514-558
5. Chapecô e Alfa/Central .....	- Oeste	434.739
6. Usati/Portobello .....	- Florianópolis	186.169

## 2.3. QUANTO AO PATRIMÔNIO LÍQUIDO

O Patrimônio Líquido dos grupos empresariais catarinenses atingem Cr\$ 3.283.310.000,00 (trilhões de cruzeiros) assim distribuídos: (Vide folha anexa)

## A N E X O

1. Sadia e Perdigão .....	Rio do Peixe	1.320.512
2. Hering, Artex, Teka e Sulfabril .....	Blumenau	663.965
3. Hansen, Tupy e Weg ....	Joinville	657.581
4. Eliane e Freitas .....	Criciúma	261.296
5. Usati.Portobello .....	Florianópolis	231.155
6. Chapecô e Alfa/Central Oeste		148.801

Individualmente o maior Patrimônio Líquido  
 pertence ao grupo HANSEN com Cr\$ 401.738.000,00 (bi-  
 lhões de cruzeiros).

#### 2.4. QUANTO AO LUCRO LÍQUIDO

O lucro líquido gerado em 1984 pelos grupos empresariais somam Cr\$ 543,183.000,00 (bilhões de cruzeiros) assim distribuídos:

1. Sadia e Perdigão .... - Rio do Peixe	288.067
2. Hansen, Tupy e Weg .. - Joinville	112.184
3. Hering, Artex, Teka e Sulfabril ..... - Blumenau	95.242
4. Chapecão, Alfa/Central - Oeste	25.565
5. Usati/Portobello .... - Florianópolis	17.340
6. Freitas ..... - Carbonífera	3.782

Os quatro parâmetros analíticos acima apresentados demonstram a grandiosidade econômica e a importância dos Grupos empresariais no contexto microrregional e estadual. Referimo-nos a contribuição na formação do Produto Interno Bruto e Geração de Rendas e Riquezas.

Para robustecer estas afirmações, excluídos

os aspectos polêmicos da distribuição da renda, efetuar-se-á correlação dos grupos catarinenses com as empresas nacionais. Referir-se-ão especificamente aos parâmetros explicitado no Capítulo nº 2 - item 2.2.

### 3. CORRELAÇÃO DAS EMPRESAS BRASILEIRAS COM OS GRUPOS EMPRESARIAIS CATARINENSES

#### PARÂMETROS

1. Os mesmos Setores e Gêneros;
2. Critérios de Proporcionalidade Analítica;
3. As Mesmas Variáveis: a) nº empresas e b) nº faturamento e nº de empregados;
4. A Correlação compreende os dados contidos nos quadros nºs 2 e 8 perfis Brasileiro e Catarinense.

#### a) Específicas - Correlação Quantitativa

1. O Número de Empresas	%
1.1. Brasileiras	100.0
1.2. Grupos Empresariais Catarinenses	16.9
2. O Faturamento Global	
2.1. Brasileiras	100.0
2.2. Grupos Empresariais Catarinenses	2.9

3. O Setor Industrial (trilhões Cr\$)	
3.1. Brasileiras	185.589
3.2. Grupos Empresariais Catarinenses (3.9)	7.329
4. O Grupo Tradicional (trilhões Cr\$)	
4.1. Brasileiras	56.427
4.2. Grupos Empresariais Catarinenses (11.0)	6.240
5. O Grupo Dinâmico (trilhões Cr\$)	
5.1. Brasileiras	129.162
5.2. Grupos Empresariais Catarinenses (0.1)	1.089
6. O Número de Empregados ou Pessoas Ocupadas	
6.1. Brasileiras	3.106.400
6.2. Grupos Empresariais Catarinenses (0.3)	104.931
7. Setor Terciário	
7.1. Brasileiras	80.745
7.2. Grupos Empresariais Catarinenses	939

b) Geral - Os Gêneros e a Concentração Industrial

1. A Proporcionalidade dos Gêneros em Relação ao Setor Industrial

Comparativamente o Setor Industrial Brasileiro (Empresas Brasileiras) concentrava em 1984, 69,5% do universo das empresas arroladas no grupo Dinâmico e 30.5% no Tradicional. Opostamente os grupos empresariais catarinenses concentravam 85.0% no Tradicional e 14.9% no Dinâmico.

## 2. Os Gêneros Industriais de Maior Significação

Dentro dos Gêneros Industriais das Empresas Brasileiras analisadas o Dinâmico - Químico - concentra maior faturamento seguido pelo Tradicional - Produtos Alimentares -. Inversamente os Gêneros Industriais onde estão os Grupos Empresariais Catarinenses com maior faturamento são: Tradicional - Produtos Alimentares, Têxtil e Vestuário. Seguem-se os Dinâmicos: Plástico, Mecânico e Minerais Não Metálicos.

## 3. Os Gêneros Industriais que Absorvem maior Contingente de mão de obra.

Aqui tanto as Empresas Brasileiras como os Grupos Empresariais Catarinenses têm a maior concentração de Mão de Obra no Grupo Tradicional principalmente nas indústrias de Produtos Alimentares, Têxtil e Vestuário. Seguem-se o Grupo Dinâmico a nível nacional nas indústrias Metalúrgicas, Químicas, e Mecânicas. No

Estado na indústria Cerâmicas, (Minerais Não Metálicos), Material Elétrico, Mecânica e Metalúrgica.



## BIBLIOGRAFIA

## CAPÍTULO VII

## 7. CONCLUSÕES

ABREU, Alcides. Entrevista Oral. 1985. Florianópolis.

EINAR, Alberto Hok. Artigo por "Uma política industrial". "Folha de São Paulo", nº 20446, Economia em debate, pg., 11. 1985.

GAPLAN. Números de Santa Catarina. 1985.

HERING. Ingo W. Entrevista Oral. 1985. Blumenau.

MATTOS, Fernando M. Artigo "Desafios de Santa Catarina. (Cenário Quinquenal). O Estado nº 21.209 - Ponto de Vista, p. 2. 1985.

SILVA, Egon João da. Entrevista Oral. 1985. Jaraguá do Sul. Fita 1. Lado 2. Santa Catarina.

CAPÍTULO 8

BIBLIOGRAFIA

## CAPÍTULO Nº 1

LODI, João Bosco. A Empresa Familiar. Livraria Pioneira. Editora Ltda. São Paulo. 1978. p. 49 a 142.

\_\_\_\_\_. O Fortalecimento da Empresa Familiar. Livraria Pioneira Editora Ltda. São Paulo.

VASCONCELOS, Augusto, e NOGUEIRA, Roberto Goulart de Oliveira. Empresas Sistemas e Analistas. R.J. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1 a 6.

## CAPÍTULO Nº 2

ASSIS, José Carlos. A Chave do Tesouro. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra S.A., 1983.

\_\_\_\_\_. Os Mandarins da República. R.J. Editora Paz e Terra S.A., 1983.

BRUM, Argemiro J. O Desenvolvimento Econômico Brasileiro. Petrópolis. R.J. Editora Vozes. 1982.

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. Fundo de Cultura, 1963. São Paulo.

MARTINS, Carlos E. Capitalismo do Estado e Modelo Político no Brasil. R.J. Edições de Graal. 1977

SERRA, José. Ciclos e Mudanças Estruturais. Editora Brasiliense. 1982.

SIMONSEN, Roberto C. História Econômica do Brasil. 1500-1820. São Paulo. Cia Editora Nacional. 1978.

C.N.I. Relatório O Desempenho da Economia Brasileiro em 1984 e Perspectiva para 1985. Março 84. Rio de Janeiro.

Revista Visão. Quem é Quem na Economia (1974/1984) Agosto. São Paulo.

S.I.C. Dados Econômicos. 1984. Diversos.

### CAPÍTULO Nº 3

ABREU, Alcides. O Caminho do Homem. Santa Catarina. Vol. II. Imprensa Universitária. UFSC. 1982.

MATTOS, Fernando M. A Industrialização em Santa Catarina. Santa Catarina. IOF. 1968.

MATTOS, Fernando M. Santa Catarina. Tempo de Angústia e Esperança. S.C. Edição do Autor. 1976.

SANTOS, Silvio C. Nova História de Santa Catarina. Edição do Autor. 1974.

CEAG-CEBRAE. Análise da Indústria de Transformação de Santa Catarina. S.C. Edeme. 1974.

\_\_\_\_\_. A Evolução Histórica-Econômica de Santa Catarina. Imprensa Universitária. 1980.

FIESC - ITEP. Cadastro Industrial 83/84. S.C. 1984.  
Diagnóstico da Economia Catarinense. Volumes I a IV.  
S.C. Imprensa Oficial. 1980.

IBGE. Sinótese Preliminar. Censo Demográfico. Santa Catarina. FIBGE. 1981.

SIC/GAPLAN. Empresas dos Principais Municípios de Santa Catarina. 1984.

\_\_\_\_\_. Dados sobre Empresas Catarinenses. S.C. 1984.

SIC/POSIÇÃO. A Grandeza da Empresa Catarinense. S.C. 1982.

## CAPÍTULO Nº 4

FILHO, Esperidião A. Mensagem à Assembléia Legislativa. IOESC. 1985. Florianópolis.

MATTOS, Fernando M. Santa Catarina NOVA DIMENSÃO. 1973. UFSC. Florianópolis.

SIC. Dados sobre a Economia Catarinense.

Revista Visão. Quem é Quem na Economia. Agosto de 1984. S.P.

## CAPÍTULO Nº 5

GAIDZINSKI, Edson. O Grupo Max. Eliane. 1985. Criciúma.

FRANCISCO, G.. A Fundação Tupu S.A. Entrevista Oral. 1985.

SILVA, Egon João. A História da WEG. 1985. Entrevista Oral. Joinville, S.C.

BERN, Heinrich. O Grupo Hansen. Entrevista Oral. Joinville.

A  
 DELLA ROSA, J.E. A Sulfabril e a Valorização do Homem.  
 1985. Blumenau.

BORDA, João de. A TEKA é a Integração do Homem e Empre  
 sa. Entrevista Oral. 1985.

HERING, Ingo W. Linhas de Ação da Cia HERING e Associa  
 das. Entrevista Oral. 1985.

ZADROSNY, Carlos C. A Artex S.A. História. Entrevista  
 Oral. 1985.

A Hering de Blumenau. Um século 1880 a 1980. 1980.  
 Artes Gráficas S.A. - S.P.

MAMIGONIAN, Armên. Estudo Geográfico das Indústrias de  
 Blumenau. 1966. IBGE. R.J.

SCHULZ, Ernesto. Os números da Hering. Entrevista Oral.  
 1985. Blumenau.

ABREU, Alcides. O Caminho do Homem. 1985. UFSC.

FONTANA, Atílio. A História da Minha Vida. Ed. Vozes.  
 1985.

BRANDALISE, Saul. O Retrato do Homem. 1985. Ed. S.P..



JUNIOR, Saul B. O Grupo Perdigão. Entrevista Oral.  
1985.

FILHO, Plínio A. As Empresas Chapecô. 1985. Contacto  
Verbal.

BONDANESE, Aury. COOPERATIVISMO e PRODUTIVIDADE. Entre  
vista Oral. 1985. Chapecô.

#### CAPÍTULO Nº 6

ABREU, Alcides. O Caminho do Homem. Vol. 2. 1982. UFSC.

HERING, Ing. As Perspectivas da Cia Hering e Associa-  
das. Entrevista Oral. 1985. Blumenau.

SILVA, Egon J. As Perspectivas da WEG para 1990. Entre  
vista Oral. 1985. Jaraguá do Sul.

JUNIOR, Saul B: O Grupo PERDIGÃO. Entrevista Oral.  
1985.

BONDANESE, Aury. As Perspectivas da ALFA/Central. 1985.

JÚNIOR, Valério G. As Perspectivas das Empresas Usati/  
Portobello. 1985.

FILHO, Plínio De. As Perspectivas da Chapecó. Entrevista Oral. 1985.

## CAPÍTULO Nº 7

KOK, Einar A. Artigo. "Por uma política industrial" - "Folha de São Paulo", nº 2044. p. 2. Economia em Debate.

MATTOS, Fernando M. Desafios de Santa Catarina. Cenário Quinquenal. O ESTADO nº 21.209. Ponto de Vista. p. 2. S.C.

ABREU, Alcides. Entrevista Oral. 1985.

Balancos e Perspectivas. O Custo Econômico da Transição Democrática. A Gazeta Mercantil, nº 18.040. 1985.

SILVA, Egon J. Entrevista Oral, 1985. Jaraguá do Sul.

HERING, Ingo W. Entrevista Oral. 1985. Blumenau.

GAPLAN. Números de Santa Catarina. 1985. IOESC. 1985.